

Caronas, cagadas e cervejas

VACACIONES

Ana Paula Barbi

São Paulo

23.12.03

Passei o dia inteiro tentando achar o momento certo de contar para minha mãe que quero ir para Buenos Aires. Obviamente vou dizer que estou indo para aprender espanhol (ha) já tenho alguns cursos em mente (haha) e pretendo trabalhar (hahaha).

Ok, talvez eu corte a parte do trabalho porque mamãe não é idiota, me conhece desde que nasci e acompanha os jornais com uma certa frequência, então é muito provável que ela saiba que arrumar emprego na Argentina não será a tarefa mais fácil do mundo. E mesmo se fosse, ela sabe que eu não sou muito chegada nesse negócio de emprego. Mas a ideia de dizer que existe um curso é sensacional.

P.S: Acabei de ver no jornal que bombas explodiram em Buenos Aires. Sempre que eu resolvo ir para algum lugar bombas explodem no local no dia que eu dou as boas novas para mamãe, vide quando eu dei a notícia de Dublin. Bom sinal? Mau sinal? Vamos acompanhar.

29.12.03

Demorou uma semana e alguns folhetos falsos do meu curso de espanhol fictício, mas deu certo. Em Janeiro irei para Buenos Aires com todas as despesas pagas por no mínimo três meses."Todas as despesas pagas" não inclui a passagem de R$314,70 mas essa foi a única condição imposta. Aliás, eu que dei mole e menti que tinha esse dinheiro só para fazer uma moral (mães não gostam de saber que as filhas possuem apenas dezesseis centavos na conta bancária).

Até dia 27 eu tenho que arrumar trezentos e quatorze reais e setenta centavos, mas dá-se um jeito.

25.1.04

Festas de despedida são divertidas e constrangedoras por que você pensa "foda-se, estou indo embora, vamos beber, dar vexame e falar verdades". A parte de falar verdades é a que mais fode, mas tudo bem quando termina bem. Fiquei bem bêbada, vendi rifas falsas para conseguir o dinheiro da passagem e me diverti muito com meus amigos.

Fiquei escolhendo as músicas que vão cantar para mim na rodoviária (seria mais legal se fosse no aeroporto, mas é o que tem pra hoje). Leaving on a Jet Plane é uma forte candidata, mas como eu vou viajar de ônibus a letra perde um pouco do sentido. Talvez a gente vá de "please don't take my sunshine away...", mas é provável que ninguém nem vá na rodoviária porque prometeram bêbados e bêbados costumam fazer promessas que não pretendem cumprir.

Talvez role mais uma festinha de despedida na segunda-feira, mas nunca se sabe. Acabei de ter uma ideia: Beber antes de ir viajar. O ônibus sai às nove horas, então dá para fazer um happy hour e viajar no grau. Acho que devo beber vinho, assim eu durmo que é uma beleza e provavelmente só acordarei já em Buenos Aires.

É, acho que eu vou beber sim.

26.1.04

> From: Didi
>
> To: Polly
>
> (...) Fui falar com ela e claro, mencionei o seu bendito nome. Não perderia a oportunidade por nada nesse mundo. Falei que você estava fazendo, naquele exato momento, uma linda e emocionante festa de despedida. Ela perguntou para onde você ia "dessa vez" e eu disse que para a Argentina. Então ela soltou a bomba: "Ai, ela não para, viu." Basicamente é uma frase que não quer dizer muita coisa mas eu senti toda uma maldade contida nela. Se você juntar o "dessa vez" com "ai, ela não para, viu" vira uma bomba relógio. Mas eu te defendi e falei que pelo menos você não continua na mesma sempre. O que foi

toda uma frase de efeito, mas confesso que acho que ela não ouviu. Mas foi a melhor frase de efeito que já soltei.

27.1.04

Ontem, no melhor estilo Televisa, rolei escada abaixo. Se estivesse grávida era aborto na certa. Foi bem engraçado, se você parar para pensar. Porque quando eu digo que rolei, eu quero dizer ROLEI do primeiro ao último degrau. Degrau por degrau, step by step uh-baby. E agora tudo dói. Muito. Logo hoje que eu vou passar 35 horas sentada minha bunda resolve ficar roxa. Três coisas que merecem ser levadas em consideração: 1. Eu tenho uma sandália preta muito muito alta com o salto muito muito fino e vivo andando bêbada com ela para cima e para baixo sem perder a dignidade ou dar tropeções, mas deixo pra cair quando estou sóbria e de chinelos.

2. Instantes antes de cair eu estava comentando que uma pessoa (vamos chamá-la de "Tesourinha") adora tesourar a felicidade alheia e morre de inveja de todo mundo, daí eu caí. Certeza que foi praga da Tesourinha.

3. Eu ganhei um rímel novo maravilhoso, então quem se importa com alguns hematomas?

Buenos Aires

29.1.04

ok, vamos por partes. Que diabo é postres? A mulher ficou meia-hora perguntando se eu queria postres. Postres. Alguém me explica que mierda é essa?

*

Maravilhas do Espanhol Parte I: Nombre e Apellido. Nombre é nombre e apellido eu pensei que fosse, você sabe, apelido. Tipo fofucha, neneco ou, no meu caso, Polly. Daí eu preenchi o papel colocando Polly em apellido. Foi então que eu descobri que apellido na verdade quer dizer sobrenome e consequentemente descobri que não me chamo Ana Paula Polly. Ana Paula Barbi seria o correto. Apellido = sobrenome.

Anotem.

*

A viagem foi tranquila, exceto pelo cara sentado do meu lado que passou as 35 horas tentando fazer amizade e não me deixava dormir. Moço, não estou procurando novos amigos e mesmo se estivesse o último lugar que procuraria seria em um ônibus da Pluma.

*

Maravilhas do Espanhol Parte II: Na imigração eu estava esperando minhas malas no outro lado da esteira e faltava uma. O funcionário começou a gritar "Suja! Suja!" e duas coisas passaram pela minha cabeça. 1) fodeu, o cara acha que eu estou levando alguma coisa "sujeira" (i.e: ilegal) na mochila; 2) quem esse merda pensa que é para me chamar de sujaaaaa?!?! Foi então que descobri que ele estava apenas querendo dizer que a minha mala estava do outro lado. Suja, Suja - dizia ele enquanto apontava para minha mochila. Suja = sua.

Anotem.

*

Com o corte de cabelo adequado os argentinos seriam as pessoas mais bonitas do mundo. Alguém deveria avisar para eles que mullet não dá. Em vez de se reunir em praça pública para lutar pelos direitos da democracia alguém deveria pegar um megafone e começar a educar a sociedade sobre mullets. Acho que eles não percebem que isso é errado. Deixar uma parte do cabelo mais comprida e trançá-la é uma coisa que não pode continuar acontecendo. Basta!

*

Maravilhas do Espanhol Parte Final: Como ninguém entende puerra nenhuma do que eu falo, eu evito falar. E só digo que sou brasileira em último caso pois eles acham que brasileiros entendem espanhol. E não adianta falar que não hablas porque na cabeça cheia de mullets deles eles acham que tu hablas. NO HABLO PICAS, SEÑOR!

Daí eu estava morrendo de fome mas muito cansada para ter que fazer mímicas e responder perguntas e ter que lutar por um prato de comida, então resolvi comprar um alfajor e uma coca num kiosko. Paguei o senhor e estava com o alfajor, o troco e a coca na mão, tentando organizar minhas coisas quando o dono do tal kiosko tirou o alfajor e a coca da minha mão e começou a dizer alguma coisa que não entendi. Sem entender nada do que eles estava falando, já comecei a barraquear e DEVOLVE MINHAS COOOISAAAS, EU VOU CHAMAR A POLÍCIIIIIAAAA SEU SAFADOOOO quando entendi que ele estava segurando minhas coisas para eu poder guardar o troco na carteira. Muito gentil da parte dele, não?

Fora isso está tudo bem.

30.1.04

Querido diário, Buenos Aires é o terror das pessoas que fazem chapinha porque faz um calor do demônio e todos os lugares tem ar-condicionado então você corre o risco de levar gotas bem no meio da cabeça a qualquer momento. Tenho andado no meio-fio para evitar problemas. Antes ser atropelada do que encrespar a raiz.

1.2.04

Saí com um argentino e reclamei que essa cidade não foi feita para gente que usa sapatos bons e ele disse que depois da morte da Evita nunca mais reformaram as calçadas porque ela era a única que realmente se importava com saltos. Ain't he funny?

Em outras notícias: meio que abusei sexualmente de um inglês ontem.

2.2.04

Ontem fiquem respondendo perguntas sobre o carnaval que meus colegas de quarto israelenses faziam, mas como cago pra carnaval precisei dar uma inventada nas respostas. É verdade que os blocos em Ouro Preto começam cinco da manhã? Sim, claro. (Sei nem onde fica Ouro Preto.) Eram duas meninas e um menino, mas ele ficou quieto a maior parte do tempo - provavelmente porque sabe que rolarão mulheres querendo dar para ele em qualquer cidade que ele vá, então não está muito preocupado com o itinerário. Uma das meninas perguntava sobre as cidades, perguntava sobre o carnaval de cada uma e depois perguntava "mas tem muito preto lá?". Todo mundo sabe que eu não sou a pessoa mais politicamente correta do mundo, mas pensei - puxa vida, ela é de Israel, deve sofrer preconceitos pra caralho e fica nessas de querer saber se vai ter negro na cidade ou não? E daí eu respondia que, sei lá, pode ser que sim pode ser que não. A amiga dela ficou um pouco irritada com isso e depois de um tempo eu entendi o que estava acontecendo. A israelense #1 acabou de passar três meses viajando pelo Brasil e adorou, mas não gostou muito do sul e diz que o povo na Bahia é mais "amigável". Traduzindo: ela curtiu a mangueira dos negões

baianos. E a israelense #2 já tinha decidido que elas iam passar o carnaval em Florianópolis porque é mais perto e "mais civilizado". Traduzindo: mais branco. Então as duas começaram a bater boca feio em hebraico. As únicas palavras que eu entendia eram carnaval e nigger. E eu ainda reclamo do espanhol.

3.2.04

A Dura Vida em Albergues Parte I: Um quarto, sete pessoas. Quatro israelenses, uma alemã, um austríaco e uma brasileira. Praticamente um holocausto esperando para acontecer, se você descontar a brasileira.

*

Me responda: O que eu devo dizer na próxima vez que um argentino contar - em português - que tem várias amigas brasileiras que moram em Porto Seguro e trabalham no Axé-Moi? Sabe, eu nunca pensei que fosse ouvir a palavra Axé-Moi novamente, mas a vida é cheia de surpresas.

*

A Dura Vida em Albergues Parte II: Meus hematomas nunca vão melhorar porque toda noite - mais uma vez para enfatizar: toda noite - eu tenho que pular a janela para entrar no quarto pois meus companheiros fazem absoluta questão de trancar a porta quando vão dormir, esquecendo das pessoas com vida social que ainda não voltaram. Hoje eu perguntei se rola deixar a porta aberta e eles disseram que é melhor trancar por causa do ar-condicionado. Com licença? A tranca deixa o ambiente mais geladinho? Foi isso que eu ouvi? Sim. Foi isso que eu ouvi. E não adianta discutir porque, como já disse, aquele quarto é um holocausto esperando para acontecer.

*

Eu detesto o espírito mochileiro dessas pessoas. Ontem eu saí com umas australianas que conheci quando estava dando voltinhas no centro e elas ficaram inconformadas com o meu salto alto. Sabe, não é porque você está viajando sozinha que precisa deixar o desconforto em casa. E eu também detesto aqueles cintos ridículos que gente cafona usa para carregar dinheiro em viagens. Ele sempre aparece por baixo da roupa e as pessoas geralmente são idiotas o bastante para carregar todos os pertences e documentos nele, facilitando bastante a vida de assaltantes.

*

A Dura Vida em Albergues Parte Final: Ontem eu cheguei em casa e tinha um cara pelado dormindo na minha cama.

4.2.04

As Maravilhas de Morar em Albergues Parte Única: Ontem eu estava andando na rua e tive que parar para admirar o cara mais lindo do mundo que passou por mim. Ele era lindo, e o que é melhor: sem mullets. Fiquei lá, toda boba vendo ele ir embora e suspirei, pensando que nunca mais iria encontrar com ele novamente. Hoje de manhã ele estava na mesa do café e eu descobri que ele está no quarto ao lado. Amo esse albergue.

7.2.04

Não tem como sair com três israelenses, uma argentina e uma francesa achando que vai dar tudo certo. É tão óbvio que coisas bizarras como ir parar no meio de um bar cubano em pleno gueto portenho vão acontecer, que não sei nem porque me dou ao trabalho. Daí você vai dormir lá pelas seis da manhã e é acordada por uma das israelenses te chacoalhando porque ontem disse que queria ir com ela no jardim botânico. Você gasta um bom tempo explicando que não se lembra de ter dito isso e que dá próxima vez que estiver bêbada qualquer pedido para te acordar cedo não deve

ser levado em consideração. Principalmente se for pra ir no JARDIM BOTÂNICO.

10.2.04

- rápido: o que é tarado?
- bobo, mas sem conotação sexual
- ufa
- por quê?
- o cara do posto descobriu que eu sou brasileira e agora insiste em ser meu amigo, daí ele soltou uma piada idiota que eu não entendi e quando viu minha cara de -q disse "não liga não, eu sou tarado mesmo"

14.2.04

Eu acho que o Aurélio deveria incluir o adjetivo "Vila Olímpia" em sua próxima edição.

- E aí, como tava o bar?
- Meio Vila Olímpia.

Nada descreve melhor um ambiente.

17.2.04

Comecei a usar "tava bêbada" como desculpa pra tudo. É uma filosofia parecida com "wasn't me", popularizada por Shaggy, mas em vez de negar que fez merda você simplesmente bota a culpa na bebida. Um americano que está no mesmo quarto que eu ouviu vários "tava bêbada" quando veio tirar satisfações sobre umas coisas que eu tinha dito ontem.

Parece que no meio da noite ele veio perguntar por que eu era sempre tão seca com ele e aparentemente eu respondi "porque eu não gosto de você".

Desculpa, eu tava bêbada.

E agora somos melhores amigos.

23.2.04

Minha franja chegou num ponto em que simplesmente não dá mais. Fica caindo no rosto, não para atrás das minhas orelhas de abano, completamente desigual... sem falar no meu moicano. Sim, eu tenho um moicano. Um dia eu fiz um penteado sensacional mas uma parte insistia em não parar quieta então eu fui lá e cortei. Desde então eu tenho um moicano. E não adianta tentar deixar crescer porque sempre chega uma hora em que não dá mais, gel nenhum funciona e eu fico parecendo o Pica-Pau. Essa agora é agora.

Mas não vamos nos esquecer que eu eu estou na Argentina, terra dos penteados grotescos. Entrei em um salão que parecia ajeitadinho, olhei para o lado e vi um cara com um mullet até a cintura e tive vontade de sair correndo. Olhei para o outro e vi uma mulher com um pega-rapaz. Olhei para o relógio, percebi que estava atrasada para um compromisso imaginário e saí correndo do salão sem dizer nada.

Onde eu vou encontrar um cabeleireiro decente nessa cidade? Me recuso a entregar meu cabelo nas mãos de uma pessoa que pode começar a cantar um fio de cabelo no meu paletó a qualquer momento. E eu não posso simplesmente cortar meu cabelo em casa porque quandotento fazer essas coisas acabo com moicanos indesejados.

Acho que vou abordar pessoas com cabelo bom na rua. Oi, desculpa incomodar, mas onde você corta o cabelo?

27.2.04

Minha noite de réveillon foi surreal e inspiradora: do nada, em plena Avenida Paulista, um mendigo jogou notas e mais notas de dois reais para o céu. Um vendedor de cervejas, Didi e eu fomos ao delírio e começamos o ano com dinheiro no bolso. Dinheiro caído do céu.

Desde então eu tenho encontrado dinheiro por todas as partes. Achei dez pesos no chão, sempre aparece dinheiro na minha carteira, toda vez que eu ligo para a minha mãe de algum orelhão (a cobrar, obviamente) caem moedas quando eu desligo... Dinheiro me encontrando por todos os lados.

É óbvio que mais cedo ou mais tarde a fonte iria secar. Ontem eu perdi minha carteira. Perdi não, esqueci em um restaurante. Voltei correndo e ela ainda estava lá, mas o mesmo não pode ser dito do dinheiro. É necessário um tipo de cara de pau em extinção para dizer "oh, sim, nós guardamos a sua carteira" mas esquecer de mencionar que pegou o dinheiro para você antes de guarda-la. Mas foda-se, nem era tanto dinheiro assim.

Daí hoje eu estava contando minhas moedas para comprar um café e o que aconteceu? Minhas moedas caíram em um bueiro. Mas foda-se novamente, eram apenas moedas.

O problema é que agora eu estou com medo. Será que isso é só o começo? Todo o dinheiro que eu achei esse ano será tomado de volta pelas forças que regem o universo?

Me abraça.

São Paulo

12.5.04

Ontem teve festinha de aniversário da Angélica, animada pelo ecletismo beirando a esquizofrenia. sequência de DVDs que foram assistidos: Best of Blur, Shania Twain, Kiss, Andrea Bocelli, Oasis, CPM22 e A Morte do Demônio, estrelado pelo mito Bruce Campbell.

Da série – Os Melhores Estupros do Cinema: A Morte do Demônio:

Cinco amigos resolvem passar o fim de semana em uma cabana nas montanhas, mas no meio do caminho eles se deparam com uma casa abandonada e acabam ficando por lá. Eis que Shelly, a mais gatinha do grupo, ouve barulhos fora da casa e, mesmo sabendo que eles tinham acabado de liberar o demônio lendo o livro dos mortos, resolve dar uma volta pelo bosque para investigar os barulhos usando seu melhor *pegnoir*. Possuídas por forças malignas, as árvores do bosque estupram Shelly, que, por um instante, parece gostar do ar puro. Felizmente Shelly consegue escapar antes que a árvore tenha tempo de acender um cigarro e sobrevive para ser possuída novamente mais tarde. Fato curioso: quando Shelly bate desesperada na porta da casa podemos notar que a calcinha dela está intacta. Impagável.

15.6.04

A lista de pessoas que me odeiam é praticamente infinita. Cada dia uma nova inimizade e, apesar de admitir que às vezes eu sou um pouco *difícil*, em alguns casos eu não consigo entender por que a pessoa me odeia tanto. Deve ser a minha aura.

Já a lista de pessoas que eu odeio não é tão grande assim. Que eu não gosto é enorme, mas ódio de verdade são poucas, com *Marília Hernandes* na liderança absoluta.

Daí hoje eu estava andando na Paulista e encontrei com uma amiga de Campinas que me passou a novidade em primeira mão: *Marília Hernandes* vai casar. E sendo a boa cristã que ela é, certamente vai rolar um puta casamento, com direito a pessoas jogando arroz, vestido branco e noivo cantando “My Heart Will Go On”. Ele faz parte de um coral, sabe?

Imaginando o casamento dos sonhos, meus olhos brilharam de alegria porque não é todo dia que a gente encontra a possibilidade de estragar o dia mais feliz da vida de alguém que odiamos.

Isso se ela realmente casar, porque, sendo a boa cristã que ela é, é bem provável que ela fique noiva durante anos, termine com o cara jogando a aliança nele e depois case com o primeiro que aparecer.

Desde que ela seja infeliz qualquer opção me diverte.

Mas, por hora, vamos trabalhar com o casamento dos sonhos. É um lindo sábado na catedral de Campinas e Marília Hernandes se prepara para entrar na igreja. Assim que ela desce do carro eu jogo um balde com sangue de porco no lindo vestido branco dela, Carrie-A-Estranha-Style, e fujo.

Pensando bem, é melhor pagar alguém para fazer isso porque sangue de porco deve ser nojento e eu gostaria de poder ficar para assistir o desenrolar dos fatos... bom, eu poderia pagar para alguém filmar tudo para mim. Decisions, decisions.

ok, outra opção. Eu não jogo sangue de porco e deixo que ela se case com toda pompa para poder causar na festa. Não que eu esteja convidada, mas, sendo a boa cristã que ela é, é pouco provável que eu seja barrada. É fato que eu causo uma comoção em qualquer evento campineiro e somente a minha presença, me comportando como uma dama, já seria o suficiente para estragar a festa da nossa linda noiva e deixar todos os convidados desconfortáveis. Porque todo mundo sabe que eu não sou uma dama, que odeio essa escrota e se estou quieta demais é porque alguma coisa eu devo estar tramando. No final eu não apronto nada e ela perdeu a festa sendo paranoica procurando baldes com sangue de porco à toa. Perfeito.

Ou então eu vou e não me comporto como uma dama. Só deus sabe como a minha versão bêbada pode roubar a cena em qualquer festa. O grand finale seria vomitar em cima do bolo. Ou nos pais do noivo.

Se tudo falhar, derrubar uma taça de vinho tinto no casal não decepciona nunca. Simples, eficaz e completamente “acidental”.

18.6.04

Sabe aquela história de que se você não é uma boa pessoa as leis do universo se viram contra você, papai do céu fica muito muito triste e você se fode? Esquece. Eu não presto, fato. Fiquei feliz da vida diante da possibilidade de destruir o casamento da Marília Hernandes e nem pra me sentir culpada. E o que aconteceu? Deus ficou bravo comigo por ter tanto ódio no coração? Não. Em vez disso ele me presenteou com a possibilidade de estar na festa do noivado.

Ontem, através de fontes seguras, eu descobri que o noivado é um grande segredo (oops, não era para colocar no blog?) e será revelado amanhã numa festa junina organizada por ela. Aposto tudo que eu tenho que na hora da quadrilha ela vai querer ser a noiva e então fará o grande anúncio para que todos possam fingir surpresa. Mas nossa grande amiga não conta com a minha presença. Ninguém conta. Aliás, até ontem à noite nem eu sabia que ia para Campinas. Ah, mas eu vou. Vou roubar o holofote dela e essa festa, que com certeza faz parte da estratégia de marketing matrimonial dela, vai ser só sobre mim. Ainda não sei como vai ser. Subo na mesa e desejo o melhor aos noivos? Grito: mas ela não trepou com o fulano um dia desses? Agarro o noivo? Vomito nela? Faço um strip? Oh, o mundo das possibilidades. Minha única certeza é que será uma festa junina para ser lembrada. Que dia feliz.

Campinas

20.6.04

Ok, eu estava errada. Deus castiga sim. Muito. A Lei do Retorno me pegou e o universo resolveu me punir por todas as maldades que eu tinha planejado para esse final de semana. Estou doente, a festa de Marília Hernandes foi cancelada, estou doente, meu cartão do banco não está funcionando, estou doente.

Mas ainda bem que eu tenho amigos muito queridos que me dão chá de alho, cobertores e passam de cinco em cinco minutos nas obras da rua para perguntar se estão construindo o metrô. Os pedreiros não aguentam mais responder que não, não é metrô. Para entender a piada: estão arrumando uns canos numa avenida aqui em Campinas e Campinas não têm metrô – nunca vai ter. Daí você abre o vidro e pergunta se é o metrô e ninguém entende nada.

Aguarde atualizações com detalhes da minha noite em Clowntown.

21.6.04

Final da apresentação de Clowntown. Maurício se aproxima com um olhar não muito animador.

– Polly...

– Diga.

– Vocês vão fazer alguma coisa hoje?

– Ué, e a festa?

– Você não ficou sabendo?

– Sabendo o quê?

– A festa foi cancelada.

– Quêêê?

– É. Ninguém confirmou, eles não sabiam quantas pessoas iam, quanto comprar de bebida, e acabaram cancelando.

– Mas, mas, mas...

– A Marília Hernandes acabou de ligar dizendo que não vai mais rolar, daí ela quis fazer um fondue na casa dela mas

ninguém tava numas.

– Como assim?????

–É, ela ligou para o Du mas ele disse que não queria.

–Meu, não quero saber, pega essa merda de telefone e diz que a gente vai!!!

–Ah, Polly, desencana.

–Não! eu Vim pra Campinas só por causa dessa festa.

(pausa)

–Maurício, você tá mentindo pra mim?

–Você acha que eu mentiria pra você?

–Porque você sabe que eu tenho como descobrir se isso for mentira...

–hehehe.

–Qual a graça?

–A sua cara de bode.

–Sei, sei.

A primeira coisa que passou pela minha cabeça: É praga. Só pode ser. Eu estava querendo tanto ir nessa festa... ia beber, dar vexame, bater na noiva, vomitar no noivo. A vida realmente é injusta. Uma pena.

Agora, a segunda coisa que passou pela minha cabeça: Peraí. Como assim cancelada? Festas não são *canceladas* do dia para a noite. Eles não querem que eu vá porque sabem que eu vou causar. Como eles puderam fazer isso comigo? Se bem que eu fui idiota. Não devia ter anunciado o show. Isso é bom para aprender a controlar a língua. Da próxima vez eu guardo segredo e encomendo o sangue de porco.

E a terceira coisa que passou pela minha cabeça: Mas... o Maurício não ia fazer isso comigo, ia? Ele não é lá o melhor amigo da Marília Hernandes e pareceu se divertir bastante com as coisas que eu tinha planejado. E o Maurício não mente. Pelo menos não tão bem.

É, ele não ia fazer isso comigo. Além do mais, não é como se fosse uma festa de noivado. Era uma festa junina que a escrotinha ia aproveitar para fazer o anúncio. Na verdade ninguém nem sabia disso. Festas juninas são canceladas o tempo todo, não são? É, se fosse o noivado tudo bem. Mas a festa junina deve ter sido cancelada mesmo. O Maurício não ia mentir para mim.

Porém a quarta coisa que passou pela minha cabeça: Se não era mentira, por que ele estava rindo tanto? E “eu mentiria para você?” não me soou muito bem. É o típico comentário de quem está mentindo. Ah, se eu descobrir que é mentira é bom ele ir ligando para o dentista. Mas é óbvio que era mentira. Como eu sou idiota. Eles não gostam de mim nem eu deles, então por que eles me deixariam estragar uma festa? É óbvio que nesse exato momento eles estão dançando quadrilha, pulando fogueira, tomando quentão e desejando felicidade aos noivos. Merda.

E, finalmente, a última coisa que passou pela minha cabeça: Foda-se.

24.6.04

Certo. Eu sei que deveria seguir o conselho de LL Cool J para Jennifer Lopez e evitar making decisions when I'm mad, mas é meio complicado. Principalmente porque eu não estou particularmente puta ou deprimida com nada, então fica difícil saber por que ideias completamente idiotas insistem em me perturbar. se eu fosse psicoanalisar minha situação diria que eu gosto de recomeçar histórias só para ver se consigo um final diferente. Compulsão à repetição, se você achar melhor.

29.6.04

Estava usando internet em uma lan house quando vi um dos funcionários que já fez parte do Drama Club (oh, a vergonha). Depois do “oi, e aí, como é que tá?” o fulano vira para mim e diz “e aí, Polly, como é que foi na irlanda?”.

Pausa.

Como é que é? O cara acha que eu acabei de chegar da Irlanda e que essa ainda é uma forma válida para se começar uma conversa? Minha vontade foi responder *então, foi legal, mas depois que eu fui presa e deportada eu mudei para São Paulo, trabalhei num site por um tempo, desencanei e mudei para São Bento do Sul. Lá era uma merda e depois de uma semana eu encanei que queria voltar para Campinas mas minha mãe me expulsou de casa então eu voltei para São Paulo. Fiquei sem trabalhar até que resolvi passar uns meses em Buenos Aires "estudando espanhol", e voltei para São Paulo de novo. Mudei de casa três vezes em menos de um mês e agora trabalho no Baú da Felicidade vendendo carnê de porta em porta. E você?* mas em vez disso eu só disse que "Ah, foi legal".

Eu gostaria de saber se todo mundo tem vergonha do próprio passado. Eu tenho. Muita. O Nilton me mostrou o programa da Noite de Talentos que organizamos uns seis anos atrás e não conseguimos disfarçar o constrangimento. A pedância, o pieguismo, a inocência.

Mas daí eu fiquei pensando: peraí – eu era JOVEM. E quando você é jovem, coisas como reencenar últimos capítulos de novelas globais em público não são tão ruins assim. Porém, o Nilton não era jovem. Já tinha barba na cara, carta de motorista, cartão de crédito e a coisa toda. Então eu me pergunto: vai ser sempre assim? Eu sempre vou olhar para trás e sentir vergonha das coisas que eu fazia ou vai chegar um ponto em que eu vou sentir orgulho das realizações?

Suspiro.

Daí eu lembro de coisas idiotas que eu disse, amigos imaginários, brigas desesperadas e patéticas, amores não correspondidos. Quando morrer eu definitivamente não quero ver o filme da minha vida. Me contento com o trailer.

1.7.04

> "Freud chamou de 'compulsão à repetição' o processo de reviver interminavelmente determinada neurose; assim sendo,

quando alguém repetia um relacionamento ou acontecimento frustrado, seria uma tentativa da libido de descarregar a energia acumulada ou represada até conseguir o êxito de sua missão. Freud associou tal complexo ao instinto de morte inato no ser humano, pois o prazer absoluto ou a ausência da dor apenas seriam obtidos no retorno ao inanimado, que seria a morte. Embora tal conceito até o presente seja um tanto difícil de ser elaborado, não precisamos ir muito longe para vermos que determinadas pessoas possuem um núcleo doentio de sempre estarem repetindo suas experiências mais dolorosas. Porém, o que Freud deixou de mencionar é que a repetição na sua essência é um desafio imposto pelo ego frente ao orgulho ferido. A pessoa, mesmo sabendo do risco da continuidade de determinada desgraça, aceita novamente uma situação similar, como o jogador compulsivo."

Ok, como Freud já explicou tudo, me limito a dizer que estou voltando para Buenos Aires hoje. Vejamos o que acontece.

Buenos Aires

04.7.04

Antes de mais nada eu só queria dizer que amo tanto Buenos Aires que ando mais de trinta quadras de salto agulha com um sorriso no rosto cantando “desta vez eu vou te conquistaaar”. E eu amo a Nadja porque ela faz filas serem divertidas.

Daí a gente estava lá, eu, Nadja e Karen, praticamente as panteras, quando uma garota, que pela altura poderia muito bem ser argentina, vira e pergunta se a fila vai demorar, porque que ela está morrendo de vontade de fazer xixi. Ok, não sei se eu sou recatada demais, mas realmente acho que ninguém deve virar para pessoas desconhecidas e dizer que está morrendo de vontade de fazer xixi. Oi, eu não sei nem seu nome? Não interessa se você é brasileira. O simples fato de falar português não te dá o direito de me atualizar sobre suas necessidas fisiológicas.

Fora a brasileira baixinha veio um rapaz furar fila dizendo que falava portunhol, que no Brasil todo mundo se chama de “cara”, o mesmo mcblá de sempre. E eu super simpática e receptiva, fazendo comentários tipo “realmente, com o Mercosul o portunhol foi bem difundido”. E apesar de essas figuras bizarras serem bem divertidas, eu comecei a ficar irritada porque o conceito de fila ainda não foi importado para a Argentina, então as pessoas simplesmente se aglomeram na porta e quem não tem saco para muvuca fica para trás. E como eu não tenho saco para muvuca, mas também não tenho saco pra ser otária, lá fomos nós furar fila com pompa e garbo.

Após duas semanas de espera a gente finalmente entrou mas tava lotado e as músicas boas já tinham acabado então eu resolvi beber. Duas cervejas e uma margarita depois e eu já era a pessoa mais animada do mundo. Pedi o batom da Nadja emprestado para escrever TOCA J.T. nos peitos, mas por algum motivo eu acabei não fazendo isso.

Ah, sim. Vários caras com agasalhos na cintura estilo “estou na sétima série e estou menstruada” e eu cheguei para um deles e perguntei com um português bem articulado se ele estava de chico.

Daí uma argentina chegou e disse que fazia aulas de axé e eu questionei se pau que nasce torto realmente nunca se endireita.

6.7.04

Eu estou apaixonada. Ok, eu admito que em solo estrangeiro eu me apaixono umas 15 vezes por dia, mas agora é sério. E o que é pior: por um francês. Franceses são arrogantes, pretensiosos, desprovidos de senso de humor, sem educação e não muito chegados em um sabonete, então como isso pode acontecer?

Ontem eu comprei um churrasco grego e minha coleguinha de quarto canadense estava sentada na sala então eu ofereci um pedaço para ela, que recusou educadamente dizendo que era vegetariana. Quando ela saiu da sala o cara que estava no computador virou para mim e perguntou *don't you hate vegetarians?* e, apesar de não ter nada contra vegetarianos, eu adoro gente preconceituosa.

Daí a gente ficou conversando e ele é engraçadíssimo e lindo e francês e a gente combinou de sair ontem mas não rolou e até aí tudo bem. Eis que hoje eu estou sentada no computador e ele chega. Lindo. Deixa as coisas no sofá e vem me dizer oi com um beijo. Na boca. Ok, foi só um selinho e ele é francês e sei lá, vai ver na França as pessoas se beijam na boca o tempo inteiro, mas eu já fiquei meio encanada. Daí ele senta do meu lado e começa a perguntar como foi o meu dia, conta aonde ele foi, pergunta se a gente vai sair hoje e levanta para ir tomar banho. Eis que, senhoras e senhores, antes de sair da sala, ele diz “ok, baby, a gente se vê mais tarde” e me dá um beijo. Na boca. Um beijo na boca desses que pessoas na França com certeza não dão o tempo inteiro - pelo menos não em pessoas que acabaram de conhecer. E devo confessar que foi o melhor beijo há tempos. O conceito de “french kiss” faz muito mais sentido agora.

E quando acabou o beijo ele simplesmente virou e foi tomar banho como se nada tivesse acontecido, como se a gente sempre se

beijasse, como se fosse a coisa mais normal do mundo, como se a gente já tivesse feito isso antes.

Obviamente eu não estou reclamando, e tudo que eu tenho a dizer é que eu amo esse homem porque ele foi a primeira pessoa do mundo que fez o que todos deveria fazer: ir direto ao assunto. Estava na cara que a gente ia ficar mais cedo ou mais tarde e ele preferiu não esperar a noite cair, ir até algum bar e se embebedar para só então fazer o inevitável.

Amo esse cara.

8.7.04

Logo que eu cheguei em Buenos Aires a Nadja me disse que aqui a galera adora traduzir nomes de música na rádio e eu não acreditei muito. Quer dizer, não é possível que algum locutor realmente diga que acabou de tocar *Los Ojos De Bette Davis*. Como sempre, eu estava errada. Acabaram de anunciar no rádio que vão tocar *Cielo* do Bryan Adams depois do intervalo. Cielo, sabe? Cielo, céu, heaven. Entendeu? Cielo.

(...)

Hoje no albergue vai ter um campeonato de pebolim ou sei lá como se chama futebol de mesa no lugar em que você mora. Vai ser uma coisa meio copa do mundo, país contra país, e eu fui escalada para jogar com um brasileiro que ainda não conheço, mas que de acordo com a moça da recepção é muito *hermoso*. Que seja. Daí quando eu disse que sei lá, melhor não, porque eu sou péssima em pebolim e vou acabar atrapalhando ela disse que não importa, é só pela diversão. Obviamente ela não me conhece. Olá, meu nome é Ana Paula e eu sou desequilibrada.

Competitiva

[De competir + -iva.]

Adj.

1.Relativo a competição.

2.Competidora (1).

3.Que causa competição.

4.Que tem capacidade para competir com outros.

Que tipo de pessoa joga alguma coisa só pela diversão? Jogos não são divertidos. Um simples par ou ímpar basta para me transformar em um anjo do inferno com sede de vitória, que dirá um campeonato de pebolim Eu sei que vou fazer inimigos, pessoas vão me achar louca e chutarei a mesa.

Mas tudo pela diversão.

9.7.04

Eu perdi o campeonato de pebolim Não que alguém tenha me derrotado, mas perdi a hora. Eu até estava lá, mas quando cheguei no albergue fui embrulhar o presente sensacional que comprei para a Nadja e quando vi ela já tinha chegado e o torneio já tinha acabado. Acho que o brasileiro (que, aliás, realmente é hermoso) ganhou, mas não tenho certeza. Quem se importa com pebolim quando os rapazes mais garbosos do mundo estão ao seu redor? Nadja e Karen não se conformavam com a quantidade e com a qualidade, enquanto eu me limitava a concordar com a cabeça. Eles realmente são lindos. Tem o argentino da recepção que é o cara mais lindo e simpático do mundo, tem o alemão que de tão lindo deve ser gay, tem o norueguês que morou no Brasil, americanos, ingleses, italianos, o que você quiser eles têm. Mas as meninas estavam meio tímidas, e os rapazes estavam prestando um pouco mais de atenção do que deveriam no jogo, então a gente foi para a balada, com os feromônios a mil. Homens lindos por todas as partes, todos desejando nosso mel, praticamente a convenção anual das pessoas bonitas. Até que a gente chegou no Kilkenny.

O bom e velho Kilkenny. Sempre ele.

Ironicamente, “stuck in the middle with you” tocava na vitrolinha (*clowns to the left of me, jokers to the right, here I am stuck in the middle with you*) e pessoas não cansavam de perguntar se a gente

falava português. Um pouco irritante, se você quer saber. Mas com a Nadja nenhuma noite é completamente perdida, então eu quis brincar de mullet colorido, uma variação do já tradicional elefante colorido. Você grita “mullet colorido!” e suas amiguinhas respondem “que cor?” daí você grita “grisalho!” e suas amigas saem correndo para agarrar algum cara com mullet grisalho. Tente você também.

Mas mesmo quando tudo está perdido sempre existe um caminho e Karen ficou com seu primeiro souvenir. Ele era baixinho, com mullets e chamava Martín. Só faltava uma camiseta escrito “estive em Buenos Aires e me lembrei de você” para o cara ser um lembrancinha.

Peraí, acho que eu estou fazendo confusão. Martín é o nome do cara que a Nadja ficou. Martín Santiago, se não me engano. Uma graça de rapaz, deveras simpático, mas precisaria ser um pouco mais flácido na minha opinião. Músculo não dá.

10.7.04

No meu quarto rolam dois irlandeses gêmeos idênticos e nos últimos dias meu projeto de vida tem sido pegar os dois - ao mesmo tempo, de preferência. Não tem sido nada fácil. Acho que deve ser porque eu ajo como uma completa imbecil perto deles. Um deles vem e me pergunta quanto foi o resultado do jogo e eu respondo. Daí eu viro as costas e ele pergunta de novo e eu falo irritada *porra, acabei de dizer que foi um a zero* e o cara olha para mim como se eu fosse louca. Eu estava falando com o irmão. E isso acontece o tempo inteiro. Mas eu tenho fé e não desisto fácil então vou segurar na mão de deus e ir. Gostaria muito de contar para os meus netos que trepei com gêmeos. De hoje não passa. Mesmo porque o meu francês volta hoje de Iguazú.

Ou amanhã. Sei lá, esse povo é complicado.

12.7.04

- Eu tive que me contentar apenas com um, mas foi divertido.

- Haha, como foi?

- Agarrei o cara no banheiro.

- Rudeza...

- Total. Mas foi romântico, até.

- Super romântico.

- É sério. Eu estava limpando o pó do nariz dele e a gente se beijou.

- Ah, dá até pra fazer um poema.

- Pois é, mas cocaína não é muito fácil pra rimar.

13.7.04

Tudo começou um tempo atrás na ilha do sol.

Na verdade tudo começou na quinta-feira quando eu estava no banheiro químico da balada com o irlandês, limpando a cocaína do nariz dele e dando uns beijos. Daí sobrou um pouco de pó e eu coloquei no bolso de trás da minha calça mas no calor da situação e com o excesso de passadas de mão na bunda que eu levei, acabei perdendo.

Todo mundo ficou puto comigo mas no final eu fui perdoada porque não é minha culpa se a minha bunda é irresistível aos passantes.

Acontece que eu cheguei em casa e achei o pó dentro do bolso da minha jaqueta (não tenho a mais puta ideia de como foi parar lá. Teletransporte, talvez) mas quando fui contar que tinha achado o irlandês não deixou porque ele é egoísta e queria ficar com tudo só para ele. Mas como mamãe me ensinou que compartilhar é bonito eu mandei o irlandês à merda e contei para todo mundo. Ok.

Daí ontem a gente tinha saído e o inglês queria o pó. Ele estava incrivelmente feliz e queria muito cheirar. Acho que eu nunca vi alguém querer tanto alguma coisa na vida. Eis que eu vou buscar e cadê? O irlandês tinha roubado. Eu até ia brigar com ele mas o cara é lindo e tudo mais e resolvi virar cúmplice. Mas a gente não podia

simplesmente dizer que ele tinha cheirado sem chamar ninguém, então rolou a brilhante ideia de abrir um resfenol que eu tinha, embrulhar e fingir surpresa.

Então a gente pegou o remédio, abriu, embrulhou e entregou para o inglês, que foi para o banheiro e voltou dois minutos depois completamente arrasado, reclamando que era açúcar e que a gente devia estar bêbado quando comprou e blá blá. E eu e o irlandês super sacudindo a cabeça e fingindo surpresa.

Mas o inglês é legal e eu fiquei com pena e resolvi ir para a rua perguntar se alguém sabia onde a gente podia comprar tóxicos decentes.

A gente estava num lugar cheio de puteiros e casas de strip, então eu perguntei para um dos caras que ficam fora da boate tentando te convencer que mulher pelada é o mó barato se ele conhecia algum traficante e, nossa que coincidência, ele próprio era traficante.

Então eu volto para o bar, pego o dinheiro dos meus amigos e entro no carro do meu amigo traficante e a gente vai para o gueto portenho. E eu melhor amiga do cara, falando sobre futebol, sobre o tempo, Mercosul, eu perguntando se ele não ia me matar porque eu tinha filhos para criar e tudo mais. Martín, o traficante, é um amor de pessoa, de confiança e bem apessoado. Se um dia você estiver em Buenos Aires, ele é o cara.

Porém.

Porém quando ele me levou de volta para o bar algo estranho aconteceu. Eu estou descendo do carro e ele pergunta se eu não vou dar meu telefone para ele.

> –Por que você precisaria do meu telefone? Eu sei onde te achar se precisar de mais alguma coisa.
>
> –Mas eu vou ligar pra falar com você.
>
> –Falar o quê comigo?
>
> –Sei lá, te chamar pra jantar.
>
> –Martín, não.

E a gente ficou uns bons cinco minutos no meio da rua discutindo por que eu não queria jantar com ele.

Martín ficou desolado, mas confesso que fiquei feliz por ter quebrado o coração de um traficante argentino. E no final meus amiguinhos ficaram tão felizes e admirados pela minha coragem que ganhei uma garrafa de Absolut Vanilla.

Ressaca seria a palavra do momento.

15.7.04

Ok, eu estou na lan house da rodoviária. Bêbada, diga-se de passagem. A mulher do balcão de informações disse que o ônibus vindo de *San Pablo* só chega aqui uma e meia da tarde. Agora são dez da manhã. Três longas e sufocantes horas de espera. Eu posso virar as costas e ir para o albergue dormir. Didi e Juliana já são bem crescidinhos para achar o caminho de casa sozinhos. *Pero*... eu prometi que estaria aqui e, por mais incrível que possa parecer, sou uma pessoa de palavra. Se disse que eu vou te buscar, eu vou te buscar and these four words I swear to you. Sabendo disso, eles podem ter deixado de anotar o endereço do albergue e não ter a mais puta ideia de nada e eles estão viajando há um milhão de horas e eu gosto deles e coitados. Mas eu estou cansada, bêbada e não consegui dormir picas porque o cara novo do quarto ronca demais. Tá, eu vou esperar. Até porque eu fiz um cartaz de boas-vindas escrito: **Didi é rei, Juliana rainha, Sasha princesinha** e um cartaz desses não pode ser desperdiçado.

*

[DIDI] – Cheguei ontem em Buenos Aires após uma viagem de 36 horas de ônibus. Sim, eu vim de ônibus, foi um momento bastante Diários de Motocicleta e no final da viagem eu cheguei à conclusão de que somos todos uma só raça mestiça... Yeah right. Na verdade, como tem vaca nas estradas... você pega uma estradinha e tudo o que você vê são vacas, não existem pessoas nas rodovias, apenas vacas.

Tinha uma banda de hardcore no ônibus e... quem é que ainda tem uma banda de hardcore hoje em dia? Mas eu e a Juliana Kataoka viramos os melhores amigos deles e de uma garotinha de quatro anos que me queria muito. Ela era meio obcecada por mim. Meio violenta também, gostava de uma palmadinha. Bebemos vinho barato com os carinhas hardcore, cachaça cara e champanhe barato também. Um dos caras da banda de hardcore ficou detido em Uruguaiana porque não levou o RG com ele. Quem é que viaja sem RG? Mas até aí... Quem é que ainda tem uma banda de hardcore?

Chegamos então em Buenos Aires e a Polly esperava a gente na rodoviária com uma faixa Didi rei, Juliana rainha, Sasha princesinha. Ela levou a gente para o albergue e aqui é tipos uma pequena família... Ontem eu bebi com eles e fui a grande atração, quando eu fico bêbado eu detono. Achei todo mundo sensacional, mas hoje acordei e achei as pessoas meio chatas. Colocando aquela musiquinha de a moda agora é, é namorar pelado e me chamando de Maradona. Meio que tá me irritando, mas eu não posso me irritar com eles porque eles são a minha nova família. Então peguei uma bicicleta com a Juliana e fomos na Casa Rosada. Chegando lá rolava todo um protesto contra o governo e aqui a chapa é quente. Não é protesto pacífico, rolam bombas e destruição em massa. Eles quebraram o prédio do congresso e rolavam umas mangueiras de água sendo jogadas nas pessoas. Eu me senti o Antonio Banderas em Evita cantando “A new Argentina”. Graças ao protesto as ruas estavam fechadas, sem carros, o que deixou o nosso passeio ainda mais encantador.

Fui num pub com a Polly, bebi uma Guinness e ganhei dois limões de graça do bartender. Pretendemos fazer caipirinhas com eles. Também escrevi convites para a festa de hoje aqui no albergue e saí distribuindo para pessoas que eu achava engraçadas. Acabei dando para uns skatistas de 12 anos que queriam conhecer uma brasileira. Eles vieram aqui e foram à loucura com a Juliana. Mas eles não queriam ir embora e a gente acabou expulsando os skatistas com xingamentos. Agora eu vou na festinha que já está acontecendo lá

em cima. Pretendo me comportar, porque depois do episódio dos skatistas as pessoas começaram a me tratar como se eu fosse a Courtney Love, e eu tenho uma reputação a zelar. Na verdade eu tô querendo fumar maconha com os franceses do meu quarto... Albergue é um mundo de opções.

*

[JULIANA] – Naquela terça-feira gelada nas plataformas da rodoviária, pela empresa que ia nos levar ao oásis sul-americano, só havia dois ônibus: um cheio de pessoas bonitas, mais caro, obviamente; e o nosso. Lógico que a primeira atitude tomada, sabendo desse detalhe trágico de nossa viagem, foi abrir o vinhozinho vagabundo que eu tinha trazido, para a gente pelo menos dormir bem. Não rolou. O ônibus era frio feito a Antártida e nem os dois bancos para cada um permitiram um soninho tranquilo No segundo dia de viagem, com o fedorzinho do banheiro perfumando o ambiente, trocentas paradas que faziam embarcar mais trocentas pessoas, fomos obrigados a interagir com os outros passageiros: dois casais de bichas afetadíssimas, um casal hétero muito do bonitinho porém muito do chato; e uma banda de hardcore de Juiz de Fora com o nome tão horrível que eu nem consegui guardar, mas pelo menos eles nos forneceram mais bebidas alcoólicas, uma vez que do meu champanhe órfão já não havia nem gota. Após outras milhares de paradas e algumas trocas de ônibus porque literalmente choveu dentro do nosso, finalmente chegamos na Argentina.

Ah, sim. Depois de pinga de banana todos os integrantes da banda muito me queriam. Só que um dos menos feios deles ficou em Uruguaiana porque não portava RG e eu então decidi que não ia ficar com ninguém até pisar em solo argentino.

Na alfândega tocou “Voyage, Voyage” e eu pressenti bênção divina sobre a nossa viagem.

Na rodoviária do lado de lá, Polly, miss simpatia, após esperar apenas as cinco horas que o ônibus atrasou, ainda, corajosamente,

ostentava o cartaz Didi rei, Juliana rainha e Sasha princesinha. Emoção inenarrável.

Em em poucos minutos estávamos no albergue. Damian, sorridente, explicava todo o procedimento do hostel em español. A gente não tinha uma puta ideia do que ele estava falando, mas achávamos tudo ótimo porque afinal se todos os argentinos fossem assim lindos, charmosos e sorridentes, estávamos no lugar mais que certo.

E sim! Os argentinos eram lindos. Talvez não tão sorridentes, nem charmosos ou simpáticos como Damian, mas certamente eram muito bonitos. Mesmo com aqueles mullets absurdos, aquela altura ridícula, mas quem sou eu para ligar para isso medindo um metro e meio de altura. A proporção pessoa bonita/pessoa feia na Argentina é uma maravilha. Você displicentemente pode se deparar com o cara mais lindo do mundo na banquinha da feira hippie.

Nesta noite, um pouco entediada, fui sondar o brasileiro bonitinho de Limeira. Já bêbada, flertei descaradamente com o rapaz, que infelizmente, comprometido, não captou meu apelo. Polly saiu para uma balada de hip hop. Eu estava até arrumada, mas, por um motivo obscuro, acabei não indo. De pijamas, eu, Didi, Jesus, uma pessoa que nos próximos capítulos me chamaria de cheap slut, e Tom, uma pessoa que fedia, ficamos na recepção conversando. Quer dizer, eu fiquei ouvindo enquanto Didi mostrava a que veio e as outras pessoas apenas tentavam cortá-lo como podiam.

Polly deu oi para as minhas vestes íntimas e jura ter me visto no colo de Jesus. Não sei dizer se é verdade, mas pelo menos soa quase sacro.

18.7.04

É um novo dia, uma nova Argentina. A gente acorda, compra uma garrafa de vodca, toma smirnoff ice caseira como café da manhã e vai para o cemitério onde Evita está enterrada. Didi, eu e Juliana bêbados no cemitério, rindo descontroladamente, roubando flores e faixas do túmulo de Eva. Um momento lindo e respeitoso. Homenagem prestada, voltamos ao albergue para mais uma dose.

As pessoas desse albergue são incrivelmente chatas, sem senso de humor e, como disse meu amigo inglês, não sabem lidar com pessoas que têm vidas interessantes. Numa dessas a palavra é ostracismo. Eu tenho certeza que quando a gente não está por perto eles fazem reuniões para debater o nosso problema com álcool e tentam decidir a forma mais delicada de nos expulsar. Eles são chatos mas são gentis, tenho que admitir.

Daí todo mundo prefere ficar tomando uma cervejinha na recepção do que sair para causar. E rapaz, a gente causa. Um frio do inferno e Juliana sem casaco, porque o que importa é o visual então foda-se o frio, Didi sendo extremamente heterossexual e pegando nos peitos da nova namorada dele, chandon, tequilas, margaritas, tombos, reboladas em cima da mesa, eu desencanando da bota e andando só de meias, Juliana desencanando do sutiã e me fazendo aprender como se pergunta “você viu um sutiã por aí?” em espanhol (*viste un sujetador por ahí?*), e tudo terminando com o segurança convidando a gente a se retirar. Courtney Love teria ficado com vergonha e pedido pra gente maneirar.

Ah, sim, rolou um calote no taxista.

21.7.04

Eu não queria sair. Tédio, fadiga, ressaca e a coisa toda. Didi foi para a aula de yoga e eu fiquei dormindo. Daí ele volta e tenta me acordar e eu não respondo aos estímulos, mas acabo cedendo e a gente vai para a balada.

Fila. Gigantesca.

Segurança não deixando a gente furar fila. Desespero. A gente entra em outro táxi e vai para Recoleta, em busca de um bar para fazer uma hora até a fila da balada acabar. Nada. Quase que a gente entra em um puteiro, mas não.

Então a gente tenta outros bares mas nada dá certo e a palavra tédio ecoando por todos os lados. Eis que a gente resolve ir no Kilkenny, sempre ele, e tudo melhora.

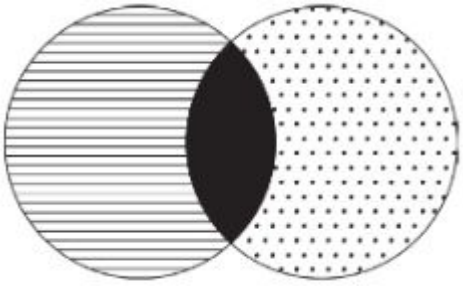
Eu fico com o sósia do Gael Garcia mas, do nada, o namorado dele aparece e quer me beijar também. Didi pega no pau de pessoas, que acham a coisa mais normal do mundo, enquanto eu sou convidada para orgias.

A gente sai do bar e as pessoas da orgia reaparecem. Beijo o mais bonito enquanto o mais atirado mostra o pau para o Didi e agora me pergunto por que a gente foi embora em vez de ir para a orgia.

E enquanto isso Juliana dormia no albergue.

24.7.04

Eu sou o pó. Desde que o Didi chegou aqui eu não parei de beber um minuto sequer. Eu não sei mais o que é estar sóbria, organizar os pensamentos, segurar os talheres sem tremer e coisas do tipo.

Para você que nunca bebeu o bastante para chegar nesse estado, aqui vai um pequeno diagrama explicando o mundo onde eu tenho vivido nas últimas semanas: 

A zona tracejada indica a sobriedade. Quando você consegue andar, falar, comer, segurar objetos, *etc.* Grande parte das pessoas vive nessa zona. Já a zona pontilhada indica o inebriamento. Muitas pessoas da zona tracejada passam para a zona pontilhada aos sábados, voltando para a zona tracejada após uma boa noite de sono.

A zona escura é onde eu me encontro no momento. Pessoas da zona escura dizem que nunca mais vão beber ao mesmo tempo em que pedem mais uma dose. Pessoas da zona escura são mentalmente confusas e desequilibradas. Culpa do álcool, obviamente.

A noite retrasada foi foda, com direito a sexo em bares lotados e baldes de vômito pela manhã. Acordamos declarando um dia de folga e algumas horas mais tarde eu já estava com a minha cervejinha na mão escolhendo modelitos. Didi estava o pó mas acabou cedendo e, seguindo a filosofia do “vomitou tá novo”, já estava melhor após vomitar o drinque de 15 pesos que eu paguei. No final todo mundo se pegando e eu peguei um argentino que – ora puxa vejam só – chamava Martín e tinha mullets, mas era alto, então não entra na categoria souvenir. Chegando no albergue rolou uma festa e oito e meia da manhã eu estava dizendo boa noite. Acordei seis da tarde, sentindo a morte se aproximar, ainda bêbada, tremendo, com vontade de vomitar, dores no corpo e o pulso ainda pulsa. Fui obrigada a ficar em casa e ouvir desaforos do Didi, que em vez de me apoiar em momentos de necessidade prefere fazer chantagem emocional. Bicha Bulímica, é tudo que eu tenho a dizer. Após dormir o dia inteiro eu fui de táxi até o Mcdonald’s, peguei um McCriollo e voltei para a cama.

Agora eu acordei, levei para lavar as roupas vomitadas que estavam embaixo da minha cama há dois dias, arrumei minhas coisas, vou tomar café da manhã e talvez pegar um cineminha.

Ou não.

25.7.04

Eu fiz uma tatuagem ontem. Nem dói e agora eu viciei e quero fazer milhões e milhões até aparecer no Guinness. Enfim, eu tatuei vacaciones no pulso com uma estrela de cada lado.

> Vacación
>
> 1. f. fiesta, asueto, descanso. Vacación se emplea generalmente en plural: las vacaciones del verano; no sé donde iré estas vacaciones. Descanso, como sinónimo de vacaciones, suele emplearse en la construcción días de descanso. Asueto designa la vacación por un día o una tarde con especial referencia a las vacaciones de los estudiantes: tarde de asueto.

E por que caralhos eu tatuei vacaciones? Primeiro porque eu estava bêbada no momento da decisão e me pareceu melhor do que “slut”, a primeira opção. Em segundo lugar, vacaciones é o grito de guerra do momento. Sempre que a gente quer fazer alguma merda ou quebrar o barraco basta gritar vacaciones porque se você está de vacaciones tudo é permitido. E depois, minha filosofia de vida agora é vacaciones e eu quero viver de vacaciones para o resto da minha vida ou pelo menos agir como se estivesse de vacaciones para o resto da vida. Como diria Rivers Cuomo – it makes me feel so fine I can’t control my brain.

Isto posto, vamos à noite passada. Aqui em Buenos Aires as coisas começam a pegar meio tarde, então para matar o tempo até a hora da balada eu, Didi e Marina fomos dar uma olhada nos gatinhos do Milhouse, o albergue vizinho onde sempre rola festa.

A festa de fato estava rolando mas tinha uma comunidade brasileira entediante, então depois que Marina usou o banheiro e Didi bebeu uma pepsi na faixa a gente foi para o Tango City, outro albergue onde sempre rola festa. Essa festa estava consideravelmente melhor, então entramos no albergue, pedimos uma chave para avaliar a qualidade do quarto e descemos para a ferveção. Eles estavam brincando de um jogo que a gente simplesmente não conseguia entender, mas envolvia bebida e virar copos de cerveja e vinho longa vida se você perdesse, então a gente entrou no espírito da coisa.

E você precisa ver o Didi bêbado. Sabe aquela história que diz que a bebedeira tem três fases? No começo você está todo animadinho e é um macaco, fazendo caretas alegre e saltitante. Depois você vira um leão e começa a tretar com todo mundo e finalmente vira um porco e perde a compostura? Didi passou por todas as fases com muito gosto. Primeiro ele estava jogando todo animado, fazendo amigos, dando risada e divertindo a garotada, mas enquanto eu conversava com um cara ele começou a tretar com um rapaz que parecia um hobbit chamando ele de hobbit gay. O hobbit chamou Didi de “repulsivo” e deu as costas. Meu amigo de Virginia tomou as dores do hobbit e não entendeu como eu sou amiga do Didi. Nisso

Didi começa a tretar com todas as pessoas do lugar e todos sendo solidários comigo por ter que aguentar a Heleninha Roitmann.

Então a gente volta para o nosso albergue antes que nos expulsem do Tango City e Didi finalmente entra na fase do porco. Deita no chão parecendo um boia-fria enquanto Tati Barraco toca na vitrolinha. E todo mundo arrastando Didi pelo chão, que brincava de soldadinho.

E foi a noite mais divertida do mundo e a gente não foi em lugar nenhum e não gastamos um tostão e amo minha Bicha Bulímica.

26.7.04

Ontem eu poderia ter trepado com um negão de Chicago mas sei lá, eu quero o nerd de Virginia. E o nerd de Virginia quer a chilena na com herpes. Inclusive, a chilena com herpes é a nova mania da garotada. Todo mundo querendo ela, acho que vou pegar herpes também só para ficar mais atraente. Fora isso um alemão que com certeza é gay sentava no meu colo e dizia que me amava e eu dizia que amava ele, enquanto irmãos noruegueses de luto estavam me querendo um pouco.

Ressaca.

27.7.04

Eu estou apaixonada por um norueguês que é carinhosa e criativamente chamado de Noruega. O Noruega é tudo. Ele dá um beijo na sua bochecha e é o melhor beijo que você já recebeu na sua vida. Ele sai comigo pela cidade de madrugada e pega quatro táxis só para comprar um gatorade que eu prometi para o irmão dele quando estava bêbada. Ele tem o melhor corpo do mundo. E o melhor sorriso. E é a pessoa mais legal do mundo. O irmão dele também, mas o irmão dele nasceu com o nariz errado.

O Noruega me adora mas não aguenta o tranco. Eu sou bêbada, desequilibrada e escrota demais para ele. A prova disso foi ontem: ele escreveu um recado para mim no caderno de mensagens do

albergue e eu, bêbada obviamente, fui mostrar para Emily na tentativa de analisarmos o bilhete e descobrirmos se ele me ama ou não. Daí eu, num gesto dramático, jogo o caderno longe e como em um filme o caderno cai bem no pé do Noruega, que estava vindo em nossa direção. Ele pega o caderno, me devolve, e o seguinte diálogo acontece:

– Por que você jogou o caderno?

– Porque eu te amo e você não me ama.

– Lógico que eu amo.

Nisso a gente começa a se beijar e quando a coisa começa a ficar interessante ele para e fala que não, que não quer se envolver e blá blá. Eessas pessoas são complicadas demais.

Daí a namoradinha dele que além da personalidade mais desinteressante da história também tem escoliose, resolveu tretar comigo e me chamar de elitista e eu me jogando pelos cantos dizendo que estou apaixonada e, apesar dele se divertir muito mais com a gente, ele precisa de uma boa garota, não uma brasileira surtada.

E é aí que entra o Didi. A gente vai tentar reverter a situação contando uma história triste sobre o meu passado. Dizer que eu vivi em um orfanato até os sete anos ou que trabalho com crianças carentes ou sei lá. Só sei que quero ele loucamente e estou apaixonada e sempre consigo foder com tudo e que se hoje não rolar ficar com ele eu vou pegar o irmão. Mesmo com o nariz errado.

Porto Alegre

22.9.04

Com a graça do menino jesus, sábado acaba. Finalmente estarei livre do maldito inferno astral e talvez as desgraças voltem ao normal. Vinte e um. Foda. Porque né, depois dos vinte fodeu. Vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro, dor na lombar, trinta, glaucoma, quarenta, enfisema, varizes, cinquenta, problema de gota, setenta, câncer, oitenta, e pronto. Você morre na fila do SUS. Porque sim, agora que eu trabalho com planos de saúde minha nova mania é achar que eu vou morrer esperando por uma consulta. Quando tinha lá pelos treze, achava que ia morrer jovem, um ícone da minha geração. Hoje em dia não. Vou morrer velha e acabada, engasgando num pedaço do meu pulmão mesmo sem ter fumado um único cigarro a vida inteira.

Pensamentos tão serenos.

23.9.04

Eu achava que odiava atores, mas daí descobri que também odeio teatro em geral. Não a arte propriamente dita, mas peças medíocres interpretadas por meia dúzia de neo-hippies-pseudo-intelectuais que pegam um pandeiro, improvisam chocalhos com grãos de arroz e latas de nescau, vestem uns trapos sujos com carvão e resolvem invadir seu abrigo para interpretar poemas de algum fracassado que morreu antes de receber o devido reconhecimento. O reconhecimento de que era uma merda.

ok, talvez eu esteja me transformando em uma resmungona crônica, mas acho que estar morando em um abrigo de sem tetos me dá esse direito.

Eu só queria dormir, mas o projeto Porto Alegre Em Cena não permitiu. O palco era bem na frente do meu quarto e a peça teve umas três horas de duração. Das dez à meia-noite. Meia-noite de quarta-feira. Esse povo não trabalha? Eu querendo dormir e eles cantando e batucando sobre moradores de rua. Minha vontade era subir no palco e declamar um poema sobre a moradora de rua que queria dormir para poder trabalhar no dia seguinte e não conseguia

porque atores invadiam o seu abrigo para apresentar uma peça medíocre com músicas pobres, mas não achei as rimas necessárias.

Tá, eu sei que meia-noite não é muito tarde, mas dormir naquele lugar é uma arte. Eu tenho que deitar antes de todo mundo, me cobrir até a cabeça – fazendo quatro ou quarenta graus – e entrar em coma antes que qualquer uma das minhas companheiras de quarto resolva deitar também. Porque, rapaz, se elas deitarem e eu estiver acordada, danou-se. Elas tomam uns quatro calmantes cada e roncam como um aparador de grama e depois que elas começam eu não consigo mais pregar o olho. Daí eu estava checando a programação e vai rolar a mesma peça hoje e amanhã. Vou ver se me emprestam calmantes ou se eu termino o poema sobre a moradora de rua que queria dormir para poder trabalhar no dia seguinte e não conseguia porque atores invadiam o seu abrigo para apresentar uma peça medíocre com músicas pobres.

24.9.04

Hoje eu não fui trabalhar. Bad, bad girl, no donut for me. Mas... hoje é minha última sexta-feira com vinte anos e eu não quero gastá-la com “Bom dia, meu nome é Ana Paula e estou fazendo uma pesquisa sobre planos de saúde. A senhora teria um momentinho?”

Não que eu tenha algo melhor ou mais rentável para fazer, mas você sabe. Eu sou muito encanada com essa coisa de datas e ciclos e começos e fins. Aniversário é coisa séria e vou fechar para balanço até domingo. Pretendo vagar pelas ruas em busca de um copo de cerveja e ter uma visão que mude minha vida para sempre.

Pode ser que aconteça.

27.9.04

Meu aniversário foi realmente ruim. E eu realmente quero dizer realmente porque num aniversário ruim você compra uma garrafa de vodca vagabunda e passa o dia se embebedando no escuro

enquanto recebe alguns telefonemas de amigos e parentes desejando tudo de bom.

Agora... num aniversário r*ealmente* ruim o único abraço que você recebe é via embratel com seu amigo do outro lado da linha falando “can you feel the love?”.

Passei o dia lendo sentada no chão da Saraiva Megastore, peguei um cineminha e terminei invadindo um feirão da Fiat. Comi algodão-doce, pipoca e cachorro-quente, mas quando fui usar a internet os seguranças vieram me lembrar que a internet, a pipoca, o algodão-doce e o cachorro-quente eram só para compradores ou compradores potenciais ou pelo menos alguém que não estivesse de chinelo. Minha vontade foi gritar “você sabe com quem está falando?” ou dar uma de Julia Roberts em Uma Linda Mulher (comprar um carro em outra loja, voltar no feirão buzinando e dizer: você trabalha com comissão? Big mistake. BIG MISTAKE!) mas daí eu lembrei que realmente não tenho dinheiro então dar uma de ofendida não faria muito sentido.

Vamos aos dados do meu vigésimo primeiro aniversário, comemorado em grande estilo no município de Porto Alegre, RS.

Presentes: nenhum

Telefonemas: um telefonema a cobrar que eu fiz para o Didi Cartões: nenhum

Bolo: um orange soft comprado numa loja de 1,99 por mim mesma e devorado com as mãos, sentada na praça Farroupilha.

Inspira, expira, muda de assunto.

Estou pensando em pegar minha mochilinha e ir para outro lugar porque Porto Alegre parece tanto com Campinas que chega a ser deprimente. Aguarde os próximos capítulos.

28.9.04

Às vezes eu sofro de umas crises inexplicáveis de honestidade. Primeira noite no abrigo, Dr. Murilo me faz algumas perguntas.

– Que método anticoncepcional você usa?

– Nenhum.

Choque e horror do doutor.

– Quer dizer... só camisinha. Mas é uma coisa meio multifuncional, né? Eu pensei que o senhor queria algo mais anticoncepcional, anticoncepcionalmente falando.

Dr. Murilo rabisca algumas coisas no formulário e eu tento, sem sucesso, espiar. Ele me dá uma olhada do mal e eu paro.

– Faz uso de álcool?

Por um momento eu paro e penso. Sendo uma mentirosa compulsiva, negar sempre é a primeira opção, mas daí eu tenho um flash. Didi bêbado rolando pelo chão enquanto eu comia um cheeseburger e morria de rir com o peito de fora. Quilmes, the one beer, era tudo que vinha na minha cabeça. Pra quê mentir?

– Faço sim.

– Gostaria de tratamento? – ele pergunta com um olhar preocupado.

Degraus e mais degraus, hematomas, línguas em lugares indevidos, vômito, dores de cabeças e o pulso ainda pulsa.

– Acho que não precisa.

–Ok. E já fez uso de drogas?

Outra pausa. Mais uma vez eu penso em mentir mas lembro dos atletas pegos em exames de sangue e em como eu não gostaria de ter minha medalha olímpica invalidada, caso eu fosse uma atleta. Fora isso eu lembro de todo mundo no banheiro cheirando o pó da americana que usava botinhas ortopédicas enquanto Billy filmava tudo. De novo: pra quê mentir?

– Já fiz sim.

– Gostaria de tratamento?

– Acho que não precisa.

Mais rabiscos do doutor, um longo suspiro, ele arruma os óculos e continua com o questionário. E só. Só isso. Digo que bebo e já fiz uso de drogas e agora eles querem que eu frequente grupos de apoio. Sério. Eu tentei dizer que não precisa, não vamos exagerar, só porque dei uma cheiradinha não significa que vou morrer ou vender as joias da família para comprar crack. Mas ah não, eles não se convencem. Isso é tão barrados no baile. Kelly Taylor cheira uma vez e pronto, é internada numa clínica de recuperação. Povo exagerado. Tá certo que eu estou fodida e morando em um abrigo, mas nem de longe a culpa é da marvada. Do jeito que eles falam parece que eu não aprendi a ler porque usava as folhas da cartilha para cheirar cocaína.

Ontem fui obrigada a comparecer numa reunião do AA. Juro. No começo eu estava com cara de merda, achando um exagero e tentando explicar que no momento meu único problema com bebida é não ter dinheiro para comprar uma cervejinha, mas tendo o meu talento natural para o drama, no final da reunião eu já estava chorando e inventando histórias tristes por causa do meu vício. É muito engraçado como eles acreditam em qualquer merda que você disser. Eu disse que na última crise que tive acabei bebendo querosene. Estava achando tudo muito divertido mas quando percebi que minha assistente social estava num canto ouvindo tudo e me olhando com pena a coisa perdeu a graça porque agora eu vou ser obrigada a ir em trocentas reuniões e eu não quero. Na primeira vez é engraçado, na segunda se torna repetitivo. Ainda bem que vou embora amanhã.

Acho.

29.9.04

Hoje eu tinha planos de me mudar para o heeow de janeirow mas não rolou porque amanheceu chovendo.

Tá, é mentira.

Ontem estava chovendo aquela chuva que tem cara de ficar por dias e eu fui dormir feliz, pensando que tinha encontrado a desculpa

perfeita para adiar a mudança. Todo mundo achava que hoje ia chover. Vendedores de guarda-chuva pularam cedo da cama para trabalhar, mulheres deixaram de fazer escova sabendo que ia chover e...

Amanheceu com o céu mais azul que eu já vi em toda minha vida. Perdi meu álibi e sou obrigada a admitir: estou com preguiça. É, preguiça. Me acomodei, sabe? Ter que sair daqui, empacotar minhas coisas, mendigar ou esperar dinheiro cair do céu, pedir carona, chegar no Rio, ter que ver onde vou dormir, procurar emprego, arrumar mais dinheiro, fazer amigos. É muito trabalho. Eu estava quase desistindo e conformada em ser uma sem-teto até o fim dos meus dias quando:

> From: Didi
>
> Subject: Me fode, negro, me fooooooooooode
>
> Amiga, realiza: Você tem que ir pro Heoww. Amiga o conformismo é a característica mais terceiro mundo que existe! Amiga... é isso que você virou? Uma pessoa do terceiro mundo???? Quando você estiver com preguiça, se conformando com as coisas, pare e repita: Eu não sou do terceiro mundo, eu sou internacional. Eu sou vogue! VOH-GUE
>
> Te amo, amiga
>
> Didi

Vogue. acho que eu vou para o Rio então. Mas segunda-feira. Quarta-feira não é um bom dia para começar as coisas. Segunda, logo pela manhã, eu vou. Juro.

Se não estiver chovendo, é claro.

4.10.04

Tudo pronto para o Rio. Quando já estava quase saindo, uma das minhas companheiras de quarto veio me abraçar e desejou boa sorte. Por um instante eu senti remorso por ter mentido que tinha passagem e ia voltar para a casa da minha mãe, mas pelo menos

isso deixou todo mundo feliz e cheio de esperanças, além de me livrar de um sermão com horas de duração.

Se minha vida fosse um musical agora é o momento em que a cena congelaria e começaria a tocar *so what happens now... where am I going to?*

Cabe lembrar que crianças não devem tentar isso em casa e que eu não tenho a mais puta ideia do que vou fazer quando sair aqui da lan house, mas pelo menos eu olhei no Google e descobri que para chegar no Rio basta pegar a BR-116, então na pior das hipóteses eu ando até lá e devo chegar em Copacabana antes do natal.

No fundo eu sei que vai acabar dando tudo certo. Mas caso eu não dê notícias até sexta-feira é porque eu morri. Nesse caso meu espírito passará as senhas do orkut, blogger e hotmail para Zíbia Gasparetto, que psicografará e mandará para o Didi, que está autorizado a escrever minha biografia.

Fora isso eu descobri que perdi meu título de eleitor e estou procurando pessoas que queiram ser minhas amigas no Rio de Janeiro.

São Paulo

6.10.04

Primeiro dia: Porto Alegre.

Saí da lan house, peguei minhas malinhas e fui para a rodoviária na esperança estúpida de achar dinheiro no meio do caminho e poder comprar uma passagem para o Rio. Não rolou. Bom, para falar a verdade eu achei uma moeda de um centavo no chão e guardei como amuleto, mas nada que desse para uma passagem. Como já estava no terminal aproveitei para pedir um mapa e descobrir para que lado era a BR-116.

Oh, as maravilhas da escala.

No mapa as coisas parecem tão perto, nenhuma distância é impossível... o mundo é lindo dentro dos mapas e extremamente ensolarado, longe e sem acostamento fora dele. Andei duas horas até chegar num pedaço aceitável da BR e coloquei o polegar para funcionar. Um, dois, três, quatro, cinco carros passaram e nada. Peraí... o que que eu estou fazendo de errado? Eles não viram que o meu polegar estava indicando a necessidade de carona? Lá estava eu me questionando e tentando entender por que ninguém estava parando, quando um caminhão finalmente encostou.

–Oi, moço, pra onde você tá indo?

–Passo Fundo.

–Ah, não, Passo Fundo é pro outro lado. Eu preciso ir pra São Paulo.

Pausa. Por que eu tenho essa necessidade patológica de mentir? Se eu estava indo para o Rio de Janeiro por que eu disse São Paulo? Ô mania. Mas vou guardar isso para o psicanalista. Continuando a história.

–Não, Passo Fundo é no caminho.

–Sei não, moço... eu não conheço muito por aqui mas acho que é pro outro lado.

–Sobe logo que eu te levo até Passo Fundo.

Eu estava cansada, morrendo de fome e o sol das duas da tarde estava me matando. Fora isso, um caminhoneiro realmente deve saber mais do que eu, então desisti de argumentar a lógica do caminho e entrei.

(Deixa só eu adiantar uma parte da história e dizer que eu estava certa e ir para Passo Fundo realmente me fez dar uma volta enorme e desnecessária, aumentando minha jornada em um dia inteiro.) O caminhão não tinha banco de passageiro, só uma cama alta, que quando eu sentava deixava minhas pernas balançando e fez meu pé dormir em poucos segundos. Dois minutos dentro do caminhão e o cara começou a contar a história de uma moça que pegou carona e foi “abusada sexualmente” (palavras dele) e a cada frase sobre política ou, sei lá, o tempo ele soltava quatro sobre sexo. Perguntando o que eu achava disso ou daquilo e de moças que pegam carona e trepam com o motorista e eu pensando “Hmm, isso não vai prestar. Não estou gostando do rumo dessa prosa, mas desde que ele não encoste a mão em mim, beleza”. E foi assim durante umas seis horas de viagem. Ele falando merdas sexuais e eu não dando confiança. Até que escureceu e ele parou num posto da rede Siga Bem Caminhoneiro numa cidade graciosamente chamada Tio Hugo e disse que a gente ia ficar lá até o dia amanhecer.

Oi?

Como assim? Eu e você nessa cabine minúscula? Vai nessa. Depois que ele já tinha tomado banho e jantado (a falta de dinheiro me fez dormir enquanto ele fazia isso. Não que ele não tenha se oferecido para pagar mas não gosto de aceitar dinheiro de gente que quer me comer. A não ser que eu queira dar também, mas daí já é outra história), entrou no caminhão, tirou a camisa, deitou e falou então tá, vamos dormir, vem deitar.

O-oi?

Me fiz de desentendida e muito sem compromisso peguei meu livrinho e falei que puxa, olha só, eu nem estou cansada, então eu vou ali ó, perto daquele segurança lá fora, ler meu livro enquanto

você dorme. Ele achou um absurdo, que estava frio e não tinha cabimento. Ah, imagina, eu não estou com sono mesmo. Mas ó, tou super na boa, pode dormir sossegado que amanhã a gente segue viagem para Passo Fundo.

O tom dele mudou.

“Você tá com medo que eu vá te comer.” Que isso, bobagem. “Eu não vou te comer.” Ha ha, claro que não, amigão. Puxa, olha a hora, bom, eu vou ali então. “Eu não vou te comer”, disse ele agarrando meu braço com força enquanto continuou com a maior tranquilidade: “só vou chupar sua buceta se você quiser.”

Larguei o braço dele e disse que opa, essa foi boa, até amanhã, e bati a porta do caminhão.

Mas ele estava certo. Era um absurdo ficar lá fora no frio. Tive que me esconder no banheiro, que pelo menos não tinha vento, e fiquei lá das nove e meia da noite até quinze para as seis da manhã.

Sentada na privada.

Ora lendo, ora tentando dormir e não conseguindo e a maior parte do tempo rabiscando bobagens no meu caderno para o tempo passar, tipo uma lista de músicas com “cold” ou “ice” na letra. Ou lista dos caras que eu já beijei em ordem cronológica e depois passando em ordem alfabética. Cantando as músicas com cold. Tentando dormir mais um pouco e cantando as músicas com cold de trás para a frente. Você sabe, coisas para passar o tempo. Foi uma noite do inferno (se o inferno fizesse -30º) e quando saí do banheiro e vi que a luz do caminhão já estava acesa, sorri de alegria. O sorriso durou até a hora em que eu entrei para pegar minha escova de dentes.

–Bom dia.

–Onde você dormiu?

–Ah, nem dormi. Fiquei acordada lendo.

–Senta aqui.

Olhei desconfiada e ele mandou sentar de novo.

– Só sentar?

–É. Fica tranquila, já falei que não vou te comer.

Sentei.

–Por que você não quis dormir comigo?

–Porque não.

–Deixa eu te chupar.

–Não!

–Só chupar a sua buceta! Eu não vou comer, porra!

–Não!!

–Então me chupa você!

Levantei e comecei a pegar minhas coisas que estavam no chão. Ele me puxou pela cintura.

– Tira a calça então.

Abri a porta, joguei minha mala do alto mesmo e saí num pulo, batendo a porta com uma força que eu nem sabia que tinha. Ele ainda teve tempo de gritar alguma coisa, provavelmente deve ter sido “piranha” ou algo do tipo, mas eu estava com raiva demais para escutar.

Então era isso. segundo dia de viagem, seis da manhã e eu perdida em Tio Hugo, sem carona e com medo de todos os motoristas serem assim.

8.10.04

Segundo dia: Tio Hugo

No último episódio eu estava perdida e abandonada num posto Siga Bem Caminhoneiro em Tio Hugo. Eu poderia escrever horas e horas sobre uma cidade chamada Tio Hugo, mas vou deixar para outra ocasião.

Pausa, na outra linha, parágrafo.

Estava abandonada e completamente desiludida, achando que todos os motoristas seriam tarados e pronta para desistir, quando

caiu a ficha: você vai ter que pedir carona ou vai morrer num acostamento qualquer abraçada com sua mochila do Garfield. Se fodeu, filha da puta.

Caso você nunca tenha passado por algo do tipo, eu vou te explicar como é viver assim. Você se sente uma merda, a última das pessoas, e ao mesmo tempo descobre uma força incrível dentro de você e uma sensação de que nada, nenhum tarado, vai conseguir te derrubar. E nesse misto de emoções peguei minha mochilinha, andei alguns quilômetros e fui para a estrada, pondo o dedão para funcionar mais uma vez. Cinco minutos depois um caminhão parou e Olha, não vou terminar a história agora porque estoy borracha. Na quarta fui para a casa da Brisa e numa dessas falei com a Angélica e numa dessas vou passar o final de semana em São Paulo e numa dessas eu estou na casa dela tomando rum e assistindo Dirty Dancing, então depois eu escrevo porque esse computador tá me enjoando.

9.10.04

Deixa eu acabar logo essa história porque ficar aqui na casa da angélica tem me feito bem e daqui a pouco eu posso esquecer que sou uma sem-teto que vai voltar para a beira da estrada logo logo.

Após o fiasco quero-chupar-sua-buceta da noite anterior eu resolvi tomar duas providências. A primeira foi dividir a viagem em etapas com um destino final por dia. Curitiba, depois São Paulo e Rio. Se eu pegasse caronas só pensando em chegar no Rio acabaria tendo que passar noites com motoristas tarados e esse era o tipo de coisa que eu estava tentando evitar. A viagem ficaria mais longa mas minhas chances de sobreviver também seriam maiores então me pareceu uma troca justa. A segunda medida foi mudar o approach e criar uma história dramática porque histórias tristes são broxantes, diminuindo as chances de abuso sexual. A história ficou mais ou menos assim: eu estava em Buenos Aires, estudando e trabalhando, quando minha mãe (que mora no Rio) sofreu um derrame e eu tive que voltar correndo. O dinheiro estava curto e,

desesperada com o estado de saúde de mamãe, resolvi me arriscar na beira da estrada para chegar no Rio o quanto antes. Uma história de mestre, comovente e ao mesmo tempo inspiradora, eu diria.

Assim que entrei no caminhão da minha segunda carona comecei a vomitar o drama do derrame para comover logo de cara. Acho que nem teria precisado porque o moço de tarado não tinha nada, foi super querido e se comoveu mais do que eu esperava. Só faltou chorar. Ficou todo preocupado, disse que era muito sensível e não conseguia ver o sofrimento dos outros. Quase desmenti a história mas sei lá, ele podia surtar. Antes de descer em Passo Fundo ele me disse que eu poderia ter certeza que ainda ficaria muito tempo na mente dele. Trocamos um abraço, ele me desejou boa sorte e disse seu nome: Hernandes. Isso é mais ou menos como se o Super-Homem tivesse pego uma carona com alguém adorável para descobrir no final que o nome do motorista era Luthor.

Quase quarenta minutos de acostamento em Passo Fundo depois um Gol vermelho parou.

–Oi, moço. Tá indo pra onde?

–Vou entrar na cidade.

–Ah, não, eu tô indo pra Curitiba, valeu.

–Espera!

–Oi?

–Você não faz um programinha?

–Não. Fica pra próxima.

Bati a porta e ele saiu cantando pneu.

Cinco minutos depois um caminhão resolve parar.

–Vai pra onde, meu anjo?

–Curitiba.

–Ah, então sobe que eu te levo mais pra frente. Aqui não é bom pra Curitiba. Tem que ser depois do trevo ou ninguém vai parar.

“Você parou, não parou?”, foi o que eu pensei. E lembrei que o gol vermelho também tinha parado. Tá certo que ele só queria um programinha, mas mesmo assim. Eventualmente algum outro motorista pararia e, com alguma sorte, ele estaria indo para Curitiba Olhei bem para ele. Parecia inofensivo, mas até aí todos parecem. Olhei para o caminhão. Não era muito alto, daria para saltar da cabine em caso de emergência. Olhei para a estrada. Carros e mais carros passando, sem se importar com pobres caroneiros. “Foda-se”, eu disse baixinho enquanto jogava minha mochila no banco do passageiro.

Mal tive tempo de colocar o cinto de segurança e o tio já estava tentando pegar na minha mão. Dei uma risadinha sem graça e cruzei os braços, evitando qualquer contato físico. Ele continuou.

E você não namora na estrada? – ele perguntou quando eu acabei de contar a história derrame.

Dei outra risada sem graça e disse que não porque meu marido provavelmente não gostaria. Ele me lembrou que meu marido imaginário não estava ali. Ponto para ele, mas eu não me dei por vencida. Tirei mais uma vez a mão dele da minha perna e declarei que queria ser respeitada ou ele podia parar ali mesmo. Foi então que ele disse que poderia me dar uma “ajuda” (ajuda = trepe comigo que eu te dou uns trocados). Agradeci e disse que dispensava esse tipo de ajuda, mas ele insistiu por mais algum tempo até que finalmente entendeu que não ia rolar. Daí ele resolveu me ajudar de verdade e pelo rádio do caminhão arrumou uma carona para Curitiba Paramos no acostamento e eu troquei de carona.

Esse outro caminhão era completamente forrado de pelúcia azul, que dava toda uma vibe motel, tinha ar-condicionado, CD player, cafeteira e um motorista adorável que me deixou ouvir Weezer durante o caminho. Paramos para abastecer e o celular dele tocou. Era o patrão dizendo que ele precisaria passar em Concórdia antes de ir para Curitiba, o que não foi muito legal para mim, que estava gostando do café com ar-condicionado. Ele se desculpou e me deu dez reais dizendo que não ia ter tempo para almoçar mas que eu

precisava comer alguma coisa. Eu tentei dizer que não precisava mas ele insistiu e não teve jeito. Desci em Concórdia renovada. Dez reais no bolso e o sentimento de que – ei, as pessoas podem ser legais sem querer sua buceta em troca.

Apesar de amar esse motorista para o resto da minha vida por ter sido muito querido comigo, ele me deixou no pior pedaço de estrada já visto. Nenhum carro, nenhum caminhão, nada. Três horas. Três horas naquela porra de acostamento com o sol do meio-dia fritando minha cabeça e me lembrando que eu não tomava banho desde segunda-feira.

Passou mais um tempo e não deu: comecei a chorar. Era um choro meio irritado, entre palavrões, soluços e gritos desesperados. Passado o surto eu fui lavar o rosto no banheiro do posto e na saída vi um carro com placa de Curitiba abastecendo. Cara de pau ativada:

–Moço, o senhor tá indo pra Curitiba?

–Sm, mas...

–Pode me dar uma carona?

–Então, eu adoraria, mas é que...

–Aimoçopeloamordedeus eu estou na estrada há horas, minha mãe teve derrame, não passa nenhum carro aqui, eu preciso chegar em Curitiba hoje, daqui a pouco vai escurecer, eu vou morrer na estrada, ninguém vai saber onde eu estou, vou ser enterrada como indigente...

–Tá bom, tá bom, sobe.

Viu? Dramas sempre funcionam.

O que ele tentou me dizer no posto é que ele ia para Curitiba mas teria que passar em União da Vitória antes e teria que me deixar no meio do caminho. Eu respondi que não tinha problema, pelo menos estava saindo do acostamento do mal.

Não tenho muito para falar sobre eles (eram dois homens e fomos os três espremidos na frente da Saveiro deles) exceto que, sem

querer ser mal-agradecida nem nada, eles eram extremamente chatos e falavam sobre coisas entediantes como o tempo ou por que o gado em Santa Catarina não é bom. A conversa mais excitante foi sobre o solo catarinense. Pinus. Aqui só dá para plantar pinus. Só pinus, eles diziam entusiasmados.

Fui deixada num posto perto da entrada de União da Vitória e nem cinco minutos depois um caminhão parou. Fiqueitão aliviada por ele estar indo para Curitiba que nem pensei duas vezes antes de aceitar a carona. Fiz bem. Ele não era tarado, me pagou um café e contava as melhores histórias. Depois de um tempo perguntei se ele se importaria se eu dormisse um pouco e ele disse que não, me emprestando um cobertor.

Quando acordei nós estávamos em Pinhais. Onde é Pinhais? DEPOIS de Curitiba. Ele ia descarregar o material por lá e não quis me acordar porque eu estava roncando (oops) e ele sabia que eu precisava descansar. Tá, eu realmente precisava descansar mas agora eu estava presa lá, nenhum posto por perto e pela segunda vez em menos de 24 horas outro caminhoneiro me falava para deitar com ele.

Dessa vez foi diferente, pelo menos. Apesar dele ter insistido um pouco para que eu deitasse, não rolou assédio e foi só eu dizer um não mais firme que ele sossegou. Dormi no banco do passageiro e ele na cama. Parando para pensar agora eu vejo que isso foi idiotice da minha parte. Tá, não aconteceu nada, louvado seja, mas poderia ter acontecido e eu não devia ter ficado a noite inteira com um estranho num lugar abandonado. Que isso não se repita, Ana Paula.

Quando amanheceu ele fez piadinha sobre eu não ter dormido com ele, foi buscar um café e na volta arrumou alguém para me levar até a estrada já que ele teria que ficar lá para descarregar o caminhão. Era só esperar o outro motorista descarregar o dele. Mas o tempo passou e quando vi já eram nove da manhã e estava ficando tarde então resolvi andar até a BR. Ele me ensinou o caminho, desejou boa sorte, eu peguei minha malinha e fui saindo. Duas quadras depois eu parei num posto para perguntar se estava no caminho

certo e o motorista da kombi que me deu informações se ofereceu para me levar até o trevo da BR. Gentil.

Chegando na estrada, nem um minuto depois, para um Corsa prata com um senhor simpático se oferecendo para me levar mais para a frente, onde era mais fácil pegar carona para São Paulo. Ele perguntou se eu estava com fome, mas antes que eu pudesse responder ele disse que a gente poderia comer alguma coisa na casa dele e depois voltar para a estrada então eu pensei melhor e disse que tinha acabado de tomar um café da manhã reforçado.

Ele me deixou em outro posto da rede Siga Bem Caminhoneiro e algum tempo depois um caminhão parou. Como ele estava indo para São Paulo entrei de cara. Andamos apenas alguns quilômetros (só deu tempo de contar a história do derrame), paramos para tomar café e ele comprou o melhor pão de queijo que já comi na vida - mas provavelmente deve ter sido a fome. Voltamos para o caminhão e começou.

> – Ana Paula, a gente se conhece há dez minutos mas eu queria que você ouvisse uma coisa...– disse ele enquanto colocava um CD.

“Isso não vai prestar”, pensei.

Eis que começa uma música gospel com alguém lendo salmos ou sei lá que porra era aquela. O cara era evangélico. Enquanto a música tocava ele me disse que normalmente não dá carona mas quando me viu parada na estrada Deus tocou o coração dele dizendo para me ajudar. Então tá,moço. Valeu aí, Deus.

Disse que o fim dos tempos está próximo, guerras, pessoas se perfurando, se tatuando (discretamente abaixei a manga da minha jaqueta tentando esconder o “vacaciones”) e blá blá. Ele continuou pregando, pregando, pregando. No começo eu queria rir, mas sou super sugestionável e um tempo depois já estava debatendo o evangelho animadamente. Ele me contou que os atentados de 11 de setembro estavam na bíblia, que o fim se aproxima, a serpente do fruto proibido andava como gente... e eu ouvindo tudo amarradona. Paramos para almoçar numa churrascaria e comemos um rodízio

maravilhoso (ele pagando, obviamente). Voltamos para o carro e na serra começou a chover. Pedi para colocar um CD meu e enquanto Chris Martin cantava we live in a beautiful world eu olhava pela janela e lembrava de Buenos Aires, Martín fazendo sua dança freak enquanto Augustín chegava pulando e balançando os braços como se “Don't Panic” fosse a música mais animada do mundo. E a chuva caindo. Quase poético.

Chegamos em São Paulo e ele me deu um cartão, dizendo que se não conseguisse carona era só ligar que ele daria um jeito. Me deu também algum dinheiro e pediu que eu ligasse quando chegasse no Rio. Ah, para finalizar me pediu para ir na Congregação Cristã e eu disse que não podia prometer nada.

Daí foi isso. Cheguei em São Paulo inteira, rodei um pouco e acabei indo para a casa da Brisa, depois vim para a Angélica e estou aqui, repondo as energias, bebendo rum assistindo Dirty Dancing. Segunda eu volto para estrada e o heow de janeirow que me aguarde.

Ou não. Sei lá.

12.10.04

Tá, hoje já é terça e eu deveria estar no Rio mas não rolou. Primeiro porque eu estou me divertindo um bocado na casa da Angélica (noite da baguete, festival da panqueca, salada de frutas etílica em andamento e um pudim de leite na geladeira) e, depois, eu estou com preguiça.

Ontem eu ia. Juro que ia, mas quando acordei estava chovendo e meio tarde para pegar a estrada. Ok, era meio-dia mas até ir para a Dutra, pegar carona e chegar no Rio ia ficar tarde e o Rio não é o melhor lugar do mundo para andar no escuro, sozinha e sem ter para onde ir.

Acho que minha Bicha Bulímica vem para cá hoje e nós vamos levar a cachorra da Angélica para debutar no Ibirapuera (ver e ser vista sendo apresentada para a sociedade) e tomar tequila mexicana.

E daí eu vou. Tenho que ir, não adianta.

15.10.05

Bem que o Didi tentou avisar que não ia prestar ficar aqui em São Paulo muito tempo. Ele estava certo: me acomodei. Mas, após um mês morando com a população adulta de rua de Porto Alegre, quem não se acomodaria? Quis bancar a órfã de Sessão da Tarde e brinquei de ser Princesinha. Dormir com Lenny Kravitz Greatest Hits olhando para mim, acordar tarde, ver porcaria na TV, comer muito, inventar drinques, assistir filmes de medo... tudo muito bom, tudo muito bem, não fosse por um pequeno detalhe: essa não é a minha vida.

Em Porto Alegre eu não tinha nada. Ok, rolava um emprego meia-boca (meu crachá largado no fundo da bolsa não me deixa mentir) mas nada de casa, amigos, dinheiro e essas coisas que qualquer pessoa que não seja completamente imbecil tem. Mas eu não tinha. Então, seguindo a filosofia do peido-para-quem-já-está-cagado, foi fácil largar tudo (tudo O QUÊ?), ir para a estrada e mudar para o Rio. Ir do nada para o lugar nenhum. Você entende que nessas circunstâncias é fácil ser “muito louca”? Nada em jogo. É pegar um copo vazio e passar todo o conteúdo dele para outro copo vazio e tudo (de novo, tudo O QUÊ?) vai continuar vazio. Peraí que eu perdi a linha de raciocínio.

O problema é que no meio do caminho eu resolvi bancar a princesinha e acabei esquecendo que, puxa veja só, I"m a creep, I'm a weirdo, blá blá, I don't belong here.

Essa semana na casa da Angélica me fez pensar que eu tenho alguma coisa aqui em São Paulo, mas é mentira. Tá, eu tenho amigos, mas amigos não pagam o leitinho de ninguém e esses amigos têm seus empregos, problemas e vidas. Eu não posso continuar largando tudo (mais uma vez pra galera do fundão: tudo O QUÊ?) para depois voltar e querer aproveitar um pouquinho da sombra e água fresca dos outros. As férias aqui foram a melhor e a pior coisa que eu poderia ter feito. A melhor porque me diverti

horrores rindo da Sula Miranda e brincando de programa culinário. Foi bom para recuperar minha sanidade mental e lembrar que eu consigo ter um comportamento socialmente aceitável, ver filmes, conversar e comer pipoca. Mas essa semana me fez esquecer do último mês e isso me fez esquecer como eu vim parar aqui para começo de conversa.

E para refrescar minha memória, nada melhor do que a pessoa que me conhece mais do que ninguém. Então é isso. Eu vou para Campinas encontrar com minha Bicha Bulímica e receber palavras de incentivo. Daí eu vou para o Rio. Ou não. Sei lá.

Campinas

17.10.04

Eu poderia escrever um livro de autoajuda tipo "Os 42 segredos das pessoas quase felizes". O primeiro segredo, assim como no AA, seria a oração da serenidade. Aceitar as coisas que eu não posso modificar, coragem para modificar aquelas que eu posso, e sabedoria para distinguir umas das outras. E eu aceito. Parando para pensar, eu aceito até demais.

O segundo segredo seria ocupar sua cabeça com apenas um problema por vez. Pessoas se pré-ocupam demais e isso resulta em stress, sofrimento, úlcera e futuramente câncer.

Exemplo: ontem eu estava em São Paulo e precisava vir para Campinas. Uma vez em Campinas eu teria que dar um jeito de ir até Barão Geraldo me encontrar com o Didi. Depois arrumar dinheiro para entrar no bar. E conseguir um lugar para passar a noite. E dar um jeito de chegar no Rio segunda-feira de manhã. Pessoas afobadas estariam preocupadas com a segunda de manhã. Didi no telefone queria decidir onde eu ia dormir no domingo. Eu tive que explicar para ele que minha única preocupação era pegar um metrô até a casa da minha carona e depois esperar o desenrolar dos fatos. Já aviso que essa prática requer muito sangue-frio. Conseguir se divertir, dançar YMCA e tomar uma cerveja sem se lembrar que não tem onde dormir exige muito esforço, mas felizmente eu tenho anos e anos de prática.

(...)

O Maurício foi minha décima carona desde Porto Alegre. Ele ia me deixar no bar que o Didi estava mas surgiu uma festa com a Kéka em outro lugar e a saudade dela falou mais alto, fora que o tal de Mondo Bar tinha cara de ser uma merda. Fiz ele, muito a contragosto, esperar um minuto enquanto eu dava um abraço na Bicha Bulímica e prometia andar de pedalinho e tomar tequila hoje.

Chegamos na festa, comi bolo, bebi, conversei, até dancei um pouco e chegou a hora de ir embora. O engraçado é que todo mundo sabe que eu sou persona non grata em casa e que preciso de autorização para entrar no prédio, mas para o Maurício foi

novidade. Duas da manhã e eu não tinha onde dormir e ele se recusava a me deixar em qualquer canto para que eu pudesse dormir no banheiro de algum Mcdonald's ou algum posto de gasolina. E eu não podia dormir na casa dele porque lá eu também sou persona non grata. Então ele surtou e resolveu me colocar num hotel. E eu dizendo que não precisava, pra ele ir para casa dormir e me deixar na próxima esquina mas ele não se dava por vencido. Uma parte de mim pensava “ei, um hotel. Maravilha!”, enquanto outra parte pensava que aquilo era extremamente desnecessário. E uma outra parte, que eu nem sabia que existia, estava quase feliz por alguém estar se importando. Vários hotéis e uma luta com a máquina do Visa depois, fui dormir com a maior tempestade de todos os tempos. Dormi pelada ouvindo White Stripes, coisa que eu queria fazer há tempos.

Acordei hoje de manhã sem energia elétrica por causa do temporal e tive que tomar banho gelado. O papel higiênico acabou num momento crítico e rasguei meu casaco favorito, mas it’s alright, it’s alright, it’s aaaaalright.

Vou ligar para minha mãe, mas é certeza que isso vai dar merda. Depois preciso ver o Didi e tentar uma carona de volta para São Paulo.

Minha vida é uma bagunça tão grande, mas cada vez que eu penso “ah, vida bandida” no fundo eu penso que, porra, minha vida até que é legal, eu que fodo com ela.

17.10.04

> – Amigo, Maria Del Bairro eu sou. O drama de uma vida e 200 reais no bolso
>
> –Mentira! Me conta
>
> –Maurício resolveu me dar o cano e disse que só ia para São Paulo amanhã. Nisso eu digo, ok, no problemo, e vou para a casa do Niltão, crente que ele ia me aceitar de braços abertos, mas ele tinha ido para a chácara. Nisso eu penso: fodeu. Eu

queria ligar pro Maurício pra ele pagar outra noite no hotel, mas achei melhor não

– hahah

–Pensei em ligar pra Márcia, mas decido que é melhor não. Penso em milhões de pessoas e desisto logo em seguida. Daí eu penso a última das possibilidades: mamãe. Amigo, foi a decisão mais difícil de toda a minha vida.

–Amiga, imagino

–Eu odeio pedir coisas pra minha mãe e sabia que ela ia dizer não, então resolvi achar um canto escuro e tirar um cochilo numa rua deserta. Acordo do cochilo com dor nas costas e decido que dormir na rua não é a minha praia. Daí pego e ligo pra casa. Mamãe atende. “oi, tudo bem?” “não” “que aconteceu?” “eu preciso de um lugar pra dormir” “aqui não.” Amigo, o “aqui não” dela foi muito um “comigo não, violão”. Daí sem insistir muito eu falei um “então tá” e desliguei. Nisso eu tava voltando pra calçada quando olhei para trás, fiz uma pausa dramática, pensei foda-se, e voltei pro telefone

–Amiga, você rockeia

–Nisso ela atende e eu começo um discurso sobre “apague meu nome da sua agenda” porque né, eu não tenho mais família

–Boa, amiga... tem mesmo que manter o orgulho

–E nisso ela taca na minha cara o episódio de Buenos Aires em que eu disse que meus amigos eram mais importantes porque me amam mais e blá blá

–Sei... o que super é verdade

–Nisso eu explico que tava bêbada quando falei aquilo mas de qualquer forma ela está me negando um sofá enquanto um amigo (amigo cujo dente eu já quebrei) me pagou uma diária de hotel e ela solta a frase bombástica: *então você está vivendo de favor?* e a ligação cai.

–Amiga, um roteirista não teria feito cena mais perfeita

–Liguei de novo e perguntei se ela tinha desligado na minha cara porque o timing foi muito perfeito e ela solta outra ótima: “você sabe que eu não sou disso. eu sempre escuto seus ataques.”

–Haha, sua mãe é engraçada.

–Daí falei “então tá. a ligação caiu” e ela me disse para esperar cinco minutos e passar lá para pegar um dinheiro na portaria. Amigo, eu fiquei puta.

–Amiga, a piranha deixou dinheiro na portaria e não queria nem te ver???

–Eu não sou a Legião da Boa Vontade que recebe doações na portaria

–Mas amiga, quem se importa?? Sou total garoto de programa desde que receba meu dinheirinho

–Pensei em pegar o dinheiro e devolver falando que I'm not dog no, mas novamente falei foda-se, porque preciso do dinheiro. Amigo, nisso eu chego na portaria e estão Dirlei e Inhá me esperando

–Amiga, eu te enchia de porrada se você devolvesse

–Mamãe traz o dinheiro num envelope e pergunta se está tudo bem e eu desequilibrada começo a chorar.

–Te amo

–Inhá também desanda a chorar e mamãe começa o tradicional discurso sobre “eu queria uma família unida”. Depois muda para o “você é tão inteligente, criativa” e cita professores e pessoas que já disseram que eu ia longe.

–E amiga, você vai. Acho que eu choraria também.

–E pergunta por que eu não consigo parar em nenhum emprego

–Porque nenhum é fascinante

–E amigo, eu digo que não tenho sapatos e que não vou conseguir emprego nenhum com chinelos de pés diferentes. Nisso minha mãe olha pra Inhá e diz: Maria, pega mais cinquenta reais lá em cima

– Dirlei rockeia!

– Enquanto a Inhá vai buscar mais dinheiro mamãe continua o discurso “can’t we all get along” e a coisa desanda

– Por quê?

– Porque eu sou membro de uma família desequilibrada. Uma tacando coisas na cara da outra até a gente perder a razão e saírem frases do tipo “eu não tenho culpa que seu pai morreu”. Nisso as duas choram e mais uma vez no timing perfeito Inhá chega com mais cinquenta e um par de sapatos

– Amiga, são sapatos bonitinhos?

– Não, mas pelo menos são sapatos. Daí a Inhá me diz para ter juízo e que ela quer me ver “que nem gente” quando eu voltar e eu pensei que nossa, eu devo estar acabada

– O que é sempre bom para comover

– Lógico. Mamãe repete o discurso da inteligência e diz que sabe que eu vou ser alguém na vida e é a terceira vez que eu escuto isso hoje de pessoas diferentes, então deve ser verdade. Nisso eu fui embora e cá estou. Fim

– Então você ainda está em Campinas?

– Sim, numa lan

– Amiga... por que você não pegou um ônibus pra São Paulo?

– Porque eu vou pegar o ônibus pro Rio.

– Quando? amanhã?

– É.

- Adoro. E amiga... não gaste muito esse dinheirinho tá gatinha?

- Pode deixar.

Rio de Janeiro

18.10.04

O Rio de Janeiro continua lindo, aquele abraço, blá blá, clichês fazem o mundo girar. mas a verdade é que o Rio de Janeiro tá uma bosta. Deve ser porque estava nublado, insuportavelmente calor e passei muito tempo na rodoviária, o que é sinônimo de sofrimento. Procurei um albergue na internet e o mais em conta saía por vinte reais e era logo ali at the copa-copacabana the hottest spot north of havana, então lá fui eu. Toco a campainha (odeio albergues/hotéis que trancam portas, tinham que ser como igreja, sempre de portas abertas prontos para te acolher) e pergunto se rolam vagas simplesmente por perguntar porque eu vi no site que eles estavam desocupados. A mulher dá risada e me diz que *a pousada* é só para turista. Eu dou um suspiro sem paciência e pergunto o que caralhos eu sou e ela diz que só para gringos. Nisso eu digo que se soubesse teria perguntado em inglês e ela me manda esperar e diz que vai ligar para o dono e ver se ele libera minha estadia. Rapaz, eu fiquei puta. Isso é muito coisa de brasileiro, você vai me desculpar. Por que só aceita gringo? Meu dinheiro não serve? Daí ela fala com o cara e a vaca está quase indo pro brejo quando eu tiro o telefone da mão dela e começo a falar com ele. Digo que vi o albergue no hostelworld.com e que lá não dizia nada dessa política gringos-only e que eu não queria nem saber e ele acabou cedendo. E depois desse fuá todo, o albergue não é um albergue, mas um apartamento que ele alugou num prédio ao lado. O lugar onde eu toquei a campainha é só a recepção onde rola uma TV e o café da manhã. Os quartos mesmo são nos apartamentos. Isso é meio estranho porque rola uma vibe meio casa e eu estou me sentindo no Real World, sete estranhos em uma casa. O único que conheci até agora é um cara de Londres que me parece meio pau mole. Quando saí do banho fui pendurar minha toalha na varanda e vi o Cristo Redentor. Me senti como Xuxa em Lua de Cristal. Espero não grudar ninguém em alguma privada.

20.12.04

Continuo achando que vir para cá foi um erro porque ainda estou desempregada, o dinheiro descendo pelo ralo, só chove e nenhuma pessoa interessante cruza meu caminho. Qual a solução? Beber. Peguei um suco de maracujá que estava dando bobeira na geladeira e uma garrafa de 51 que também achei perdida pelos cantos do “albergue” (que não passa de um apartamento caindo aos pedaços com beliches por todos os cantos) e mandei ver. Quando o gelo acabou eu resolvi inovar e, como não devem limpar o congelador há tempos, rolavam camadas e camadas de gelo que resolvi raspar com uma colher, criando um delicioso drinque frozen. Quando já estava bêbada o bastante para não me preocupar mais com a chuva resolvi dar voltinhas por copa-copacabana the hottest spot north of havana.

Tédio.

Não sei se é a chuva, mas essa cidade anda mais entediante do que o normal. Entrei num bar meio pub, meio buraco escuro, pedi uma Heineken, me estressei e saí sem pagar. Entrei em outro. Scotland Yard, também com uma vibe de pub, tocando o CD black total 2004. Me animei tanto com a placa “HAPPY HOUR – 18-24HS – CHOPP R$ 1,00” que nem reparei na clientela. Acabou o primeiro chopp, pedi mais um. My neck, my back, lick my pussy and my crack na vitrolinha. Olho em volta.

Ah tá.

Era um bar de putas e travestis.

Será que vou, será que fico? Podem achar que eu sou puta. E daí? Foda-se, chopp um real, chopp um real, chopp um real.

Lá pelo quinto chopp resolvi interagir e passei a noite dando dicas de moda para putas que me amaram e pagaram mais vários chopps de um real para mim. Pena que não me arrumaram um emprego.

Hoje eu mudei de albergue porque aquele não estava rolando. Só eu e o inglês pau mole naquele apartamento tava me deprimindo, e agora eu mudei para a filial de Tel Aviv no Brasil. Vejamos se rolam alguns gatinhos para me tirar desse tédio.

Enquanto isso na sala de justiça eu procuro um emprego.

22.10.04.

Tem um peruano no albergue que é divertidíssimo. Não que ele seja engraçado, mas he's a maaaaniac maaaaaniac maniac on the floor. As pessoas estão começando a ficar com medo dele, mas eu acho engraçado. A melhor foi quando ele apareceu vestindo uma camiseta ao contrário. A gola sufocando na frente e NO STRESS em letras garrafais nas costas. Daí eu estava bêbada (ah vá) voltando da balada e resolvi dar dicas de moda para ele (O “no stress” vai na frente, cara. Se guie pela etiqueta. Sempre olhe a etiqueta!) e, no momento seguinte eu estava aos beijos com ele porque eu achei que seria engraçado beijar uma pessoa louca. É óbvio que eu só lembrei disso quando a Fabiana foi me acordar pra gente ver o sol nascer. Aparentemente eu PEDI pra ela me acordar e isso mostra o poder do álcool porque bater palmas para o sol está no topo da minha lista de coisas para *não* fazer antes de morrer. Levantei, fui ao banheiro, me enrolei na minha bandeira da Irlanda e fiquei andando pelos corredores até o seu Expedito – o porteiro da noite – me colocar de volta na cama.

21.10.04

Ontem foi dia de ensaio de escola de samba. O combinado era ir na Mangueira, mas teve um tiroteio e acabou não rolando então a gente se contentou com Salgueiro e eu tinha esperanças de encontrar a Luana Piovani porque era dia de eleição da madrinha de bateria mas não rolou. Só algumas capas da Sexy e um cara que eu poderia jurar que era o João Kléber.

Dancei com os dedinhos para cima, cantando salgueeeeeeeiro vermeeeeeelho entre goles de caipirinha e hoje acordei para perguntar para a Fabiana como acabou minha noite. Parece que eu beijei um escocês do outro albergue que estava dando sopa no nosso.

Suspiro.

Eu queria lembrar das coisas. deve ser legal.

22.10.04

Australianos me pondo para dormir na rede, israelenses batendo palmas para a morte do Arafat, austríacas dando sermão que piadas sobre a segunda guerra não são engraçadas, alemães cantando “no tengo dinero, ô ô ô” para vendedores de cerveja, inglesas amassando limões gritando “crush them like bitches”, holandesas pedindo para raspar o cabelo com gilette sensor for women e um anão canadense bêbado revelando que é ator pornô enquanto tenta sambar.

De certa forma eu não consigo parar de pensar que deveria estar procurando emprego. Mas, é minha culpa que a vida é chata e a cerveja está gelada?

3.11.04

Os israelenses até que são legais, mas ver meia dúzia de bêbados gritando obscenidades em hebraico perde a graça logo após a vigésima vez. Pior é que eu acho que estou começando aprender alguma coisa e ontem, após umas vodcas e muito esforço, eu consegui entender que eles estavam falando sobre comida.

Cheguei no albergue e fui jogar xadrez com dois irlandeses bêbados enquanto a gente debatia as melhores cervejas do mundo e eles contavam que já jogaram um poodle de um penhasco, mas essa parte eu posso ter alucinado.

Cara, tá muito calor para trabalhar. Ou dormir.

6.11.04

Ontem eu fui de táxi até a praia. Pode parecer normal, mas uma vez que a praia fica a três quadras de distância a coisa toda ganha um toque de extravagância. Uma vodca com suco de pêssego depois a gente resolve voltar para o albergue. De táxi, obviamente. Chego no

quarto e dou de cara com uma senhora gordíssima, nua, sentada na cama ao lado da minha comendo uvas.

Mais uma vez: a velha estava pelada, sentada na cama com as pernas relativamente abertas (as dela, não as da cama) comendo uvas e me perguntando se eu era paulista.

Aparentemente a história é mais ou menos assim: ela é velha, ela é louca. Esses são os únicos fatos concretos. Ela diz que é italiana, mas fala português e a carteira de trabalho dela diz que nasceu em São Paulo. Aliás, a carteira de trabalho é o único documento dela, fora um punhado de camisinhas que amanheceram ao lado da minha cama – e as uvas, é lógico.

Hoje de manhã ela rodou o albergue inteiro procurando uma toalha, brigou com a faxineira e acabou se enxugando com o tapete do banheiro. Depois disso ela desceu para tomar café, fez check-in e saiu toda toda vestindo um corpete que ninguém usaria como blusa e um short que estava sendo devorado pela bunda, se você entende o que eu quero dizer.

> Eu para a Fabiana: A gente vai no show hoje?
>
> Fabiana: Sei lá...
>
> Velha Louca: Que show?
>
> Eu: Cidade Negra.
>
> Velha Louca: Ah, eu não vou, minha cidade é azul.
>
> Eu olho para Fabiana, Fabiana olha para mim, a Velha Louca continua: Minha cidade é de Jesus. (para mim) Você conhece jesus?
>
> Eu: Conheço.
>
> Velha Louca: Jesus é maravilhoso. Eu amo Jesus. Ele está voltando... e é apaixonado por mim.

Nisso eu levanto com uma desculpa qualquer e desço.

Fora que na hora do check-in ela disse que tinha HIV mas foi curado por Jesus curou e agora é devota. Certo. Isso explica as camisinhas no chão.

Eu acho que ela vai sair sem pagar porque 1) ela só tem uma sacola de supermercado (onde carrega a carteira de trabalho, as uvas e as camisinhas); 2) já fugi muito sem pagar de albergue e boi preto conhece boi preto.

12.11.04

O anos de experiência me ensinaram que tudo é dosagem. Se você respeita os seus limites e não extrapola, tudo dá certo.

O que não significa que eu sigo essa filosofia, obviamente.

Estou desossando de segunda a sexta e isso resultou num dia dos infernos, com jatos de vômito verde-abacate de hora em hora. Ah, sim, para piorar, acabou a água do Rio de Janeiro e o caminhão pipa que o albergue comprou não deu nem para o cheiro. Agora só dá a gringaiada tomando banho de canequinha e eu jogando baldes de água para descer o vômito privada abaixo.

A coisa toda começou a desandar na terça-feira, quando Beth, minha amiga de Gales, chegou. A ideia era ir num quiosque para uma cervejinha inocente no final da tarde, mas lá pelas três da manhã nossa mesa tinha mais de 15 pessoas e lá pelas oito da manhã éramos só nós duas novamente, pedindo mais uma vodca e cantando Stereophonics. Quando deu nove da manhã a gente resolveu voltar para o albergue e tomar café da manhã mas ainda não estavam servindo e o porteiro não deixou a gente ficar esperando porque não pega bem duas moças bêbadas largadas no sofá – palavras dele.

Nisso eu passei a quarta-feira inteira largada pelos cantos bebendo água, mas deu oito da noite e eu já estava com um choppinho na mão. Lá pelas nove horas aparece um cara distribuindo flyers de uma balada aqui perto com cerveja de graça até uma da manhã e eu pensei “vai dar merda” para logo em seguida pensar “foda-se, cerveja de graça”. E lá fomos nós, eu com meu salto alto, já no grau, pronta para secar o open bar.

E sequei.

Acabou a cerveja de graça e eu seguia os outros com meu copo vazio pegando drinques de todo mundo e misturando todas as bebidas imagináveis. Como já era previsto, deu merda. Voltei descalça, agarrei pessoas, menti meu nome, dancei, dancei, dancei, agarrei mais algumas pessoas, discuti com seguranças, um dos caras que foi com a gente acordou na praça (e agora tem que me ouvir cantar “seu guarda eu não sou vagabundo...” toda vez que passa por mim) e acordei vomitando horrores. Muito mesmo. Muito muito mesmo. Nível Exorcista. Agora já estou melhor e o pessoal foi beber em algum lugar mas eu resisti bravamente. Tenho que me preparar para a lapalapalapa amanhã e para o Didi no sábado.

14.11.04

Então o Didi veio. Por um momento eu pensei que ele não viria porque o combinado era ele ligar quando chegasse mas o telefone do albergue está mudo há dias. Desesperada, entupi a caixa postal dele com o endereço daqui e, como um anjo, ele apareceu.

Uma ocasião especial como Polly e Didi juntos no purgatório da beleza e do caos exige uma desossagem especial, e que lugar melhor para isso do que um baile funk na Cidade de Deus? Onze e meia da noite, copo com vodca numa mão, Skol Beats na outra, e a van do *“Be a Local”* buzina. Passamos para pegar alguns gringos no meio do caminho mas os únicos que merecem comentários são o Irlandês Estressado, um cover do Clint (nosso amigo bêbado em tempo integral de Buenos Aires) e a namorada dele, uma gatinha de Cascais.

O bom de ir em excursões com gringos é que você ganha benefícios tipo camarote para se proteger do povão e eu devo dizer que se não fosse aquele camarote eu provavelmente teria levado um tiro. Baile funk é tudo aquilo que você imagina e mais um pouco. Calças da Gang por todo lado, cerveja um real, homens te agarrando, garotas engravidando, Tati Quebra Barraco cantando que não quer homem de pinto pequeno. Uma beleza.

A melhor da noite:

Um cara do meu albergue, vamos chamá-lo de Nhonho Mochileiro, fingiu ser do Panamá para pegar uma morena de Madureira. Palavras dele quando perguntei por que caralhos Panamá: “eu só ia faturar ela se fosse gringo.” Fiquei na mesma.

25.11.04

O Didi acha que eu devo ser mais virginiana, planejar as coisas, ter objetivos e a coisa toda. Eu quero. Eu juro que quero e tento com todas as minhas forças, mas não dá. É só uma coisinha, por menor que seja, não sair como quero que eu já dinamito tudo. Parece que em vez do anjinho e do diabinho me dizendo o que fazer eu só tenho o diabo. E um diabo bem persuasivo, devo acrescentar. Encosto, meu amigo. Encosto dos brabos.

Daí pode ser que eu volte para Buenos Aires porque se você não tem nada você não tem nada a perder, né? Pense comigo: eu não consigo morar nas duas únicas cidades moráveis do Brasil (Rio e São Paulo) e Buenos é a melhor cidade do mundo, então ficar aqui pra quê?

Pior do que tá não fica e se eu for presa... não vai ser a primeira vez.

Buenos Aires

28.11.04

Então tá. Cheguei. Após 937 horas no ônibus do capeta, mas cheguei. E de ressaca, porque depois da terceira hora de espera na imigração a gente resolveu fazer uma vaquinha para comprar uísque no dutyfree de Iguazú. Duas notas importantes: 1) a gente = seis membros de uma banda de punk mexicano em tour pelas américas, um cowboy de Barretos indo visitar a namorada em Santa Fé, um inglês boh-ring mas dono de um baralho, um ex-jogador do River Plate que largou o futebol por causa das drogas, uma gaúcha que está de mudança para Buenos e eu; 2) eu não posso beber uísque. Simplesmente no puedo, então é óbvio que deu merda. Tudo culpa de um chileno que estava tentando ir para a Argentina com as três filhas brasileiras menores de idade. Sem autorização da mãe das crianças. Os federais (eu amo dizer “os federais”, melhor que isso só dizer “os tiras”) resolveram encrencar e só iam desencrencar após uma multa de 2 mil reais – por criança – e o chileno saiu no tapa com um deles. Quatro horas e meia depois a gente finalmente passou para o lado argentino, mas lá pela terceira hora de espera eu achei que seria uma boa ideia jogar um carteado e alguém falou que carteado sem álcool não rola e eu disse que “opa, não seja por isso, o dutyfree é logo ali”. Eu e minhas ideias brilhantes. Falei com o federal totalmente borracha e quando ele perguntou o que eu ia fazer na Argentina eu só mostrei minha tatuagem e disse *vacaciones*. Eu só não fui deportada porque os punks mexicanos conseguiam causar mais do que eu.

Bêbada.

Em cada parada a gente aproveitava para tomar uma cervejinha e jogar truco. Em Pasos de Los Libres eu desci com uma bandana amarrada no rosto dizendo que era zapatista. Um pouco depois o ônibus parou e entraram dois tiras. Eles queriam saber quem tinha comprado os três aparelhos de DVD que estavam no bagageiro. Ninguém se manifestou e nada do dono aparecer. Uma hora depois eles desencanaram e deixaram a gente seguir viagem. Caí no sono

e acordei de ressaca, fedendo a cachaça na estación Retiro. O metrô ainda não abriu então eu comprei o Clarín para ver o que está pegando em Buenos e fui tomar uma quilmes.

Aí, eu amo a argentina.

29.11.04

O único pré-requisito para ser meu amigo é ter senso de humor. Eu amo o Didi porque você pode largar a gente no Acre ou no meio do sertão nordestino e a gente vai dar um jeito de se divertir horrores. Com a Nadja também é assim. Domingo em Buenos Aires é tudo caído e após meia hora rodando Palermo em busca do bar que eu queria ir e no final das contas estava fechado, resolvemos ir para o bom e velho Kilkenny. Meio vazio, mas com uma vodca na mão no hay problema e me contentei em sentar no bar para explicar toda a saga das sandálias da humildade para a Nadja. Três drinques depois e o lugar já tinha alguns gatinhos, fora os membros do staff que nunca desapontam, então era hora de dar uma volta pelo lugar, ver e ser vista pela sociedade portenha.

Nisso eles mudaram a decoração do bar e agora perto do banheiro rola uma mesa para duas pessoas que é um misto de trem e balcão. Você entra e tem uma portinha e uma janela, ninguém vê sua perna e você fica sentadinha vendo todo mundo passar. A ideia inicial era brincar de maquinista mas após o terceiro piuiií a coisa toda perdeu um pouco a graça e eu resolvi que a gente tinha que brincar de balcão de informações.

Escrevemos *Informaciones/Information/Informações* num papel e esperamos os turistas. Dois minutos e começou a comoção. Um cara do staff veio tirar o papel e eu não sei o que ele disse, mas Nadja e seu decote conseguiram manter o balcão em funcionamento.

Após o incidente inicial o negócio deslanchou e começamos a cobrar dois pesos por informação e três pesos por mapas caseiros feitos em guardanapos, com direito a Obelisco, Mcdonald's e flechinha indicando *you are here*. Eu poderia ficar explicando mas

você não vai entender e a verdade é que eu estou com sono, preciso procurar um novo albergue porque esse tem muita gente feia e rola uma ressaca, mas foi divertido.

3.12.04

Eu sempre levei minha mãe a sério. Ha ha, ok, essa foi boa. Mas a verdade é que se ela fala alguma coisa eu acredito e ela sempre me disse que as argentinas eram elegantes. Lembro que uma vez estávamos em Fortaleza ao lado de várias argentinas e mamãe começou a falar que argentinas são tudo, elegantes, pomposas, classudas. É, ela falou classudas. Eu lembro muito bem dessa palavra. Isso tudo ficou na minha cabeça e cresci acreditando que as argentinas realmente eram classudas. Anos depois posso afirmar: são o cacete.

Argentinos, eu admito, têm um certo charme. Mullets, telefone na cintura e meio metro de altura à parte, eles ficam bem garbosos num terninho Dior. Mas as argentinas são foda. As mais novas tiram seus casacos maravilhosos e revelam as combinações mais absurdas do mundo. As mais velhas, vistas por trás, aparentam 18 anos. De frente, 80. Simplesmente não rola.

Daí eu estava pensando na minha mãe e nas filhas dela. A mais nova é uma alcoólatra obesa mórbida sem um pingo de etiqueta. A mais velha uma anoréxica sem um pingo de capacidade mental. É óbvio que uma pessoa com duas filhas assim acha argentinas classudas.

Qualquer um acharia. Perspectiva, saca?

4.12.04

Eu sou uma criança que não pode sair por aí sem supervisão de um adulto responsável. Estava tudo combinado para o final de semana na Ilha de Caras, Nadjão ia me pegar em Recoleta às sete e a gente ia para a casa dela se arrumar para a desossagem, mas houve uma mudança de planos e eu tive que zanzar sozinha por Buenos Aires até meia-noite. No começo eu fiquei puta porque a tomada no

Mcdonald’s não é compatível com a minha chapinha e sair com a franja rebelde não me agrada muito, mas com Sônia Rocha na vitrolinha é impossível não sorrir, então eu decidi me afundar na bebida para passar o tempo e para parar de me preocupar com a minha franja.

Comprei uma garrafa de vodca, uma de suco de laranja e fui ao cinema. O mais engraçado era meu medo de ser pega e ter que explicar com meu portunhol para o lanterninha que *yo no soy alcoolatra, apenas aburrida, esperando amiga, si? és bueno?* Acabou que no final do filme eu já estava completamente bêbada, comprei uma cerveja e fui para o metrô cantando *Belo Léo, Leonardo, Da Vinci e da humaaaanidaaaadeeee* para quem quisesse ouvir.

Meia-noite e nada da Nadja aparecer então eu resolvi socializar com o U2 cover que estava rolando. Quando ela chegou fomos para outro bar com direito a samba no meio do caminho, tombos (meus, obviamente) e votos de boas festas para estranhos. Ah, o álcool. Daí a gente chega nesse bar e eu dou um showzinho dançando Funkytown. No final, um garçom veio apertar minha mão e me parabenizar. Pela coragem, acho. Daí agora eu acordei na Ilha de Caras, já nadei de roupa com um labrador, tomei um solzinho, li Veríssimo e acho que vou andar de bicicleta pela ilha. Ninguém diz que ontem eu era o retrato da decadência juvenil.

7.12.04

Final de ano é aquela época em que você para pra pensar no ano que passou, as merdas que fez, a dignidade que ficou para trás, planos para o futuro... todo o mcblá de sempre. E eu sempre me arrependo de tudo. Absolutamente tudo. Não tem um 31 de dezembro que eu respiro fundo, pulo sete ondinhas e penso que estou orgulhosa de algo que aconteceu nos últimos 12 meses. Nunca.

Mas esse ano, com o advento da internet, eu posso procurar pobres almas tristes no Orkut e pensar: eu posso fazer merda, mas pelo

menos eu não sou essa pessoa. Ou essa. Ou aquela outra.

Meus antigos colegas de escola, por exemplo. Todos se formaram, fazem faculdade, têm carro, casa e parceiro fixo. Eu? Mandei tudo à merda e fui para a Irlanda, não sei dirigir, mal tenho onde morar e sequer me dei ao trabalho de terminar o ensino médio. Me orgulho disso? Obviamente não. Mas se você examinar com cuidado, os ex-colegas de classe fazem parte de comunidades do tipo Chiclete com Banana, Hello Kitty, Eu Amo Meu Namorado e alguma do Chaves. Dificilmente essas pessoas têm mais de vinte comunidades. Algumas, só quatro. 105 amigos e quatro comunidades. QUATRO!

Em conversa recente com o Didi, decidimos que não dá para levar a sério uma pessoa com menos de cinquenta comunidades. Ou pelos menos metade do número de amigos. Quatro amigos? Duas comunidades. Cem amigos? Cinquenta comunidades. Isso é o mínimo. Porque né, se você não consegue se interessar por nada além do Chiclete com Banana, a cidade ou o bairro em que estudou e não vê uma boa razão para ser membro da “Dercy Gonçalves dá um caldo” ou “Jogar war é bom mas dá merda”, então eu tenho pena de você. Dó mesmo.

Concluindo: antes desequilibrada, desempregada e falida do que membro da comunidade “Eu amo a Hello Kitty".

13.12.04

Acordei com um gosto estranho na boca e a pior ressaca dos últimos tempos. Vou lavar o rosto e... o que é isso no chão? Seriam pedaços de feijão do burrito de ontem? Eu vomitei quando cheguei em casa? Bom, pelo menos explicaria o mau hálito. Peraí. Cadê o meu casaco? E meu discman? E o meu Ben Folds Live, porra? Fui roubada. Mas... flashback! Eu estive em outro albergue. Preciso lembrar onde era, minhas coisas devem estar lá. Think, Mcfly, think! Menti que falava francês para o segurança chileno do bar mexicano. Isso não explica o sumiço do casaco, mas pelo menos consegui lembrar alguma coisa. Segundo flashback do dia – cerveja. Tinha cerveja no outro albergue. Maravilha. Agora só preciso achar um

albergue que vende cerveja e pronto. Pensando bem, eles podem ter comprado a cerveja em outro lugar, então voltamos à estaca zero. Ok, deve ser perto do restaurante mexicano porque fui lá usar o banheiro. Isso! Foi isso! O restaurante mexicano fechou, eu queria usar o banheiro e parei nesse albergue no meio do caminho. Chegando lá duas israelenses estavam dançando Liz Phair e resolvi ficar um pouquinho, acabei ficando um poucão, não tinha mais dinheiro porque gastei tudo em margaritas e burritos e disse que ia no meu albergue pegar dinheiro e já voltava. Como realmente tinha planos para voltar, nem levei o casaco e o discman. Chegando em casa vomitei as margaritas e os burritos e acabei dormindo. É. Faz sentido. Deve ter sido isso. Só falta um detalhe: como eu cheguei aqui? Táxi. Deve ter sido um táxi. Mas eu não tinha dinheiro. Calma, eu estou lembrando. Andei duas quadras, cansei e entrei no primeiro táxi que passou. Mas eu não paguei. Como eu fiz isso? Será que o taxista ainda está lá fora me esperando? Merda. Vou olhar pela janela e ver se ele ainda está lá. Não, nada. Menos mal. Bora ir atrás do casaco e do discman. Ok, aí está o restaurante mexicano. Onde está o albergue? Direita ou esquerda? Direita. Quando estou bêbada eu sempre pego a direita. Não, nada na direita. Tenta a esquerda. Opa, um albergue. Será que é o mesmo? Vejamos. É, eu lembro dessa poltrona rosa. Talvez eu tenha dançado ou pulado nela. Ei, o que é aquilo? Meu casaco! Obrigada, senhor. Preciso perguntar do discman. Hein? O nome do funcionário que estava aqui? Sei lá, moço, Martín? Ah, não trabalha nenhum Martín? Quais são as outras opções? Santiago, Hugo e Gaston. Gaston! com certeza era Gaston porque eu cantei “my what a guy, that Gaston! No one shoots like Gastooon" pra ele. Ah, o Gaston só chega às 11 horas? Então tá. Eu volto mais tarde. Podia ser pior. Mas... e se ele não quiser devolver o discman? Ele vai ver só uma coisa. Ver o quê, exatamente? Que eu sou uma bêbada que espalha os pertences pelo mundo e depois quer de volta? Fodeu. Parabéns, Ana Paula. Meus parabéns.

14.12.04

Consegui recuperar meu discman, Gaston morreu de rir quando eu disse que não lembrava de picas, mas agora rola um pequeno probleminha. Eu estava com medo de não conseguir o discman de volta e como não teria pesos para comprar um novo, resolvi apelar. Apelar no caso se resume a dizer em voz alta no meio da rua: “Deus, se eu recuperar meu discman, nunca mais bebo.”

Parei, pensei bem e reformulei.

“Oi? Deus? Olha só, o natal está chegando e vou precisar do álcool para não cortar os pulsos, então eu juro que paro de beber assim que passarem as festividades de final de ano. Tudo bem por você? maravilha.”

Daí eu pensei mais um pouco. Até janeiro eu já vou ter esquecido desse episódio e a promessa vai acabar não sendo cumprida. Bad karma. Resolvi fazer mais alguns ajustes.

“Deus? Eu de novo. Discman na mão e eu não bebo até o natal. depois volta tudo ao normal. fechou?” Infelizmente deus não respondeu.

Minha dúvida agora é: Devo cumprir a promessa? Decidam rápido porque está calor e estão me chamando para uma cerveja.

Não? Então tá. Foi mal aí, Deus. Desculpa qualquer coisa.

20.12.04

Talvez eu esteja ficando louca, talvez não. Nunca fiquei louca antes então não posso garantir nada. Só sei que não paro de me coçar há uns três dias, as injeções não ajudaram porra nenhuma e a depressão natalina finalmente me pegou. De jeito.

Eu tenho esses diários, sabe. Quer dizer, não são bem diários, apenas uns cadernos que comprei quando cheguei em Porto Alegre e decidi usar para organizar as ideias e facilitar a vida das pessoas que me achassem morta em algum beco. Sim, eu penso nesse tipo de coisa. Obviamente não tenho o menor desejo que meu corpo esquartejado seja encontrado na BR-116, mas com uma vida como a minha é sempre bom estar preparado para todas as possibilidades

e preencher o campo “em caso de emergência favor avisar _____” com cuidado. Mas enfim. Eu estava falando sobre os cadernos. Esquece, agora eu quero falar sobre outra coisa.

Quando eu voltei da Irlanda minha mãe deu o adorável prazo de cinco dias corridos para que eu saísse de casa, arrumasse um emprego e sumisse por um tempo. Ela estava bem puta. Nisso eu coloquei um anúncio no blog dizendo que se alguém quisesse me abrigar e/ou me dar um emprego eu agradeceria e surgiu a Mari, uma gótica de 16 anos que eu nunca tinha visto na vida. Ela mandou um e-mail com o telefone, dizendo que podia me ajudar. Liguei na hora e no final das contas mudei para São Paulo, fiquei um mês na casa dela e quase um ano no emprego que ela me ajudou a conseguir. O que leva alguém a fazer uma coisa dessas por uma pessoa que não conhece eu nunca vou entender, mas espera que eu vou chegar em algum lugar com essa história.

2004 foi foda. Cheio de altos e baixos, praticamente um ano maníaco-depressivo. Façam camisetas: **2004, O Ano Bipolar.** Os melhores dias intercalados pelos piores meses, champanhe em Buenos Aires e esmola em Porto Alegre. Vacaciones eternas e dias trabalhando no Baú da Felicidade.

Tudo muito divertido, mas deu. Olhando o primeiro dos cadernos vi que meu único plano em Porto Alegre era continuar vendendo os planinhos de saúde, juntar reais para sair do abrigo e começar o outro ano... sei lá, *estabilizada*. O que não deixa de ser uma grande piada porque, né? Estabilidade, não trabalhamos. E tudo isso estava tão longe. Eu tinha meses e meses até janeiro, mas agora eu tenho só duas semanas e parece que tudo que eu quero está cada vez mais longe.

Daí eu estava pensando que chega, né? Nem eu sou idiota o bastante para achar que vou viver nesse mundinho fantasioso desossando em tempo integral para sempre. Chegou a hora de arrumar minha vida e mudar algumas atitudes porque não dá para conseguir resultados diferentes agindo da mesma forma.

Até consigo acordar cinco da manhã, pegar metrô, ônibus, metrô, trabalhar oito horas, voltar para casa e esperar o pagamento dia cinco. Não gosto, odeio, quero morrer, mas consigo. Ao menos por um tempo. O problema agora é: onde?

Sejamos práticos: Campinas, minha cidade natal, não rola. Me manda adestrar lhamas no Peru mas não me manda de volta para Campinas. São paulo. Ok, São Paulo pode ser. Amigos por perto, todo um mundo de possibilidades e blá blá. Mas sei lá, queria algo novo. Rio de Janeiro não. Porto Alegre não. Vamos pensar nas capitais porque interior não me seduz. Sei lá. Curitiba pode ser legal. Florianópolis também é interessante mas cidade de praia, areia por todos os lados... sei não. Qual mais? Alguém aí tem uma lista de todas as capitais em ordem de renda per capita e qualidade de vida?

E mais importante: alguém aí gostaria de se espelhar na gótica adolescente e me abrigar? Porque dinheiro não está saindo pelos meus poros no momento. Ok, não precisa me abrigar, mas pelo menos um emprego? Faço qualquer coisa. De verdade. Meu currículo vai de webdesigner a vendedora porta-porta de carnê do Baú. Sério.

Quero ir embora logo. Sim, me gusta Argentina, mas depois eu volto. De férias, talvez. Os mullets não vão fugir. Cansei. Quero uma vida normal. Aluguel para pagar, conta de luz, ter um telefone, sabe? Faz tanto tempo que eu não tenho telefone. Poder ser sócia de alguma videolocadora e ter que comprar um despertador. Abrir uma poupança, talvez.

Mas onde?

Goiânia

29.12.04

Sabe aqueles filmes de Sessão da Tarde em que a mãe solteira workaholic percebe na manhã do dia 24 que esqueceu o presente dos filhos e parte numa busca frenética pelas ruas de Chicago? Daí ela finalmente acha o presente perfeito mas uma senhora inevitavelmente gorda pega a última caixa antes e a pobre mãe workaholic é obrigada a rever seus conceitos, admitir que tem trabalhado demais e chorar, dizendo que os filhos são a coisa mais preciosa que ela tem. Nisso a senhora inevitavelmente gorda se comove e acaba deixando a pobre mãe workaholic ficar com o brinquedo. Todos na loja aplaudem e corta para a manhã de natal, com os filhos pulando na cama da pobre mãe workaholic pedindo para abrir os presentes. A mãe abraça os filhos e eles não entendem por que ela está chorando. Então. Eu vivi um filme desses semana passada.

Longe de mim ser workaholic, muito menos mãe solteira, mas eu tenho a mongolice necessária para ir numa rodoviária três dias antes do natal e pedir uma passagem com a maior naturalidade do mundo para que pessoas riam da minha cara e digam que agora só em janeiro. Flash dos meus filhos me esperando em casa para o natal. Uma lágrima cai. “Moço, pelo amor de Deus, arruma uma passagem, eu preciso passar o natal com minha avó. Pode ser o último. Ela está de cama no Brasil.” Nada. O moço nem piscou. Insisti, chorei mais um pouco e o cara finalmente cancelou uma reserva. Fiquei esperando a rodoviária explodir em palmas e cortar para a cena dos meus filhos pulando na cama sem entender por que eu estava chorando, mas na verdade cortou para uma quase prisão porque meu visto estava vencido e três dias no ônibus do demônio. Mas no final das contas passei o natal em Goiânia, fazendo comentários do tipo “mas nossa, tem asfalto aqui, né?” e cantando Lua de Cristal no videokê do natal dos pobres (não estou sendo preconceituosa, o nome do evento era esse mesmo: Natal dos Pobres). Me sinto tão próxima da Wanessa Camargo agora que sei comer pequi, mas na minha cabeça demente Uberlândia tem mais

potencial que Goiânia, uma vez que nunca teve acidentes com césio.

Agora eu vou na delegacia dizer que roubaram todos meus documentos. É mentira, mas é mais fácil que admitir que é uma pessoa desequilibrada que perde um documento por mês e acaba o ano sendo enterrada como indigente.

31.12.04

Retrospectiva 2004

Maior Maldade: Coster, o sul-africano do Hostel Clan, era a figura mais bizarra do mundo. Juntou dinheiro matando leões na savana e foi gravar um CD na argentina. O disco (que inclui o hit *así, así, así, me vuelvo loco por um ratito mamita*) era a razão da existência do Coster. A coisa mais importante na vida dele. O mais próximo que ele já chegou de uma realização. O filho que ele nunca teve. Filho único, apenas uma cópia. Daí ele fez alguma coisa que me irritou muito mas deve ter sido bobagem porque nem lembro mais e eu decidi brincar de frisbee com o CD, abri a janela, gritei “Coster vai se foder” e joguei o CD na rua. Coster foi correndo buscar, voltou jogando uma garrafa de Sprite na minha cabeça e dizem que depois ele chorou. Dias depois eu me desculpei e hoje eu me arrependo. De ter pedido desculpas, obviamente. O filho da puta sumiu com todos meus CDs do Ben Folds, mas, se pararmos para pensar, eu devo ter merecido.

Maior Humilhação: Era uma vez um lindo irlandês que sofreu um acidente de carro anos atrás e agora tem um braço podre. A mania da garotada era dar um selinho em qualquer pessoa que estivesse por perto independente de credo, cor ou classe social e numa dessas Billy estava filmando a festa quando eu viro para o irlandês e peço um selinho para as câmeras. Em vez de dar um selinho à la Hebe Camargo ele vira e me dá um beijaço, que foi devidamente documentado, e nisso eu começo a pedir mais selinho o tempo todo até que a gente resolve ir para o banheiro e blá blá até aí morreu o Neves.

A humilhação fica por conta do dia seguinte, quando eu tive que partir em busca da bola 8. Esse cara era de outro albergue e depois que ele foi embora todo mundo estava sentado na mesa de sinuca, derrubando litros e litros de vinho tinto nela e eu achei que seria legal levar uma bola de presente para ele. Tipo um souvenir. Então eu peguei meu casaco, a bola 8 e marchei para o albergue onde ele estava. Chegando lá eu não conseguia lembrar o nome dele e o cara da recepção não queria dizer o nome porque é “política da empresa”. El irlandes del brazo roto, señor! Fiquei horas discutindo com o recepcionista até que cansei e deixei a bola por lá junto com um bilhete “to dirty mama, with all my love”. Daí no outro dia todo mundo ficou puto porque estava faltando uma bola e eu tive que voltar lá para buscar e foi um pouco... *constrangedor*.

Maior Porre: Rio quarenta graus cidade maravilha purgatório da beleza e do caos. Uma hora da tarde, chuva. Três amigos (um escocês, um australiano e uma brasileira) estão entediados e resolvem ir ao cinema. Sessão das duas, filminho água com açúcar. Para agitar as coisas eles resolvem levar umas latinhas de cerveja junto com a pipoca. Maravilha. Acaba o filme e eles resolvem assistir Brasil x Equador num bar qualquer. Jogo chato. Para agitar as coisas eles resolvem tomar umas tequilas. O jogo acaba e eles resolvem ir para outro bar. Depois outro. Terminam num terceiro, sempre tomando algo para agitar as coisas. No dia seguinte a brasileira acorda e olha sua carteira. O dinheiro ainda está lá. Então ela pergunta para o amigo escocês se ele pagou a conta. Não pagou. Talvez o amigo australiano tenha pagado tudo. Não, também não. Os três saíram sem pagar de todos os bares, acordaram sem lembrar como chegaram em casa e ouviram boatos de que a brasileira e o escocês estavam se pegando no sofá quando o porteiro apareceu para acabar com a festa.

Se eu não lembro eu não fiz – já diria Chico Xavier.

Maior Merda: Ter voltado de Buenos Aires. E ido de novo. E voltado. E ido de novo. E voltado. Minha meta para 2005 é aprender a tomar decisões e escutar menos o Didi.

Revelação do Ano: Nadja. Eu amo a diva da noite portenha.

Momento que vai ficar pra sempre: Eu e Didi, deitados no chão do Clan, ouvindo Tati Quebra Barraco e brigando por una hamburguesa con queso como duas crianças somalianas.

2004 foi bom, mas parece que foi ontem que pessoas corriam desesperadas com medo do bug do milênio. O tempo passa, os peitos caem, o cabelo encrespa, a testa enruga e eu continuo sendo uma perdida na vida. em 2005 eu vou virar gente. Prometo.

1.01.05

– Pessoa idiota que sempre fode com tudo + verbo ser + ruminante obeso e de pouca inteligência formam o nome dessa música. Quantas notas?

– Três notas!

– Qual é a música?

– Polly é uma vaca gorda e estúpida.

– Certa resposta. Ponto para as me-ni-nas!!!

São três da manhã e eu já decidi que não quero mais brincar de 2005. Foi divertido, começou com queima de fogos amadores e pessoas jurando que sabem cantar Sweet Child of Mine, mas degringolou. Cheguei à brilhante conclusão que 2005 está muito próximo de 2006 e em 2006 eu tenho que estar fazendo coisas mas, vamos encarar os fatos, eu não vou fazer porra nenhuma. Consequentemente concluímos que 2005 me deprime, então eu vou dormir, rolar na cama alheia e pensar que já deu.

Uberlândia

17.01.05

Fui em uma dinâmica de grupo e a única coisa que eu tenho a dizer é que nessas horas o abismo cultural fica claro.

Eu não sou uma pessoa que treme para fazer uma entrevista de emprego, eu sei digitar três parágrafos em menos de cinco minutos, eu consigo fazer uma redação de vinte linhas e se sou aprovada acho que não fiz mais que a obrigação, visto que todos os outros concorrentes são deficientes mentais. Eu não chego na terceira fase e falo humildemente que se não for aprovada ter chegado até aqui já vale. Eu chego na terceira fase e falo para mim mesma que se não for aprovada e a retardada de tamanco transparente for, eu perco a fé na humanidade. Sabe, são mundos diferentes. Eu não sou humilde, eu não sou simples, eu não sou porra nenhuma, mas pelo menos passei nas provas e agora é só esperar eles chamarem. Palmas para Benigno, meu parceiro na primeira fase.

Fato: toda dinâmica tem um esquisito e ele sempre senta ao meu lado. Benigno começou bem, se apresentando da seguinte forma: – Meu nome é Benigno, o nome é diferente mas eu sou normal.

Isso arranca risadinhas dos colegas facilmente impressionáveis. Eu dou um sorriso amarelo e penso que ele deve fazer essa piadinha sempre. Benigno continua.

–Porque você sabe que o único normal morreu há vinte anos.

Silêncio na classe, todos esperam a resposta de benigno.

–Sabe quem?

A psicóloga, visivelmente constrangida, faz que não com a cabeça.

– John Lennon.

Agora o constrangimento é geral e eu discretamente afasto minha cadeira sentindo que ele está mais para Mark Chapman que John Lennon.

Daí teve essa tarefa em que você e seu parceiro precisavam inventar um produto e tentar vendê-lo para a psicóloga. Fomos a última dupla e na hora da apresentação Benigno simplesmente

surtou, começou a falar do grão da vida, que nosso produto ia acabar com a solidão humana, que na verdade ele era japonês e nosso produto tinha tecnologia japonesa mas a gente não via porque ele já estava usando o produto. Tudo super coerente. Eu completamente imóvel, observando Benigno num misto de choque e incredulidade. A psicóloga notou meu horror e tenho certeza que me aprovou por dó. Afinal, não é minha culpa ter caído com o Benigno. Benigno infelizmente não passou na primeira fase. Que o grão da vida o acompanhe.

18.01.05

Sonhei com a minha mãe. Ia ter um show do Weezer em São Paulo, ela foi sozinha e eu tive que entrar de penetra junto com a Luciana Gimenez, que estava com um peito de fora - bônus do meu inconsciente. Acordei pensando se deveria ou não ligar para ela. A última vez que a gente se falou foi em Campinas, antes da minha viagem para o Rio. Chorei, não pude entrar em casa, ela me deu dinheiro num envelope e foi embora. Só. Às vezes eu queria ligar e ver como ela está, mas daí eu penso: pra quê? Ela não se importa, eu não me importo, então por que insistir num relacionamento que só faz mal e desgasta as duas partes? Eu só ligo quando estou largada na calçada morrendo de fome, ela fica com pena e me dá um trocado. Com muito custo, obviamente. Eu preciso apresentar provas de que realmente vou morrer para conseguir alguma coisa. E isso cansa, sabe? Quando ela me ajuda eu não sinto “oh, ela me ama, me ajudou, não vai me deixar morrer e ainda se importa com o que acontece ou deixa de acontecer comigo, oh, eu tenho uma família”. Me sinto como uma operadora de telemarketing da Legião da Boa Vontade, que pede uma ajudinha para pobres crianças e você ajuda, não porque se importa com as pobres crianças, mas porque sabe que ela vai continuar ligando enchendo o saco até que você resolva contribuir. Essa é a relação com a minha família. Eu bato na porta pedindo uma esmola e se for convincente o bastante levo um dinheirinho num envelope. Bondade não tem nada a ver com isso, muito menos amor. Eles só querem se livrar logo de mim.

Se ainda me importasse eu diria que não quero dinheiro, quero atenção, mas agora já foi. Felizmente eu tenho pessoas que me amam e me dão toda a atenção que eu preciso, na medida do possível.

Meu tornozelo está doendo e acho que vou precisar engessar de novo. Quando estava na terceira série eu quebrei o pé e ele nunca mais foi o mesmo, com o tempo o osso vai saindo do lugar e eu preciso engessar para colocar ele de volta. Isso se encaixa nessa história porque lembrei que quebrei o pé de propósito, só para chamar a atenção dos meus pais. Eu sou doente ou eu sou doente?

Não precisa responder.

19.01.05

Fo-deu. Eu sabia que ia dar merda. Fiquei bem quietinha, esperando o já tradicional tapinha nas costas seguido pelo chute na bunda. Eu poderia entrar numas de conspiração, mas tem coisas que é melhor não remoer. Além do mais, acho que acostumei. Já fiquei sem ter para onde ir outras vezes e tudo deu certo no final, então agora eu simplesmente deito, leio um bom livro e espero a kombi da assistência social aparecer para me buscar.

Na verdade, a Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Promoção Social vai ser o plano B. O plano A foi carinhosamente apelidado de Operação Extorsão e eu só preciso que a pessoa certa atenda o telefone. Se der certo serei obrigada a tirar o chapéu para mim mesma, olhar no espelho e admitir que sou foda. Só me fodo mas sou foda.

Pelo menos eu ainda tenho meu esmalte Rosa Camila.

20.01.05

CHEGA! Sabe quando as pessoas dizem que você deve encarar as consequências das suas ações? Acho que acabei de descobrir sobre o que eles estavam falando. Eu posso me acostumar com o cheiro de mofo, com a comida extremamente nojenta (e não diga

que vítimas do maremoto asiático matariam por um pouco de comida e que fome não vê nojo porque existem comidas nojentas sim. Eu sei disso, você sabe disso, então compre uma camiseta do Che Guevara na Cavalera por oitenta reais e me deixe em paz), a cama sem travesseiro, o ronco dos colegas e até a goteira que não me deixou dormir. Tudo isso dá para passar por cima. Mas o banheiro sem privada não. Como um banheiro não tem privada, meu deus? É apenas um buraco no chão. Um buraco de cerâmica, vá lá, mas ainda assim é um buraco diretamente no chão. Eu nem entendi como funciona. Tipo, você senta no chão e break free? Ou vai de cócoras? E é assim que se escreve cócoras?

Só sei que deu. O buraco no chão é onde acaba essa história. Para mim chega. Vou ligar para mamãe, colocar o rabinho entre as pernas e dizer que eu estou disposta a ser uma boa garota. Sério. Acabou. Eu quero voltar para perto da minha mãe. Esqueça o que eu já disse. Isso foi antes do buraco. Antes de virar sem-teto pela 937ª vez. Eu quero colo, eu quero casa, eu quero comida me esperando no fogão.

Nunca falei tão sério.

21.01.05

Eu não como há dois dias, então por favor desconsiderem o post anterior. Foi apenas um surto.

Eu disse que sinto falta da minha família? Não. eu sinto falta da *ideia* de uma família. A família conceitual de propagandas de final de ano da Sadia, sabe? Acontece que eu nunca tive família de comercial de salsicha nem nunca vou ter. Simplesmente não funciona e a culpa não é só minha. Aquela história de me sentir como uma pessoa que liga pedindo donativos para o hospital do câncer continua em pé.

A Marina ligou para a minha mãe e deu uma romanceada na história para ver se conseguia comover. Ela se fez de super preocupada e pediu que eu ligasse porque queria ter certeza que eu estava bem e coisa e tal. Fiquei meio ressabiada porque sei muito bem a família

que tenho e que eles não se comovem tão fácil assim, mas uma parte queria acreditar que ia dar, sabe? Não deu. Degringolou de uma forma que você não entenderia nem se tentasse.

O grande problema é que ninguém nessa família é capaz de perdoar. Se você errou uma vez vai errar para sempre e é melhor lidar com isso. Ninguém acredita em ninguém, ninguém ama ninguém, ninguém confia em ninguém. Quatro pessoas que estão presas nessa situação até o final dos dias porque infelizmente família a gente não escolhe. Se você tem uma atitude boa, é porque está querendo alguma coisa. Eu estou incluída. Nunca vou dar uma chance para minha irmã, minha mãe vai ser sempre desatenciosa e a Inhá vai ser sempre louca. Para sempre e sempre, amém. Minha mãe ontem grifou que eu não mudei. Eu acho que mudei sim. Não a essência, mas algumas atitudes eu mudei muito e de certa forma me orgulho disso. Num dos momentos tensos da conversa eu disse que se dependesse dela eu ainda não comeria cebola e andaria com camisetas do Piu-Piu para o resto da vida. Pessoas mudam e só porque ela e minha irmã não mudaram nem um par de meias nos últimos anos não significa que o resto do mundo seja incapaz disso.

Depois ela me chamou de irresponsável. Sabe, eu até sou responsável quando preciso, chegar no trabalho na hora e essas coisas, mas acho que ela estava falando sobre viajar sempre que me dá na telha sem me preocupar. Respondi que antes ser irresponsável do que trabalhar quarenta anos na porra da mesma sala, se aposentar e ficar enchendo o saco dos outros porque se aposentou e percebeu que viveu metade da vida sem diferenciar um dia do outro. Daí la perguntou se eu liguei só para ofender mas não deu tempo de responder porque foi a vez dela de começar a me ofender.

E sempre que ela esfrega na cara alguma coisa que fiz de errado (como se fosse uma justificativa para me negar ajuda agora) eu tenho vontade de gritar que agora é diferente. Então vamos terminar esse post porque ele não está lá dos melhores e eu estou na internet grátis do Itaú e o segurança já tá olhando feio porque deve desconfiar que eu não tenho conta aqui.

Ela vai me mandar dinheiro, mas simplesmente se recusa a ter qualquer tipo de vínculo legal comigo (ser fiadora, por exemplo). O velho esquema da esmola. Abre o bolso se não precisar se envolver. Ela ajuda e se preocupa, desde que eu não fique muito por perto atrapalhando a doce aposentadoria dela.

Ela disse que eu nunca a considerei minha mãe. Não sei onde ela arruma essas ideias. Sempre achei ela ausente e nada afetuosa, mas ainda assim minha mãe - uma pizza ruim ainda é uma pizza. Ela precisa arrumar um hobbie porque essas ideias são coisa de quem se aposentou e tem tempo livre demais na mão. Ou é coisa que a minha irmã coloca na cabeça dela.

Só sei que chorei muito no orelhão, causei uma comoção nas pessoas que passavam e uma senhora até me deu um abraço quando desliguei o telefone e perguntou se eu estava precisando de alguma coisa. Poxa, vou pensar se estou precisando de alguma coisa e depois te falo.

Disso tudo só sobrou a conclusão de que eu realmente estava certa e raiva. Muita raiva. Não uma raiva agressiva, mas só uma vontade meio Tieta de pegar esse dinheiro dela e construir um império. Virar a nova magnata do petróleo e esfregar na cara dela que consegui sozinha. ok, a esmola dela vai ajudar, mas você entende. E sabe, agora eu vou tomar jeito. E vou ficar em Uberlândia. Não porque eu quero, mas para fazer desaforo. Ah, ela vai ver. Meus poderes triplicam quando eu quero fazer pirraça.

Um dia vou escrever um livro e ele vai ser um best-seller. Não porque eu quero uma cadeira na ABL, mas porque eu quero que minha família toda leia a dedicatória. Agradecerei todo mundo e no final um discreto: *minha mãe? não, obrigada.*

Certeza que vou fazer isso. Depois que ficar milionária e não precisar mais do dinheiro dela, obviamente.

> *Amiga,*
>
> *você é como um Panda. Todo mundo fica te observando, achando bonitinho, mas vendo se você vai conseguir sobreviver à extinção...*

Didi

24.01.05

Hoje foi meu último dia no abrigo. Consegui alugar um quarto baratinho e perto do centro, mas não tem cama então comprei um colchão inflável rosa choque nas Lojas Americanas. Ontem rolou praticamente uma festa do pijama no meu quarto, todo mundo trocando experiências, bebendo toddynho que a prefeitura entregou e no final uma garota de 19 anos, grávida do terceiro filho, me deu uma camiseta branca com **Amiguinha de Cristo** escrito em roxo. Minha nova camiseta favorita, mas ficou meio apertada então eu vou ter que emagrecer para dar certo. Levando em consideração que meu dinheiro é praticamente zero não vai ser difícil emagrecer. Sempre que estiver com fome vou fechar os olhos e pensar na Amiguinha de Cristo me caindo como uma luva.

28.01.05

Comprei um colchão de verdade. De casal, usado, noventa reais - sem taxa de entrega. A taxa de entrega era trinta reais e eu simplesmente me recusei a pagar. Primeiro pelo princípio da coisa e segundo que trinta reais é o preço de um edredom. Chorei para o gerente da loja e um funcionário que estava de saída ficou com pena e me ajudou a carregar o colchão até em casa. Agora imagine a cena, duas pessoas carregando um colchão de casal pelo centro de Uberlândia. Odeio ser pobre.

31.01.05

Acabei de voltar de uma entrevista de emprego. Segunda-feira, sabe como é, né? O anúncio é para arte-finalista, uma graninha até que boa. Cheguei lá e o cara quis ver meu currículo. Oi? Não tenho. Algum trabalho que já fez? Hmm... não. Referências do último emprego? Ha, nems. Então senta aí e termina o anúncio desse petshop. Ok.

Ficou foda. Eu sou foda. A ideia do gatinho de cabeça pra baixo foi sensacional. Palmas para mim, mas o tio não achou lá essa obra-prima das artes gráficas. Inclusive, ele achou que o fundo azul não estava favorecendo. Rapidamente eu respondi que o fundo tinha ficado azul porque eu estava com preguiça de recortar a figura direito.

Pausa.

Você percebe? Eu uso a palavra PREGUIÇA numa entrevista de emprego. Sem condições.

Mas ficou assim: apesar do fundo azul da preguiça do mal, ele achou o gatinho de cabeça para baixo uma grande *sacada,* e nesse meio a palavra *sacada* quer dizer que ele gostou. Acontece que outro cara tem entrevista marcada para amanhã, então eu preciso ligar depois do almoço para saber se vai rolar ou não. Acho que vai, simplesmente porque prefiro confiar no fracasso dos outros do que no meu talento.

01.02.05

Drogasil, duas da tarde.

–Pois não?

–Moço, você pode ver pra mim se eu estou com piolho?

–Oi?

–Eu nunca tive piolho antes e não sei que cara eles têm.

–Tá, sentaí.

Sentei. O farmacêutico, com mãos de fada, cuidadosamente tirou meia dúzia de bichinhos do meu cabelo e ficou olhando. É, era piolho. Foi todo animado pegando um pente fino e o remédio indicado quando eu disse que não ia levar nada não, só queria ter certeza. Quer dizer, porque eu vou pagar por um remédio se posso matar piolhos em casa, certo?

Meu plano era bem simples: intoxicação + cremação. Acabei com meu pantene para cabelos cacheados (intoxicação) e depois passei

a chapinha (cremação). Não sei se piolhos sentem cócegas, mas se eles sentem, a chapinha nem chegou perto.

Por que pessoas são tão frágeis e piolhos são tão resistentes? Se eu mergulhasse uma criança numa piscina de condicionador e depois passasse um ferro quente nela, era morte certa. Agora piolhos, oh não, piolhos resistem. Resolvi desistir e voltei na farmácia para comprar o pente fino e o shampoo. Piolhos e mais piolhos no azulejo branco. Centenas, milhares de pontinhos pretos. No começo é nojento mas depois você se apega. Vou sentir falta dos meus piolhos. Eles nem me incomodavam.

3.02.05

Então. O tal emprego de arte-finalista. Liguei para o cara e ele me pediu para voltar lá porque queria ver se eu era “boa de dedo mesmo”. Eu ia responder algo sobre minha capacidade para o trabalho, mas estava ocupada pensando em piadinhas infelizes com “boa de dedo”.

Daí eu fui e ficou comprovado que meu dedo é bom mesmo, mas acabei não aceitando o emprego. Ele faz essas revistas de bairro lotadas de anúncios de disk-pizza e meu trabalho seria fazer os anúncios, recebendo por peça. Ele já tem uma pessoa que faz isso, mas o cara está sobrecarregado então a princípio eu ficaria lá por quinze dias, um mês no máximo, só para dar uma força para o cara. No final desse período ele ia ver como estavam as coisas e poderia me contratar de verdade ou não. Achei melhor deixar passar porque o valor que ele ia me pagar por anúncio não ia compensar nem o dinheiro do ônibus (que seria por minha conta) e eu não estou numas de ter que pagar para trabalhar. Para de fato ganhar alguma coisa eu teria que ficar lá o dia inteiro pra fazer uma média de três ou quatro por dia, mas ainda assim não ia compensar. Fora que depois desse um mês ele poderia muito bem dizer “até logo e obrigado pelos peixes”, e eu teria que procurar outro emprego, sendo que poderia ter procurado enquanto trabalhava lá por uns trocados. Não sei se foi a decisão certa, mas eu acho que sim. E

agora é esperar as festividades pagãs passarem para procurar outra coisa.

4.02.05

Quando eu estava no Rio tinha esse libanês que morava no albergue que eu me hospedei. Morava e “prestava serviços”, como ele gostava de dizer. No caso, prestar serviços era ficar de churrasqueiro quando o dono do albergue resolvia lucrar em cima dos gringos cobrando 15 reais por duas batatas assadas e um pedaço de fraldinha malpassada. Mas enfim. O tal libanês era meio louco. Dizia que ia tratar de uns negócios e quando a gente ia comprar cigarro encontrava com ele no boteco, sentado na última mesa tomando uma cerveja escondido. Sem contar que ele fumava maconha o tempo inteiro e entrava numas de conspiração com os israelenses. Um dia a gente conseguiu arrastar o cara para a balada (ele nunca saía, ficava no albergue assistindo telecine action ou AXN, sabidamente os piores canais do mundo) e chegando lá ele desossou. Vinha perguntar o que eu estava bebendo e pedia igual. Voltava para mim dizendo com os bracinhos para o alto “isso aqui é bom demaaaais”. Eu olhava para o lado e fingia que não era comigo. Copos e mais copos depois, ele sumiu. No começo fiquei preocupada, afinal de contas no Rio de Janeiro se mata por vale-transporte, mas esqueci de tudo quando o australiano parrudinho veio me chamar para dançar com ele. Acordei no outro dia com a maior ressaca do mundo, desci para comprar uma água e o libanês estava lá, com a mesma roupa da noite anterior e os olhos arregalados. Falei bom dia e ele só me perguntou o que tinha acontecido. “Como assim?”, eu perguntei. “Acordei na praça com as pessoas indo trabalhar.”

VOCÊ O QUÊ???

Ele dormiu na praça. Comecei a rir e ele me pedindo para parar, que era sério, que era sorte não ter acontecido nada e eu rindo. O mais engraçado de tudo é que o lugar que a gente foi era literalmente duas quadras do albergue. No meio do caminho rola uma praça e

ele parou para descansar. Andou uma quadra, viu a grama fresquinha e resolveu deitar um pouco para poder andar a outra quadra. Durante semanas toda vez que ele se aproximava eu e a Fabiana cantávamos “eu dormiii na praaaçaaaaa, pensando neeelaaaa". No começo ele até dava risada mas depois ficou puto e começou a chamar a gente de favelada, o que só fez com que a gente cantasse ainda mais alto.

Daí ontem eu estava andando na rua aqui em Uberlândia e ouço um psiu. Olho para os lados e quem estava me chamando? O libanês.

9.2.05

O último carnaval que eu desossei pra valer foi em 2000 no Rio. Minha única lembrança é Baby Consuelo cantando “emília, a boneca gente” no trio elétrico em frente ao Copacabana Palace e eu correndo em volta daquele relógio da Globo que contava quantos dias faltavam para os 500 anos do Brasil gritando “Viva Monteiro Lobato! Quinhentos anos de cultura!”. Depois desse ou eu não estava animada ou estava doente ou não estava no Brasil.

Esse ano eu tinha decidido ficar em casa, ler um bom livro, dormir e escrever um pouquinho, mas na sexta-feira eu vi um casal passando em frente de casa com dois leques de papelão e eu pensei que “bem, não vai fazer mal ir até o desfile só pegar um leque”.

Peguei meu leque e estava voltando para casa quando encontrei um conhecido que me chamou para uma cerveja. Só uma. Avisei que não tinha dinheiro mas ele insistiu e eu pensei “bem, não vai fazer mal tomar só uma cerveja”.

Agora é legal dizer que beber sem dinheiro é a pior merda que tem porque o seu poder de julgamento some e você bebe qualquer coisa que colocam na sua frente.

Qualquer. Coisa.

Minha única lembrança é uma garrafa de Cynar (o mais fino aperitivo de alcachofra) e a frase “nããão, alcatéia é de lobos. LO-

BOS!”. Acho que a gente estava falando sobre coletivos mas posso estar enganada.

15.02.05

From: Didi

Subject: Não deixe o samba morrer

Amiga,

Você faleceu? Odeio quando eu acho que você morreu e não me deu as suas senhas... Amiga, se você não morreu ainda tá na hora de me dar as senhas. Do orkut eu já sei, restam as outras...

Amiga, apareça em sonho para mim se você morreu, toda sensual vestindo sandálias Manolo Blahnik, vestido Vera Wang, brincos da Tiffany’s e bolsa Gucci... Cabelo Studio W. Se não, pelo menos me liga pra dizer que tá viva, tá de vento em popa, tá feliz pra burro, tá assim com o mundo...”

Não, eu não morri. Simplesmente estou de saco cheio. Saco cheio do meu banco que simplesmente não libera meu dinheiro. Eu tenho, ele está lá, sentadinho na Avenida Paulista, mas a maldita Caixa Econômica não deixa ele sair. E cada vez que eu pego a fila com, sei lá, oitenta pessoas, chega a minha vez e eles me tratam como uma retardada. Eu sei que não posso mais fazer saque sem cartão, moça. Eu sei disso. EU SEI. Não foi isso que eu pedi, porra.

Mas só por isso eu sumi? Não, claro que não. Como não tenho um real sequer há dias, tenho que ir ao Carrefour todo dia e fingir que estou fazendo compras para abrir os pacotes e comer alguma coisa. Estou nesse esquema há uma semana e ontem o segurança deu um tapinha nas costas e me avisou que não é permitido degustar os produtos dentro da loja. Tá bom, moço. Vou ali morrer de fome então.

Fora isso eu tinha arrumado esse emprego e o cara disse que ia passar para me pegar ontem mas não deu horário. Fiquei o dia inteiro dentro do meu quarto abafado arrumada para o primeiro dia

de trabalho. Quando deu oito horas (da noite, que fique claro) resolvi ir para o Carrefour porque a fome apertou. Talvez ele tenha tentado me ligar para avisar que não viria, mas como eu não tenho telefone ele pode ter encontrado uma certa dificuldade.

Ah, claro, ainda tem o e-mail que eu recebi dizendo mais ou menos que “oh, hoje é dia dos namorados e eu te amo e se você não fosse tão problemática a gente podia ficar junto”. Certo.

E agora eu tenho que ir ao outro banco tentar abrir outra conta ou não vou ter como receber dinheiro mês que vem e não vai ser legal.

18.02.05

O banco ainda se recusa a liberar meu dinheiro. Quando eles dizem de dez a quinze dias na verdade eles querem dizer “olha, a gente podia fazer isso em cinco minutos mas vamos olhar seu envelope durante três semanas e daí decidir o que fazer”.

Numa dessas eu continuo sem um pau para dar em gato e tenho que me virar como posso para comer. Ontem eu enchi o cu do algodão-doce que estavam distribuindo na inauguração de uma loja. Pensando nisso, resolvi fazer um pequeno guia caso um dia você se encontre sem dinheiro e com fome.

1. Supermercados estão sempre de portas abertas. Pegue um carrinho, finja que está fazendo compras e coma tudo que não precise ser levado ao fogo. Bolachas, salgadinhos, doces. Se estiver se sentindo com sorte, arrisque tomar um toddynho. Caso seja abordado por um funcionário dê uma de joão sem braço e diga que obviamente vai pagar por tudo quando passar no caixa. Assim que ele virar as costas, corra, deixando o carrinho para trás. Se tiver tempo (levando em consideração que você não tem dinheiro e precisa da bondade do Carrefour para se alimentar, tempo não deve ser problema) faça uma lista de compras fake e leve com você. Os seguranças pensarão que você é um cliente e não um esfomeado de merda.

2. Se você mora em São Paulo, a Livraria Cultura nunca deixa ninguém na mão. Quase todo dia tem o lançamento de algum livro,

garantia de pelo menos um vinhozinho. Se o livro for bom, rolam salgadinhos. Não se esqueça de aparecer bem vestido para que os funcionários pensem que você é um cliente e não um esfomeado de merda.

3. Hotéis são a terra das possibilidades. Se você tiver sangue frio pode sentar no restaurante, inventar que está no quarto 317, encher a pança, assinar a nota e sair satisfeito. Mas se te pegarem, fodeu. Outra opção é o café da manhã, quando a fiscalização é menos rigorosa. Vale tentar também os hotéis com espaço para palestras e convenções, que sempre oferecem um lanche para os participantes. Procure se informar antes sobre a natureza do evento.

4. Festas e casamentos são uma boa pedida para o fim de semana. Levar um presente (apenas uma caixa vazia bem embrulhada) ajuda. Aborde um casal de velhinhos no estacionamento e tente descobrir tudo sobre a pessoa que está dando a festa. Velhinhos *se abrem*. Dependendo da sua cara de pau rola até uma carona para casa no final da festa. Cuidado com a bebida. Um discurso bêbado ou um strip-tease no palco pode por tudo a perder.

5. Seitas e cultos religiosos nunca negam ajuda, mas prepare-se para a pregação. Você vai ter que aceitar Jesus/Ganesh/Satanás e inventar uma história triste. Gravidez para as mulheres e alcoolismo para os rapazes costuma funcionar.

6. Se você possui um cartão de débito vale tentar o truque do cartão. Entre em algum restaurante e peça o que quiser. Quando chegar a conta o cartão obviamente não vai funcionar porque – surpresa – você não tem dinheiro. Mas ninguém precisa saber disso. Será o seu segredinho com o banco. Normalmente a mensagem que aparece é “indisponível”, então você pode inventar que o sistema está fora do ar. Se o sistema está fora do ar a culpa não é sua, é? Explique isso para o gerente, diga que infelizmente saiu de casa só com o cartão e decidam a melhor maneira de resolver isso porque, infelizmente, você está atrasada para um compromisso. Normalmente ele vai dizer para você deixar algum documento ou, se for do tipo que confia, simplesmente para passar

depois e acertar. Lembrando sempre que a lei do retorno pode te pegar e quando você tiver dinheiro e o sistema realmente sair do ar o gerente pode te manter como refém ou ir de carro com você até o banco 24 horas mais próximo. Acredite, acontece.

21.02.05

Eu continuo sem dinheiro. Coisas aparentemente simples como uma transferência de valores se tornam ridiculamente complicadas quando se trata de mim. É mais ou menos assim: eu tenho uma conta na Caixa Econômica em São Paulo mas perdi meu cartão em Porto Alegre. Já em Uberlândia usei minha identidade para fazer saques sem o cartão perdido, mas rola um limite de cinco operações sem cartão por semestre. O porquê disso jamais saberemos. Sem cartão não dá para fazer absolutamente nada, então o natural seria pedir outro cartão, certo? Errado. Para solicitar um novo cartão você precisa ir até sua agência. E a minha agência fica em São Paulo. E para ir até São Paulo eu preciso ter dinheiro. E para ter dinheiro eu preciso do cartão. E para ter o cartão eu preciso ir para São Paulo. E para ir para São Paulo eu preciso de dinheiro. E para ter dinheiro eu preciso...

Ok, você entendeu. Sem poder pedir um novo cartão só me resta abrir uma nova conta, agora em Uberlândia. Mas para isso eu preciso fechar a conta em São paulo. Mas eu não posso fechar a conta sem antes tirar todo o dinheiro. E para tirar o dinheiro eu preciso ir até São Paulo. E para ir para São Paulo eu preciso de dinheiro e para ter dinheiro eu preciso ir para São Paulo e assim vai até que sua cabeça exploda. Sem muitas alternativas, a gerente sugere uma ordem de pagamento de mim para mim mesma. Certo, certo, finalmente uma solução. Mas vai levar de dez a quinze dias, tudo bem? Tudo, tudo.

TUDO O CARALHO.

Porque a operação que a gerente sugeriu simplesmente não existe e eu fiquei quase um mês esperando até alguém de boa vontade me avisar. Agora vou ter que esperar mais quinze dias e isso significa

mais quinze dias sem um puto. Daí eu tentei a última cartada, minha amiga que nunca falha, a internet.

Favor cadastrar sua senha de internet usando letras e números. Hmmm... 1234FODASE.

Operação não pode ser concluída. A senha deve ter entre 6 e 8 caracteres. Ahhh tá. 123CHUPA.

Operação não pode ser concluída. Não use sequências numéricas. Certo, certo. 482MEUCU.

Senha cadastrada com sucesso.

Fui tentar fazer a transferência da conta de São Paulo para a poupança que abri hoje e quando estava quase dando certo e eu estava quase feliz, descobri que você precisa de uma assinatura eletrônica. Peraí, que porra de assinatura eletrônica é essa? Eu não acabei de cadastrar a senha de internet? Ahhh, precisa da senha de internet E da assinatura eletrônica? Tudo bem, onde eu cadastro a assinatura eletrônica? Na agência. Nessa? Não, na de São Paulo.

Alguém atira em mim, por favor.

28.02.05

Ontem eu cheguei em casa meio de fogo e quando acendi a luz tive a impressão de que alguma coisa tinha saído correndo para se esconder. Torce, retorce, procuro mas não vejo até que acho ela escondidinha atrás da porta: uma lagartixa. Ou melhor: A Lagartixa. Fquei feliz em vê-la.

Na primeira noite no meu colchão inflável cor-de-rosa senti algo gelado subindo minha perna. Quem era? A Lagartixa. Corri atrás dela com o chinelo mas a danadinha sumiu pela janela. Alguns dias depois estou deitada lendo um livro e reparo que ela está de volta, perto da porta. Com um certo toque de crueldade, peguei um pedaço de fita crepe e grudei A Lagartixa nele. Depois cortei um pedacinho do rabo dela porque eu acho rabo de lagartixa pulando como se estivesse fritando o maior barato. Mas quando o rabo deixou de ser engraçado eu olhei para a pobre lagartixa, ofegante,

presa na fita crepe lutando para sobreviver. Morri de pena e resolvi salvá-la. Peguei um grampo de cabelo e cuidadosamente soltei o corpinho pegajoso dela do adesivo e joguei a coitada pela janela com votos de felicidade e sobrevivência.

No dia seguinte meu primeiro pensamento foi: será que a pobre lagartixa sobreviveu?

Ontem ela voltou, mas creio eu que para se vingar. Agora ela manca e tem uma mancha vermelha nas costas, marca do pedaço de pele perdida no dia do incidente. Eu tentei conversar com ela, dizendo que estava feliz por estar bem, mas tive a nítida impressão de que ela não engoliu a história e sabe que hoje é deficiente porque eu tentei matá-la.

Sabe, sua vida está precisando de umas mudanças quando você conversa com lagartixas.

01.03.05

Nunca mais vou escrever nesse blog. Tenho dinheiro então não preciso fazer mais nada. Talvez eu não tome mais banho. Quem precisa de banho quando tem dinheiro? Vou comprar novos amigos, que os meus estão me dando no saco. Fazer a unha, cortar o cabelo e talvez uma escova progressiva. Sapatos. Vou comprar sapatos! E o mais importante: jamais sentirei fome novamente. Como é doce o sabor do dinheiro.

Eu literalmente saí dançando do banco. Como peso uns duzentos quilos, a semelhança com os hipopótamos bailarinos da Disney deve ter sido gritante, mas foda-se. Eu tenho dinheiro. Sabe a campainha da casa do Valentino? Di-nheeeeiiii-roooo. Vamos, repitam comigo: di-nheeeeiiii-roooo.

Almocei no China in Box porque quem tem frango xadrez e galletita de la surte tem tudo. *Não levante uma rocha para depois derrubá-la em seu próprio pé*. O que será que eles quiseram dizer com isso? Ahh, fodam-se as rochas. Se quebrar meu pé eu compro um novo. Por quê? Porque eu-tenho-dinheiro.

2.03.05

Ontem eu estava com toda uma crise existencial e passei o dia no shopping, sentada na praça de alimentação, pensando na vida e tomando uma cervejinha porque crise precisa de álcool ou nem é.

Acabou o dinheiro para a cerveja, as lojas começaram a fechar e eu voltei andando para casa, reparando que a rua estava meio molhada então devia ter chovido enquanto eu estava no shopping. Abro meu quarto e sinto um cheiro de molhado. “Ih, esqueci de pendurar a toalha”, penso. Acendo a luz e vejo a destruição. Um pedaço do teto simplesmente caiu. É, caiu. O teto é daqueles de escritório que são meio que umas placas, sabe? E uma das placas caiu. Na minha cama. E a chuva de todo o estado de Minas Gerais se concentrou no meu colchão, livros e CDs. Os livros foram perda total. Os CDs... ah, os CDs. Agora eles possuem BROTOEJAS. A chuva ácida causou uma reação e agora todos eles estão cheios de feridas. O colchão agora é leproso e esfarela cada vez que eu chego perto. Fora isso meu lindo sapato de cetim está mofado, minha certidão de nascimento estragada, meu aparelho de som ainda funciona mas só na função intro - o que significa que eu só consigo ouvir os primeiros nove segundos de cada música. Ah, e a chapinha simplesmente não liga. Quer dizer, não basta perder tudo na enchente eu ainda tenho que ficar com o cabelo ruim.

Sabe, depois as pessoas mandam e-mails e mensagens de “oh, sua vida é legal, para de reclamar”. Tá, eu paro de reclamar. Parei.

Vou pedir meu dinheiro de volta e mudar para outra pensão que vi hoje de manhã. Vou morar com um travesti chamado Brenda. Ou seria chamada Brenda?

4.03.05

Ontem eu passei para pegar umas coisas que tinham ficado na pensão antiga e o dono me perguntou se eu já tinha conseguido um emprego. Disse que não e ele falou que tinha uma oportunidade de negócio para mim. Por experiência própria eu sei que esse lance de “oportunidade de negócio” costuma ser fria, assim como “moça

maior sem experiência” também, mas como eu estou esperando meu cartão do banco e um CD que a Nadja mandou, achei melhor aceitar a oportunidade e manter as coisas num clima cordial para evitar que ele ponha fogo na minha correspondência. Ele disse que era um negócio muito bom que ia ser bom tanto para mim como para ganhar dinheiro. Fria. Certeza que é fria. A reunião ia ser às sete da noite e ele me deu o endereço anotado “bláblábláblá center chopin”. E eu pensei... Chopin, Chopin, não sei onde fica o Center Chopin. Foi aí que eu me toquei. Não era Chopin de Frédéric François Chopin, sabe? Era Chopin de shopping. Chópin, não Chô-pan. Fria. Cai fora que é fria. Peguei o endereço e fui para o chopin. Cheguei lá e a oportunidade de negócio, a porra da oportunidade de negócio, era uma reunião do Herbalife.

Herbalife.

Aquelas pessoas que usam buttons com “perca peso agora. pergunte-me como”.

Para começo de conversa, tenho horror dessas coisas. Se um dia eu quiser emagrecer vou desenvolver uma anorexia nervosa como qualquer pessoa normal em vez de ficar enchendo o cu com fibras ou sei lá de que é feito o Herbalife. E para outro começo de conversa, se um dia eu emagrecer duzentos quilos e ficar com o corpinho da Kate Moss eu não vou usar um button escrito “Perdi duzentos quilos! Pergunte-me como”. Eu simplesmente vou fingir que sempre fui magra e renegar todos os gordos do mundo.

5.03.05

Minha vida é uma grande piada de mau gosto, mas vamos lá. Mudei de pensão e estou começando a achar que aquele teto desabado foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Brenda, a travesti, é tudo. Nunca gostei muito de travestis porque, como diz um amigo da Nadja, eles têm inveja da nossa buceta. Mas Brenda é tão boazinha que é uma baita injustiça ela não ter buceta. Dividiria a minha com ela, se pudesse. Ficamos até três da manhã comendo pipoca e vendo E!. Isso mesmo, E!. Eu moro numa casa com E! e vou poder

ver todas as fofocas do julgamento do Michael Jackson. Fora isso rola um banheiro enorme, um banheiro de verdade, só para mim. E na cozinha tem um grill do George Foreman. Tá, não é o grande que tem aquele compartimento especial para pães, mas é um grill. E é do George Foreman. Meu som voltou a funcionar, alguns CDs voltaram ao normal e meus livros desenrugaram. O colchão realmente fodeu, mas beleza. E por falar em beleza, a pensão nova é nos fundos de um salão de beleza e ontem já rolou uma escova de graça porque elas ficaram comovidas com a história do tsunami e da chapinha quebrada.

E para quem sugeriu indenização eu agradeço, mas né?

Uberlândia, gente. Uberlândia. Aqui eles não sabem se indenização é de comer ou de passar no cabelo.

8.03.05

Hoje é dia internacional da mulher e... caguei. Mas foi engraçado a Brenda se emocionando quando eu desejei feliz dia da mulher para ela. Sem contar que ontem eu estava assistindo TV e tocou o interfone.

- Por favor o Leandro.

- Peraí que eu vou chamar...

Comecei a subir a escada quando lembrei que não conheço nenhum Leandro. Voltei para o interfone.

- Oi, eu acabei de mudar pra cá e acho que não conheço todo mundo. Quem é Leandro?

- O cabeleireiro que trabalha aí.

Cabeleireiro? Que cabeleireiro? Que eu saiba de cabeleireiro só tem a dona da pensão e a... ah, tá. Leandro.

- Breeeeeeeeeeeeeeeeenda, tem gente no portão pra você.

19.03.05

Comecei uma nova dieta hoje, Dr. Atkins que se cuide. Dada minha situação financeira, resolvi viver de gelatina e pipoca. Eu viveria de luz, mas aquela mulher que ia sempre no Jô ensinar a olhar para o sol e viver feliz foi pega no pulo e descobriram que ela come escondida. Gelatina é barato, docinho e dizem que é bom para estrias, então tá tudo certo porque eu estou parecendo um mapa hidrográfico ultimamente. Opinião de Didi sobre o assunto:

> *Amiga, olha só, Madonna, quando era sem-teto em NY, sobreviveu à base de pipoca, que é imensamente mais barato que gelatina e enche a barriga e ainda tem vitaminas. Fora que hoje em dia você joga uma pimentinha na pipoca, ou um temperinho de miojo e vira uma refeição. Você poderia comprar gelatina como sobremesa amiga... ou pro café da manhã e jantar se você não quiser uma refeição mais pesada que é o caso da pipoca. E pipoca rende horrores. Três milhos de pipoca e boom, mil pipoquinhas estão dentro da panela. E você pode fazer pipoca doce nos fins de semana, um pouco de água e açúcar e pronto, é abrir a boca e fechar os olhos, comer é gostoso demais.*

24.03.05

Ontem eu estava meio pra baixo, principalmente porque rola uma vontade de ir no jogo do Brasil e a certeza de que não vai dar, então resolvi sair e encher a cara para celebrar meu novo mastercard e seu saldo de 47 centavos – negativos, obviamente. Comei, bebi, e na hora de pagar, upa lêle, o cartão não passou. Milagrosamente na segunda tentativa do garçom o sistema saiu do ar e eu pude dar uma de diva e dizer que não é minha culpa se o sistema saiu do ar, muito menos que os caixas eletrônicos fecham cedo e menos ainda que o patrão vai brigar. Mas enfim, lá estava eu, bêbada, andando de volta para casa após o calote, quando passou um carro tocando Jota Quest no último volume. Foi então que tudo ficou claro: o grande problema da cultura nacional é que amor é uma palavra muito fácil de rimar. Amor, dor, calor, pavor...

E por causa disso a gente acaba tendo que ouvir coisas do tipo “o amor é o calor que aquece a alma”. Eu acho que se a palavra para amor em vez de amor fosse, sei lá, *cambalhota*, a qualidade das músicas subiria consideravelmente e as pessoas perderiam a mania de achar que tudo precisa rimar. Ou não, e daí rolariam altas histórias de amor com velhotas, compotas e sei lá o que mais rima com cambalhota.

2.04.05

Você abre o portão de casa e percebe que alguém está tocando trance da pior qualidade (existe trance de *boa* qualidade?) no último volume. Quando chega na cozinha, está rolando uma festa.

Certo: inventar que está cansada e ir dormir.

Errado: pegar um copo e começar a beber com a rapeize.

Certo: ficar sentada enquanto todo mundo dança.

Errado: ir buscar CDs e rebolar até o chão.

Certo: ir dormir quando a cerveja acaba e aceitar que a festa chegou ao fim.

Errado: ir ao posto 24 horas mais próximo comprar cerveja Cristal e catuaba. Sim, eu disse catuaba.

Certo: não manter relações sexuais com estranhos.

Errado: acordar dizendo “ok, não pode ter acontecido”.

Certo: lembrar como as coisas acontecem.

Errado: ter que perguntar detalhes ao travesti do quarto ao lado, que provavelmente ouviu tudo.

Certo: mudar de casa após o incidente.

Errado: tudo.

Curitiba

25.04.05

Mais uma vez, mamãe apareceu para salvar o dia. O dia = meu rabo, obviamente. O importante é que agora eu tenho uma casa. Quer dizer, mais ou menos. Aluguei um modesto quartinho de noventa reais + água e luz, só que a dona do lugar não engoliu muito essa minha história de ter vindo aqui para estudar. Não posso culpá-la, eu também não engoliria. Dona Nena é rígida. Homem? não pode. Lavar roupa quando der na telha? Nem pensar. Dona Nena escolhe o dia, para não dar confusão com o varal. Chegar depois das onze? Não pode. Se algum dia eu tiver um "aniversário" durante a semana posso dar uma esticadinha até mais tarde. Sensacional, não? Prevejo muitos aniversários e confraternizações do escritório. E olhaí, sábado e domingo eu nem preciso avisar onde vou. Maravilha. Vai dar merda,obviamente, mas por noventa reais não posso reclamar muito.

26.04.05

Dona Nena é simplesmente louca. Maluca. Doida de pedra. Ela gastou meia hora me ensinando como abrir e fechar as portas. Tipo, ela segurava a maçaneta, levantava pra cima e pra baixo dizendo "faça esse movimento", como se fosse uma instrutora de yoga. Ela fez isso em todas as portas da casa.

Todas. As. Portas.

Minha senhora, já que o movimento das maçanetas é tão importante assim, mostra em uma e chega, né? Ah, e ela repassava as lições. "A chave redonda e pequena é da porta da rua." yeah-bocejo-whatever. Dois minutos depois ela me pegava no pulo: "A chave redonda e pequena é de qual porta mesmo?"

Louca. Completamente louca.

E você precisa chavear duas vezes as três portas que separam a rua da entrada da casa. Duas voltas sempre. Se você entrar e sair dez vezes tem que dar duas voltas em todas elas todas as vezes. Isso vai dar merda. Certeza que essa velha vai me expulsar de lá antes que você consiga soletrar d-e-me-n-t-e.

Ah, e tem a companheira de quarto. Ainda não fomos apresentadas, mas na porta do armário dela tem uma foto do finado papa João Paulo II. Uma foto dada pelas Lojas Pernambucanas. Partindo disso podemos concluir que: ela é uma pessoa que faz compras nas Lojas Pernambucanas, mas não contente em apenas comprar nas Pernambucanas, ela ainda pega brindes. Brindes de cunho religioso, devo acrescentar. E como se isso não fosse suficiente, ela cola a bosta dos brindes na porta do armário.

Eu queria tanto que ela fosse escrota como eu e tivesse colocado isso na porta como um protesto silencioso e irônico contra Dona Nena, que não desliga da Rede Vida por nada no mundo.

Mas quais são as chances?

28.04.05

Eu sei, eu sei. Tá cansando, né? Peço desculpas. Eu queria parar, mas cada dia a morcega velha aparece com uma nova e me faz dizer coisas como “morcega velha”.

Ontem ela entrou no quarto sem bater. Não interessa se a casa é dela ou não, educação é sempre educação. E se eu estivesse, sei lá, colocando um O.B. na hora que ela entrou? Deselegante, no mínimo. Enfim. Ela entrou sem bater como sempre e disse que queria me lembrar que se eu ligar alguma coisa na tomada (carregador do celular, “radinho”, secador) tenho que pagar uma taxa de vinte reais.

Peraí. Altolá. Que porra de história é essa? Ninguém me falou nada. A cozinha ela já tinha avisado que tinha taxa de quinze reais, mas deixei pra lá porque não sei cozinhar mesmo, então foda-se. Mas energia? Já não tava incluído? Quer dizer. Então vamos ver. Eu preciso ligar meu “radinho” porque se nem música eu puder escutar a coisa vai ficar feia. E eu preciso usar minha chapinha porque o clima dessa cidade deixa minha franja num estado completamente lamentável. Então eu vou pagar mais vinte reais. Com os noventa que eu já dei, sobe para centto e dez. Mais a conta de água que vai ser dividida, vai pra cento e quarenta – o preço de um outro quarto

que eu vi, muito mais sossegado, com umas pessoas que pareciam ser divertidas, televisão, nada dessa história desgraçada de um banho por dia e horário para chegar em casa. Ótimo.

E sabe o que é pior? Dona Nena mexe nas suas coisas. Ela mudou meus sapatos de lugar. Eles estavam em caixas dentro do armário e ela colocou para fora, embaixo da cama porque não gosta de sapato misturado com roupa. Ah tá. Então tá legal.

Juro que parei. Não escrevo mais sobre isso.

29.04.05

Não tá dando. Sério. Eu contei que só pode tomar um banho por dia? Pois é. Só um banho por dia. Até aí tudo bem, vá lá, mas eu cometi o erro de tomar meu primeiro banho à noite, e agora todos os meus banhos terão que ser no mesmo horário. Se um dia, por algum motivo especial, eu quiser tomar banho de manhã preciso avisar Dona Nena e ela avalia o caso. Juro que ela usou a frase “avaliar o caso”. Ah, e quando você sai do chuveiro, precisa secar o box. Até aí tudo bem, vá lá, mas não é só dar uma puxadinha na água com o rodo. Você precisa secar com um pano. Sem contar que a pia precisa ser secada também.

Então, por favor, me diga qual o objetivo do banho, se depois você precisa faxinar o banheiro? O que aconteceu com os simpáticos porquinhos que diziam para você experimentar a refrescante sensação de bem-estar chuá chuá? Não rola bem-estar nenhum em secar o banheiro. Quebra a magia. Por falar em quebrar a magia, trancar a porta do banheiro também não pode. Então você tá lá, lavando o cabelo, raspando a perna, se masturbando, sei lá, e alguém entra para escovar os dentes.

Isso é o que realmente está fodendo: ter horário para tomar banho (eu vou ter que dormir de cabelo molhado para sempre?) e não poder trancar a porta. Eu já divido o quarto com a católica cliente das Pernambucanas, então o banheiro seria meu único refúgio. Mas nem isso pode. Também não pode cantar no chuveiro e é recomendado fechar a água enquanto se ensaboa.

O pior de tudo é que Dona Nena não está percebendo minha insatisfação. Ela não tem a menor ideia. Ontem, após inspecionar o banheiro, ela disse que eu “sou boa mesmo”. É, vamos ver quanto tempo dura a admiração de Dona Nena por mim porque eu vou tomar dois banhos por dia clandestinamente e vamos ver se ela vai me impedir.

30.04.05

Dona Nena tá pedindo e eu estou resistindo bravamente, mas que ela tá pedindo, ah, ela tá. Ontem eu fui tomar banho após um dia cansativo e... ok, não foi cansativo porque eu não sou exatamente a pessoa mais ocupada do mundo, mas continuo sendo filha de Deus e mereço um banho – um mísero banho – em paz. Tranquei a porta, mesmo sabendo que é contra as regras. Ensaboa mulata ensaboa, enxágua o shampoo, passa condicionador, deixa agir por um minuto, cantarola “stooop the bus, I wanna be lonely”, bate na porta. Opa, peraí, eu não bati na porta. Ah tá, tem alguém querendo entrar. Foda-se. Mais batidas, cada vez mais fortes. *Não responde, Polly. Simplesmente não responde. Você pagou, você está tomando banho, seu condicionador ainda não agiu, você pode continuar aqui. Não responde.* Não respondo e cantarolo mais um pouco. Tiro o condicionador, dou mas uma ensaboada, desembaraço o cabelo e as batidas continuam. Fecho o chuveiro e as batidas param. Pego a toalha, dou uma cheiradinha e vejo que está com cheiro de mofo (culpa do quarto abafado que precisa ficar trancado o dia inteiro), enxugo o cabelo, a porta começa a dar uns trancos e de repente abre: Dona Nena arrombou a porta.

Tentei me cobrir com a toalha enquanto ela berrava para que eu nunca mais fizesse aquilo. Gritou que uma menina estava desesperada para usar o banheiro e que não posso trancar a porta nunca.

Antes de mais nada, em minha defesa, eu só queria dizer que existe outro banheiro na casa, que fica trancado porque Dona Nena é demente, e se a bexiga da garota realmente estivesse caindo, era

só Dona Nena abrir o outro banheiro. Em segundo lugar, ninguém – veja bem: ninguém – grita comigo me mandando ou desmandando fazer alguma coisa. Nem minha mãe que me achou numa lata de lixo, me limpou, alimentou e criou, grita comigo. Agora vem uma velha sozinha e patética que preenche a vida vazia colocando pessoas jovens dentro de casa para poder liberar um pouco das tristezas me dar esporro? Tenta de novo, Dona Nena.

Mas eu me comportei bem, sabe? Eu poderia ter gritado de volta, eu poderia ter dito que ela me dá pena, mas não. Fiquei quieta, enrolada na toalha, o corpo pingando com vontade de chorar, esperando Dona Nena acabar o show. Quando acabou eu simplesmente olhei para ela e pedi para que, por favor, no futuro, não grite comigo novamente. Ah, e disse que eu trato ela com respeito e espero o mesmo tratamento (sim, eu sou engraçada). Dona Nena deu de ombros e saiu do banheiro enquanto a tal menina da bexiga explodindo entrou e começou a fazer xixi na minha frente como se isso fosse normal. Como se velhas loucas arrombando portas fossem apenas uma dessas coisas da vida. Ela saiu, eu fechei a porta – sem trancar – e continuei me enxugando. Dona Nena voltou: “Desculpa, querida. A tia estava brava, por favor me desculpe.” A vontade era gritar que tia de cu é rola e, sei lá, derrubar ela no chão, mas achei melhor não. Apenas fiz que sim com a cabeça e disse que não tinha problema.

O único problema é que é óbvio que tem problema. Nós vamos ter problemas. Grandes, eu diria.

Ah, e hoje é meu dia de lavar roupa. Ela pediu que eu chegue mais cedo em casa porque, como é a primeira vez, ela quer estar junto. Você sabe quais são as chances de lavar roupa com Dona Nena, ela observando minhas calcinhas e dizendo “não não não, Ana Paula, você tem que esfregar de dentro para fora. De dentro para fora, sempre.”? Zero. Nem que hoje eu durma na rua, mas lavar roupa com ela eu não vou. Ah, mas não vou mesmo.

3.05.05

Por favor, vamos todos tirar o chapéu para Dona Nena. Palmas, palmas, três vivas, a velha merece. Ela conseguiu o que ninguém tinha conseguido antes: me enlouquecer e passar a perna em apenas sete dias.

Começou com uma discussão por causa de um ferro de passar e acabou com Dona Nena confiscando minhas chaves me dizendo para procurar outro lugar. Com prazer, linda. Mas devolva meu dinheiro então. Óbvio que ela não devolveu, ameaçou chamar a polícia se eu não saísse de lá até as seis horas e eu ameacei chamar a polícia se ela não devolvesse o dinheiro. Saí e fui direto para a delegacia porque não sou de ficar fazendo ameaças. Fui recebida pelo Dr. Joel, que é meu novo delegado favorito no mundo todo – pose de mau mas um coração feito com balas de caramelo. Literalmente. Rola um coração de balas de caramelo na mesa dele. Dr. Joel foi um fofo, super solidário, dizendo velhafilhadaputa e velhaloucadumafiga nos momentos adequados do meu relato, e ligou para dar uma dura nela logo que eu acabei. Disse que não pode expulsar assim, que se eu paguei até o final do mês tá pago e a lei isso, a lei aquilo, blá blá. Daí ele me disse para voltar para a pensão e que se Dona Nena desse trabalho era só voltar lá. Toquei a campainha (chave confiscada, lembram?) e ela não me deixou entrar, então ontem eu tive que passar a noite na rua porque Dr. Joel só poderia tomar providências no dia seguinte, também conhecido como hoje.

Daí hoje ela recebeu uma intimação (detalhe engraçado: a intimação era para “Dona Nena”, porque ninguém sabia o nome verdadeiro dela) e na hora de depôr (depôr tem acento?) Dona Nena foi primeiro. Logo depois Joel me chamou:

–Ana Paula, quanto você pagou quando se mudou?

–Noventa reais, por quê?

–Ela disse que você só pagou cinquenta

–QUÊ???????????

Pois é, garotada. Dona Nena sabe das coisas. Ela teve a manha de mentir descaradamente, sem piscar nem nada, acrescentando um

“então prova” cada vez que eu afirmava ter pago os noventa. Sacaninha esperta. Ela sabe que eu não posso provar porque ela sabe que não dá recibo. O Oscar vai para Tia Nena.

Então, qual é a lição que aprendemos?

Aprendemos que_____.

Eu devo ter aprendido alguma coisa. Recibos, claro! Sempre peça recibos, não importa se está fazendo negócios com alguém aparentemente incapaz de mentir. Recibo sempre! Eu nunca mais vou deixar de pedir um recibo na vida. Eu não aceito mais nem meia dúzia de mcnuggets sem o recibo. E vou guardar todos. Serei conhecida como A Moça Dos Recibos. Quando morrer, os recibos vão junto no caixão, por via das dúvidas.

Certo. Aprendemos mais alguma coisa? Sim, aprendemos que maldade não tem idade. Que nunca se é velho demais para mentir na frente de um delegado por causa de noventa reais. E que se você age assim e acaba virando uma pessoa sozinha, só pode culpar você mesmo por isso. Cada um tem a cruz que merece.

(Eu perguntei para o delegado o que aconteceria se eu batesse na Dona Nena – bater de dar uma sova, não bater de bate bate bate na porta do céu – e ele disse que seria presa na certa, porque com um peteleco meu Dona Nena cairia dura e ninguém acreditaria que ela era uma vaca completa e eu seria condenada. Mas acrescentou que apesar disso ele seria minha testemunha e eu achei bem legal da parte dele.) Ela não merece raiva, só pena. Porque, sabe, eu faço muita bosta, coisas piores do que isso, coisas que magoam mais e tal, mas eu estou tentando mudar. Eu só tenho 21 anos e, sinceramente, espero não ser tão suja quanto Dona Nena quando chegar na idade dela (que deve estar beirando os 125 anos).

Mas agora vamos aos fatos: danou-se. Porque meu dinheiro só vai cair na sexta-feira, talvez segunda. Eu estava contando com a devolução de Dona Nena para pagar um hotelzinho de cinco reais até a transferência cair na conta. Inclusive, quando saí da pensão deixei minhas malas no tal hotelzinho baratinho enquanto resolvo as coisas, mas sei que nem o mais xexelento dos hotéis vai me deixar

fazer check-in sem pagar pelo menos uma diária adiantada e, desnecessário dizer, eu tenho zero reais. Até aí tudo bem, dane-se, eu fico acordada nos próximos dias, mas o problema são as malas. Ah, e tomar banho. E trocar de roupa. Vou ver se não consigo bolar alguma coisa com o tio do hotel. Sei lá, ele guarda minhas malas e me deixa tomar banho e quando chegar meu dinheiro eu pago alguma coisa por isso. Vou pensar num jeito.

4.05.05

Algumas coisas a gente só dá valor quando precisa. Drogas, por exemplo. Por causa dos meus “problemas” com Dona Nena eu não durmo há duas noites e estou completamente acabada, o retrato da decadência, situação que poderia ter sido facilmente evitada com uma pequena ajuda de estimulantes químicos. O meu olho não abre mais. Onde deveria estar branco está vermelho, onde deveria estar vermelho está branco. Meu nariz escorre, mas infelizmente é de frio. Olheiras grandes e profundas. As maiores olheiras do Mercosul. Apareceram umas manchas estranhas na minha mão e eu nem vou ficar olhando muito no espelho com medo de descobrir mais alguma coisa errada. Mas falemos de coisas felizes. Literatura, talvez? Acabei de ler um livro ótimo e num determinado momento o açougueiro da mocinha diz que, para ele, as pessoas podem ser divididas em dois grupos: as que assistem a After Hours (aquele filme em que o Griffin Dunne se perde em Nova York por causa da Rosanna Arquette e só se fode a noite inteira) e pensam “oh céus, que pesadelo, tomara que isso nunca aconteça comigo”, e as pessoas que gostariam que a vida fosse sempre assim.

Para mim o buraco é mais embaixo: e quando você percebe que sua vida não passa de um remake malfeito, mal dirigido e com o elenco errado desse filme? Alguém aí grita *corta!* por gentileza.

Por falar em gentilezas, o número da minha poupança na Caixa Econômica Federal é 2294-5, agência 0377. Se você soubesse a diferença que dez reais fariam na minha vida, você riria. De vergonha. Com dez reais eu vou poder tomar um banho, olha só!

Coisa que não faço desde segunda-feira. Banhos são legais. Eu sinto falta do chuá-chuá.

5 .05.05

Voltando ao remake malfeito de After Hours, ontem eu passei a noite na rodoviária (caso um dia você se encontre sem ter onde dormir, recomendo rodoviárias ou hospitais. Hospitais são mais limpinhos, mas talvez você precise fingir uma doença) e um senhor ficou duas horas conversando comigo, tentando me convencer a ir para a casa dele, tomar um banho e relaxar um pouco, mas eu agradeci e recusei educadamente. Depois ele perguntou se eu não estaria interessada em trabalhar em um salão. Hm, salão do quê, moço? Prostituição. Ah tá. Nems.

(Queria apenas acrescentar que apesar de ser uma situação absolutamente nojenta, meio que é legal saber que alguém pagaria por uma trepadinha com você. Principalmente quando você nunca esteve se sentindo pior.) Quando ele foi embora me tranquei no banheiro, achei uma tomada e fiquei dançando o resto da noite, me olhando no espelho e pensando que essa poderia ser a cena de abertura do filme sobre a minha vida. Eu, sozinha num banheiro de rodoviária, sem um puto no bolso, botando pra quebrar. Sabe, decididamente o segredo para não enlouquecer de verdade com tudo isso é se divertir sempre que possível.

6.05.05

Coisa chata: eu não durmo há 72 horas.

Coisa legal: indo tomar café da manhã eu achei um relógio condor na rua e agora posso monitorar minhas noites em claro com mais precisão.

ok, vamos explicar as coisas um pouquinho porque corro o risco do pessoal não levar meus pedidos de doações a sério. Café da manhã = ir até o supermercado mais próximo, pegar um carrinho, fingir que está fazendo compras e comer pastéis de Santa Clara escondido.

Acabadas as guloseimas você abandona o carrinho e sai do supermercado sem olhar para trás. Não falha nunca, fica aí a dica.

Talvez eu morra. Não que eu queira, mas tá foda. Eu preciso dormir. De verdade. Não enxergo nada, meu olho está absurdamente vermelho (provavelmente porque não é fechado há três dias), apareceram uns calos no meu pé, uma ferida de herpes na minha boca, e eu simplesmente não estou mais conseguindo andar direito. Três passinhos e preciso parar, sentindo tontura. O pior de tudo é que não rola ninguém comigo, então eu nem posso fazer um drama. Qual é a graça de estar acabada mas não ter ninguém para cuidar de você? Nenhuma.

Sono. Muito muito sono. Ontem eu tentei tirar um cochilo no shopping no banheiro reservado para deficientes físicos mas na hora h não consegui. Por mais cansada que eu esteja, a ponto de explodir ou cair dura, há algo em dormir no chão de um banheiro público que me incomoda. Que me tira o sono.

Eu.Preciso.Dormir.

(E se não for pedir demais, tomar banho também.)

7.05.05

Se minha vida fosse um musical, Antonio Banderas apareceria agora cantando *when the money keeps rolling in, you don't ask hoooow...* enquanto a cena corta para pessoas em diversos lugares do Brasil e do mundo fazendo seus depósitos com um sorriso no rosto. *Rollin' on in, rollin' on in*. Um close meu, pegando os primeiros cinco reais e indo para um hotel, descobrindo que a diária na verdade é nove reais e que só posso pegar mais dinheiro no dia seguinte, resultando em mais uma noite em claro – a quarta até agora. Volta para Antonio Bandeiras, *when the money keeps rolling out you don't keep books, you can tell you've done well by the happy grateful looks*. A multidão continua depositando dinheiro – *rollin' on out, rollin' on out*.

*

Após 96 horas finalmente vou poder dormir. Devo acordar segunda-feira. Talvez terça. N volta, agradecimentos e planos para o futuro.

7.05.05

Banho tomado, cabelo desembaraçado, 937 horas de sono, barriga cheia. Sou quase gente de novo.

Perspectiva é uma coisa engraçada... Ontem eu estava tão cansada e tão agradecida por finalmente poder dormir e tomar banho que não reparei em nada. Hoje que estou melhorzinha consigo ver que aquele hotel é uma belíssima espelunca com bolotas de mofo caindo do teto e tão pouco espaço que a porta só abre até a metade porque a cama fica no meio do quarto. Não que eu esteja reclamando nem nada, apenas uma observação. Fora que ele fica localizado bem no centro e isso significa que a polícia pode entrar procurando pedras de crack na bagagem dos hóspedes a qualquer momento - mas, novamente, é apenas uma observação. Eu não vou reclamar. Eu não posso reclamar.

Sabe, eu realmente culpo meus pais por muitas coisas. Ser incapaz de ter relacionamentos saudáveis é uma delas, não saber expressar sentimentos é outra. Então se agora eu preciso agradecer todo mundo que me ajudou essa semana e não consigo, a culpa é deles. Faz uma hora que estou na frente do computador e não consigo pensar em nada para dizer, ouvindo The Cure no repeat e eu nem gosto de The Cure.

O quartinho embolorado é ótimo, eu dormi quentinha e bem alimentada. Amanhã vou procurar um novo quarto, mas dessa vez sem pressa, para não cair nas garras de outra Dona Nena.

Obrigada.

10.5.05

Acabei de mudar para um hotelzinho mais barato. Nojento seria bondade minha, não consigo pensar em nada espirituoso/engraçadinho para dizer sobre o lugar. Dá medo. Mas é

o que dá para pagar, e definitivamente é melhor do que dormir na rua, então não vamos reclamar.

Eu queria saber onde entra a curtição. Exatamente como isso se encaixa na ideia que as pessoas têm de “botar pra fuder”. Alguém, por favor, me explica.

Esse poderia ser mais um blog oh-céus-como-sofro, vamos todos pegar uma gilette afiada e tomar um bom banho de banheira, mas eu sei rir de mim mesma e prefiro sempre ver o lado engraçado das coisas, por mais difícil que seja. Só que chega dessa história de me acharem o palhaço carequinha. As pessoas precisam entender que eu sou triste, infeliz e sozinha. Eu não aluguei um quartinho na casa da Dona Nena porque achei que seria engraçado. Eu não pulo de cidade em cidade porque acho divertido. Eu não fico sem dinheiro porque é legal. Eu não saí de casa porque quero ser independente.

Independência é uma merda.

11.05.05

Parem as rotativas, eu não sou mais uma sem-teto. Hoje mudei para uma pensão sensacional, praticamente o esconderijo da Anne Frank. O quarto fica no sótão da casa, o teto é o telhado mesmo, rola uma claraboia e claraboia é a palavra mais engraçada do mundo então eu estou toda animadinha e feliz. Pela primeira vez em tempos eu tive vontade de colar meu pôster do Trainspotting na parede de novo.

Vou ali lavar roupa.

16.05.05

Os bregas é que sabem das coisas, mas todo mundo diz que são bregas só para não admitir que o amor realmente faz a gente enlouquecer, faz a gente dizer coisas para depois se arrepender. A gente diz que é brega e muda de estação, mas é porque dói admitir que o coração chora – chora chora chora – a falta de você. Aliás, dizer que dói é brega. Esse post é brega. Eu sou brega.

Ontem passei a noite escutando Christina Aguilera porque precisava que alguém me dissesse que I am beautiful no matter what they say. Brega, mas os bregas é que sabem das coisas.

Daí hoje acordei cantarolando “don’t be scared to fly alone, find a path that is your own... love will open every door, it’s in your hands, the world is yoooours” e fui procurar emprego. Preciso de um emprego logo ou vocês vão ter que colocar a mão no bolso de novo porque voltar a ser sem-teto não está nos meus planos.

Por falar em sem-teto, meu quartinho Anne Frank vai bem obrigada, mas algumas coisas me enchem um pouco o saco: 1. O quarto realmente fica no sótão da casa e isso significa que eu preciso descer dois lances de escada para ir ao banheiro. Vale lembrar que minha bexiga é do tamanho de uma uva-passa, então me irrita um pouco essa caminhada toda até a privada mais próxima.

2. O quarto é muito quente e eu não consigo dormir descoberta então passo calor a noite toda toda noite.

3. As tomadas são 220V então minha chapinha não funciona. Pânico.

4. As paredes e nada são a mesma coisa, então eu escuto até a respiração do quarto ao lado.

5. Por falar em respiração, meu vizinho é um punheteiro de marca maior e toda noite, religiosamente, ele dá aquela aliviada. A tradição é levada tão a sério que eu me pergunto se ele faz isso virado para Meca. Até aí tudo bem, a masturbação é um hábito saudável e melhor do que sair por aí, sei lá, molestando crianças, mas o problema é que a forma como ele faz me irrita. Sabe quando você faz abdominais e respira de um jeito engraçado, dramatizando o inspira/expira? Então. ele bate punheta assim. Respirando como se estivesse se exercitando. Sem contar que ele demora horrores para gozar, dá vontade de bater na porta e perguntar se ele quer ajuda. Perturbador.

17.05.05

Meu vizinho punheteiro continua firme e forte e algumas dúvidas surgiram: ele demora mais do que o aceitável, então me pergunto se na verdade ele bate mais de uma e eu que não estou percebendo. E pra onde vai a porra? O que ele faz quando termina o serviço? Para o banheiro eu sei que ele não vai. Se você pensar em uma punheta por dia, todos os dias da semana, em breve o quarto dele vai estar transbordando.

É, minha vida é legal pra caralho.

Quando não estou pensando no destino da porra do meu vizinho maníaco estou em entrevistas de emprego fracassadas.

24.05.05

Consegui um emprego.

Em um momento de desespero eu achei que seria interessante pegar a primeira oportunidade e a primeira oportunidade acabou sendo um cargo de vendedora de planos funerários, então vamos que vamos.

Juro – juro mesmo – que não faço essas coisas de propósito. Eu não pego o jornal e digo “ok, vamos ver qual o emprego mais bizarro que eu consigo arrumar”, simplesmente acontece. Ainda não sei como é a aceitação do produto no mercado (hoje foi explicação de contrato, conhecer o pessoal, traçar metas, blá blá), mas se eu já vendi carnê do Baú que é tipo a coisa mais inútil do mundo, então vender plano funerário vai ser melzinho na chupeta.

Deixo vocês então com palavras da Nadja sobre o assunto:

> “Quando tiver testes sobre você na Capricho, ou na Contigo, vai ter uma pergunta assim:
>
> Antes de ser famosa, Polly já:
>
> A) Foi muambeira
>
> B) Foi garçonete de um karaokê no Bixiga
>
> C) Vendeu planos funerários.”

25.05.05

Estou amando meu novo emprego.

Até agora não ganhei um tostão, mas a diversão não tem preço. Primeiro que meu chefe fala coisas como ponhá e vévi. Exemplo: “se você ponhá na cabeça que não vévi muito, não vévi mesmo.” Certeza que ele também fala “vareia” e “menas”, apenas não teve oportunidade. Hoje ele me chamou num canto e eu achei que era para levar esporro, mas na verdade ele veio me pedir para “ficar de olho no pessoal” e “ver se todo mundo está trabalhando direitinho”. Eu! impressionante o que um sorrisinho aqui e uma cara de responsável ali não fazem.

Fora o ponhá, minha equipe também me adora então aproveitei para tomar as rédeas da situação e fui eleita “a que mais pensa”.

Termino o post de hoje com uma dica: se você quiser se sentir inteligente, cerque-se de pessoas burras.

26.05.05

Vendi meu primeiro túmulo hoje.

Minha primeira venda foi para um senhor de 73 anos que ficava pegando no meu braço o tempo todo, dizendo que se Deus fez coisa mais bonita que mulher grande, guardou só para ele no céu. Com grande ele quis dizer gorda, obviamente.

Falava mal de mulher muito magra e pegava no meu braço. Ninguém deve casar com mulher magra, e pegava no meu braço. Mulher tem que ter sustança, e pegava no meu braço. Como era minha primeira venda achei que não seria legal meter um tabefe nele, então fiquei dando sorrisinhos com cara de – aham, eu sou uma delícia mesmo, por favor assine a linha pontilhada.

Deixo você então com uma pequena amostra de como meu trabalho pode ser divertido:

(campainha)

– Booom diaaaa, o senhor já possui plano funerário?

– Não. Quando alguém morrer é só jogar na valeta.

– Então tudo bem. Tenha um bom dia e lembre de mim quando precisar jogar seu filho na valeta.

27.05.05

Finalmente essa semana acabou, a primeira em que eu realmente fiz alguma coisa esse ano. Agora eu acho que o trabalho dignifica o homem? Claro que não. Adoraria ser uma herdeira milionária e viver paris-hilteando pelo mundo? Claro que sim. Mas eu estou contente. O trabalho é legal, as pessoas são legais, é legal fazer alguma coisa e se sentir útil. Fora que eu vou ganhar dinheiro e dinheiro sempre é bom. Eu me sinto dentro de uma música do Demônios da Garoa o tempo todo com tanto *ponhá, vortemo, semo, fumu*, mas diria que o saldo – ao menos por enquanto – é positivo.

31.05.05

Agora que eu já não sou mais uma gorda-desabrigada-desempregada resolvi passar para a fase II do projeto Novo Eu e ligar para minha mãe. Meu novo eu é honesto. Meu novo eu quer acertar os ponteiros com a família. Meu novo eu tem contas para pagar. Meu novo eu se fodeu.

Minha mãe não engoliu essa história de Novo Eu nem um pouco. Não posso culpá-la, afinal ela escuta essa ladainha de Novo Eu desde 1983, mas acontece que dessa vez eu REALMENTE mudei.

Infelizmente mamãe não concorda e após horas e horas de drama telefônico ficou decidido que – puxa, olha só – eu não mereço um tostão. Mas eu acho que eu mereço. Sinceramente, eu mereço. Ok, minha ficha não é das melhores, mas poxa, eu mereço.

O problema é que minha mãe não acredita em mudanças. Não nas drásticas, pelo menos. Ela passou quarenta anos no mesmo emprego, na mesma sala, com as mesmas pessoas. Em uma semana eu passo por mais coisa que ela passou a vida inteira. Se você não vê nada diferente, se você não se arrisca, se você não

quebra a cara, nada muda mesmo. Ela não tem a menor noção das coisas que eu já vi, então não entende que eu não sou mais a pessoa que não gostava de mostarda e tinha nojo de qualquer coisa. A culpa disso deve ser minha porque nossas conversas nunca passam de cinco minutos, então ontem eu contei. Contei tudo. Tudo que eu consegui lembrar, pelo menos. Contei que eu vim para cá de carona, que passei três noites com um caminhoneiro que nem lembro o nome perdida em algum lugar em Goiânia, que esse mesmo caminhoneiro quase me deu um tiro na cabeça, que eu provavelmente merecia esse tiro, contei que já tinha viajado de carona outra vez, contei da Dona Nena, contei que fiquei num abrigo, contei dos planos funerários, contei absolutamente tudo.

Ela ficou feliz. Não feliz do tipo “nossa, que legal, minha filha quase levou um tiro de um caminhoneiro”, mas feliz por ter ouvido isso de mim e não dos outros. Feliz porque pela primeira vez em anos eu realmente fui sincera. Agora está tudo certo e eu me sinto 937 quilos mais leve. É bom não precisar esconder nada.

Mas obviamente nem tudo são flores e mesmo com tanta honestidade, tanta alegria e tantos quilos metafóricos a menos, ela continua não engolindo o Novo Eu.

Enfim. Meu aluguel vence semana que vem e faltam R$ 140,00 para completar o que eu devo.

Vejamos o que pode ser feito.

1.06.05.

O plano era pedir para o meu chefe ponhá um dinheiro na minha conta, mas um rapaz que trabalha comigo foi mais rápido e pediu primeiro. O chefe deu, mas assim que o rapaz virou as costas ele disse que acha um absurdo gente que não tem nem uma semana de empresa e já quer “amontar em cima”. Suspiro. Timing é tudo.

Eu sei que existem pessoas com necessidades mais urgentes que a minha e que merecem seu dinheiro mais do que eu, então resolvi ser justa e fazer uma lista de cinco pessoas e/ou instituições que também merecem seu apoio. No final, faça o que seu coração

mandar: 1. Meu vizinho punheteiro A pessoa mais necessitada que eu conheço. É começar o shulap-shulap que eu tenho vontade de chorar. Fora que agora ele deu para falar “ai”, “ui” e “eu vou gozar”. Amigo, tá avisando QUEM que vai gozar? Sendo assim, abra o coração e dê tudo que puder para que ele compre uma namorada no Mercado Livre.

2. Vítimas do tsunami

Sim, sim, meses se passaram mas ajudar os asiáticos ainda está na moda. Fora que ajudar vítimas de desastres naturais é garantia de final feliz, praticamente uma simpatia para Santo Antônio. Renée Zellweger conheceu seu marido em um evento para as vítimas do tsunami e Evita conheceu Perón em um evento para vítimas de um terremoto.

3. PETA (people for the ethical treatmeant of animals) Esculhambaram Jennifer Lopez, chamaram Gisele de escória, traumatizam criancinhas com baldes de sangue falso e insistem que – ei, os animais são amigos, não comida. Faça já sua doação e ajude a turma do PETA a angariar fundos para comprar uma vida. De preferência social. Eles precisam. Urgente.

4. Worth the Wait

Associação de pessoas que acreditam que “vale a pena esperar”. São famosos por manifestações em que um membro mastiga alguma coisa, cospe fora e passa para outro membro comer, ilustrando assim que sexo é sujo, já que você troca fluídos corporais praticamente da mesma forma que eles demonstraram. Worth the wait is worth your money.

5. Retiro dos Artistas

Você já se perguntou onde aquele figurante da Escolinha do Professor Raimundo foi parar? Se preocupa com o futuro do Dedé Santana? Gostaria de garantir a velhice da sua celebridade B favorita? Então ajude já o Retiro dos Artistas e impeça que celebridades desempregadas durmam nas ruas se cobrindo com edições antigas da Caras ou mudem para o SBT (o retiro alternativo dos artistas).

Todas essas causas são dignas do seu rico dinheirinho, mas eu gostaria de lembrar que você lê o *meu* blog, não o das vítimas de tsunami. Vale lembrar também que qualquer trocadinho é bem recebido, depósitos podem ser efetuados em qualquer casa lotérica e que se você quiser eu posso até te pagar depois - mas só se você quiser e sem previsão de data. Juro que é a última vez que mendigo. No blog pelo menos. Anote os dados: Caixa Econômica Federal

Agência: 0377

Poupança: 2294-5

Termino então com as palavras do jovem Anakin Skywalker em A Ameaça Fantasma: “o maior problema do universo é que ninguém ajuda ninguém.” Anos depois ele ajudou a matar metade da galáxia, mas não vem ao caso.

3.06.05

(Aviso: me poupe de comentários do tipo “oh, não sabia que você é adotada”, porque, sinceramente, qualquer um sabe.) Eu nunca dei muita atenção para essa história de ser adotada, salvo as vezes em que eu quis fazer um mapa astral e não pude porque não tenho informações precisas sobre meu nascimento, mas ontem eu pensei numa coisa: eu consegui a façanha de ser abandonada por duas famílias.

A primeira não conta muito, por mais clichê que possa parecer, família realmente é a que cria, mas não deixa de ser uma rejeição. Rejeição de alguém que nem se deu o trabalho de tentar, mas enfim. É compreensível. Se hoje eu ficasse grávida com certeza daria a criança para alguém mais preparado e sem maiores problemas, mas note que eu disse mais preparado.

Preparação não tem nada a ver com dinheiro. Preparação é vontade de criar alguém, é amor, carinho e outras pieguices que a vergonha e o medo de te afogar em tanta cafonice me impedem de listar.

Isso nos leva à rejeição nº 02. Sinceramente não consigo pensar em uma pessoa menos preparada para cuidar de alguém do que minha mãe. Normalmente os pais acertam a mão com pelo menos um dos filhos, mas não é o caso.

Minha irmã foi criada de forma rigorosa, era espancada a troco de nada, regras para tudo, cheia de privações... deu no que deu. Virou uma imbecil acéfala insegura que não consegue abrir um pacote de bolacha sem pedir permissão para minha mãe antes. Isso mesmo. Uma mulher de trinta anos de idade, formada em psicologia, sem autonomia para comer uma passatempo recheada.

Comigo foi diferente. Eu conseguia o que queria sem levar um beliscão sequer, sempre grudada no meu pai, que me paparicou até o fim. Tenho alguns traumas de infância, quase todos ligados à falta de atenção e ao senso de humor doentio da minha mãe, mas se você comparar com o que minha irmã passou, não é nada.

Em parte eu acho que eles tentaram esse método porque viram que a prática usada com minha irmã não estava lá dando muito certo, mas por outro lado eu sei que no fundo eles tinham medo de serem muito severos comigo e alguém dizer “Tá vendo? Batem na coitada só porque é adotada...”

Deu nisso.

O engraçado é que agora as coisas mudaram e minha irmã é a protegida. E sabe o que é mais engraçado ainda? Eu sou persona non grata em casa simplesmente porque a última vez que estive lá minha irmã foi a imbecil de sempre então eu perdi as estribeiras e dei uns sopapos nela. Sério. É só por isso. Quer dizer, é óbvio que eu dei outras mancadas, mas a proibição de entrar em casa é porque bati nela. E sabe por que isso é tão engraçado? Porque minha mãe enchia ela de porrada quando era criança e tudo bem, mas bater em uma pessoa adulta plenamente capaz de se defender é errado.

Mas enfim.

Falei com ela de novo hoje de manhã e expliquei que “oi, olha só, se não conseguir esse dinheiro eu vou ficar na rua”, mas ou ela não

entendeu ou realmente está pouco se fodendo.

Bom, parei de me preocupar. Não serve para nada e dá rugas. Vou passar o final de semana aproveitando minha cama enquanto tenho uma e vou esperar a bolha estourar porque vai foder de qualquer jeito, então esperar é o melhor que eu faço.

Minha vida é um clichê tão vagabundo que eu posso te dar uma prévia dos próximos capítulos agora mesmo: Não vou conseguir o dinheiro porque ninguém está dando muita bola. Vou ser expulsa da pensão e ficar na rua pela 937ª vez. Isso vai se arrastar por alguns dias, vou passar o diabo, perder meu emprego e, com alguma sorte, escapar de ser violentada na rua. Daí quando eu estiver bem fodida mesmo e pronta para cortar os pulsos vai surgir alguém para ajudar. Ah, que legal. Agora você aparece. Agora que eu já me fodi, já perdi o pouco que tinha conseguido e vou ter que começar do zero mais uma vez, você estende a mão. Obrigada. Muitíssimo obrigada. Mas é óbvio que eu não vou falar nada disso porque estarei ocupada agradecendo quem quer que seja por ter salvado minha vida. Daí vou começar de novo, tentando entender a finalidade disso tudo, sabendo que vai ser essa merda até o fim dos meus dias.

4.6.05

Cantinho do leitor:

> *"Você escreve bem e eu não estou acreditando na sua história. Você está é se divertindo e testando o seu poder de persuasão, vendo se consegue mesmo arrancar uns trocados dos leitores com a lábia. Aguardo o post onde você rirá da cara dos leitores e dirá que tudo não passou de uma brincadeira."*

Danadinha! Como é que você descobriu? Bom, parece que chegou a hora da verdade então. Meu nome é Margarete, não sou adotada coisa nenhuma e minha família é dona de uma grande rede de produtos alimentícios. No momento moramos em Ibiza porque papai tem medo da violência no Brasil. Mamãe não quer que eu trabalhe porque gosta de ter uma companheira para as compras, então comecei esse blog para ocupar meu tempo livre.

beijos,

Margarete.

13.06.05

Arrumei um namorado.

Óbvio que não é um namorado de verdade, mas um namorado gerente de uma grande rede de fast-food árabe, que sonha em ser cantor, dirige uma moto e não tem e-mail. Sim, isso mesmo, um namorado sem e-mail. Como alguém não tem e-mail? Sei lá. Eu não tenho telefone, então não olhe para mim.

Mas o rapaz até que é interessante, de uma forma meio periferia. A gente se conheceu no dia do Brasil x Argentina, ele me ajudou a ganhar uma partida de sinuca e exigiu um beijo como recompensa. Dei o beijo e fui cantar Shakira no videokê e todo mundo do bar me disse para voltar lá no dia seguinte e é lógico que eu não voltei porque a regra número um de convivência em sociedade é: não estabeleça vínculos afetivos com pessoas que te viram soltar a voz cantando “Donde estás Corazón”.

Isso foi na quarta. Na sexta eu estava indo para casa quando encontrei com umas pessoas do bar e elas me chamaram para “uma cervejinha rápida". Recusei alegando falta de dinheiro, mas como se ofereceram para pagar a putinha aqui acabou indo. Chegando lá o rapaz da sinuca veio conversar comigo e no final me deixou em casa com a frase do ano: *você fala um quilo e eu não entendo nem cem gramas, mas eu gostei de você.*

Pois é. *“Você fala um quilo e eu não entendo cem gramas.”* Esse é o naipe do meu novo namorado, senhoras e senhores.

Daí ontem, dia dos namorados, a gente foi assistir Madagascar e ele pagou tudo, comprou pipoquinha, pegou na mão. Na hora eu surtei porque namorinho de portão não é muito a minha, sou mais do tipo vamos encher a cara e esquecer o nome um do outro amanhã, mas daí eu pensei: “que saber? até que me faria bem uma pessoa para pagar meu cinema...”

Então é isso. Eu tenho um namorado. Que trabalha numa grande rede de fast-food árabe, sonha em ser cantor, não tem e-mail, dirige uma moto e não entende uma palavra do que eu falo. Mas olha, ele até que é bem gatinho.

22.06.05

Para você ver como a vida é engraçada: Ontem eu fui na Saraiva Megastore dar uma olhadinha nas promoções porque amanhã é dia de pagamento e eu quero me fazer um agradinho e vi o DVD de Evita. Na hora eu pensei – quanto será que tá? Eu preciso desse DVD. Conferi o preço, dezoito reais, uma miséria, quase nada. Nossa, barato, né? Quando receber meu salário vou comprar.

Foi quando me ocorreu um pequeno detalhe – peraí, sua retardada, você não tem TV, que dirá DVD player, pra quê você precisa de um DVD da Evita?

Engraçado, né? eu acho.

Ainda mais divertida foi a conversa que tive com meu chefe hoje, porque eu descobri que meu dinheiro será pago em prestações. Cada plano que eu vendo tem uma taxa de adesão de oitenta reais. Desses oitenta, setenta são meus. legal, né? Esse mês eu vendi dezoito planos, então amanhã vou receber mil e oitenta reais, certo? Errado. A taxa de adesão pode ser parcelada em até três meses, o que significa que meu suado salário também. Legal, né? Legal que eu trabalhei o mês inteiro e vou acabar com dezessete reais. Calma, eu vou receber mais que isso, mas depois que eu pagar o aluguel vão sobrar só dezessete. Ha, legal. Dezessete reais para passar o mês inteiro. Julho inteiro com dezessete reais. Vou poder gastar cinquenta e seis centavos por dia. Yipiiii!

Sabe, eu até poderia viver com essa quantia se não estivesse trabalhando, mas ralar o dia inteiro, o mês inteiro, para depois ver o resultado em prestações é meio foda.

30.06.05

Hoje eu ganhei um presente de melhor vendedora da minha equipe – um chaveiro.

Odiei porque 1) bela bosta ser a melhor vendedora se dinheiro que é bom, nada; 2) eu já tenho um chaveiro, obrigada; 3) o chaveiro é um esqueleto que brilha no escuro e funciona como abridor de garrafas.

Você percebe a falta de gosto? Eu vendo planos funerários e ganho um chaveiro em forma de esqueleto. Ainda falta alguma coisa ou posso desistir agora?

3.07.05

Não sei se isso também acontece com você, mas vira e mexe eu me pego refazendo os passos do meu dinheiro para tentar entender o que aconteceu com ele. Dez reais aqui, cinco ali, vinte num CDzinho novo, e quando você menos espera gastou tudo sem perceber e não tem mais um tostão no bolso. Hoje é aniversário de dez anos da morte do meu pai e estou aqui olhando para a parede tentando entender como é que dez anos passaram despercebidos. Sem querer ofender sua inteligência, mas você percebe que dez anos são uma década? Que em setembro, quando eu completar 22 anos, terei passado mais tempo sem meu pai do que com ele? De alguma forma o tempo deveria ajudar, mas a verdade é que não ajuda nada e, se possível, até piora. O fato de estar vivendo minha pior fase também não anima muito.

Quando as coisas estão bem horríveis mesmo, eu me torturo pensando que tudo seria diferente e melhor se ele ainda estivesse vivo. Mas daí eu penso que se ele ainda estivesse aqui não teria Irlanda, não teria Argentina, não teria São Paulo... e sem esses lugares eu não seria eu. Mas quer saber? Eu apodreceria em Campinas até o fim da vida se pudesse ter meu pai de volta mesmo que só por cinco minutinhos.

Quem lê isso deve achar engraçado e difícil me imaginar tão apegada assim a alguém, mas é porque minha parte que se importava, minha parte que amava, minha parte que acreditava nas

pessoas e queria alguma coisa, morreu junto com ele e desde então eu virei essa bagunça que vos fala. Um dia vai melhorar? Não sei, pergunta para o Freud. Ah, ele também morreu? Então esquece.

4.07.05

O mundo é estranho, pessoas são estranhas.

Meu trabalho, por exemplo. Hoje rolou um bafafá por causa do chaveiro que eu ganhei semana passada e neguinho começou a dizer que estou tendo um caso com o chefe. Pois sim. Como se eu fosse ter um caso com alguém que diz *ponhá*. Quem diz ponhá nunca vai ponhá nada em mim, muito obrigada. Mas segundo eles eu ganho presentes, tenho mamata de sair mais cedo, vou sempre no banco da frente da kombi... oi? Eu vou no banco da frente porque gosto do ventinho na cara e de controlar o rádio, não porque faço um boquete rápido quando ninguém está olhando.

Bom, só sei que me irritei, disse para todo mundo “vão tomar nos seus cus” e saí. Eu mereço. Tudo por causa de um chaveiro. Uma porra de um chaveiro. Um chaveiro que eu nem queria, para começo de conversa.

7.07.05

Fui assistir Melinda e Melinda.

Na verdade eu não estou podendo gastar dinheiro com coisas desse tipo, mas ando deprimida e Woody Allen é sempre Woody Allen então achei que a extravagância de ir ao cinema compensaria viver de pipoca e gelatina nos próximos dias. O filme é legal, nem de perto o melhor trabalho dele, mas ainda assim é bom. Eu procurei uma frase do filme no Google e não achei, mas é algo do tipo “é mais fácil não ter sonhos porque assim você não se desaponta”. Verdade. Em uma outra parte do filme a Melinda responde que quer querer viver e o cara diz que todo mundo quer viver. Não tão verdade. Eu não penso exatamente em morrer, mas simplesmente parar de existir, sabe? Não ter que fazer mais nada, simplesmente desistir. Tentei esse negócio de viver e não deu muito certo, onde é

a saída? Mas daí eu penso que se eu desistir agora nunca vou conseguir as coisas que eu sei que vão acontecer. É só isso que me impede. Sinceramente eu espero que compense.

8.07.05

Meu vizinho punheteiro se mudou.

Finalmente vou ter um pouco de paz no conforto do meu quarto, mas agora eu preciso arrumar um novo candidato para a posição de Pessoa Mais Patética do Mundo.

10.07.05

Eu sou o tipo de pessoa que trabalha na base dos sinais.

Exemplo: se preciso decidir alguma coisa penso “ok, se o final da placa do próximo carro que passar for par, eu faço – se for ímpar, não”. Às vezes funciona, às vezes não, mas pelo menos me livra do horror de tomar minhas próprias decisões.

Daí eu andava largada pelos cantos, resmungando que Curitiba é uma fraude, que meu ano já está perdido, só faço merda mesmo, tudo na minha vida dá errado... e pensando que agora seria o momento ideal para um sinal, qualquer um, mostrando que “ei, sua vida não é de todo mal” e eis que surge o sinal: WEEZER EM CURITIBA DIAS 24 E 25 DE SETEMBRO.

Weezer. Curitiba. 25 de setembro. 25 de setembro, também conhecido como meu aniversário. Curitiba, também conhecida como a cidade onde eu moro. Weezer, cara. Weezer. Vamos admirar a beleza cósmica disso, porque se Weezer em Curitiba no dia do meu aniversário no ano mais falido da história não for um sinal, eu não sei mais o que é.

12.07.05

Estava voltando pra casa e notei um bafafá na esquina, um motoboy morreu atropelado por um ônibus bem na porta da pensão. Peguei minha chave e já ia entrando quando senti um tapinha nas costas.

— Você mora nessa casa?

(Não, moço. Achei essa chave no chão e estou testando todos os portões da vizinhança para ver se encontro o dono.) —Moro...

—Posso fazer umas perguntinhas pra você?

(Ora, por que não poderia? Eu só estou morrendo de cólica, cansada e com a bexiga explodindo, mas não consigo pensar em nada que gostaria de fazer além de responder perguntas para a Gazeta do Povo.) —Pode.

—Como você se sente após chegar em casa e encontrar um corpo no asfalto?

(Corpo no asfalto? Parece até título do Nelson Rodrigues. Mas sabe como eu me sinto? Incomodada. Incomodada porque esse povo curioso não tem mais o que fazer e fica causando aqui no portão. Morreu? Nossa, coitado. Um a menos.) —Abalada.

—Abalada com a falta de segurança no trânsito?

(Risos, né? Menos motoboy = mais segurança.) —Claro.

—Você acha que a culpa é da prefeitura?

(Hein? O cara faz uma conversão proibida e a culpa é dos outros? Claro, claro...) —Com certeza. Esse tipo de coisa não pode continuar.

Confira amanhã minha entrevista na Gazeta do Povo. Com certeza vai ser algo do tipo: Ana Paula, 21, pede um basta à violência no trânsito.

Caguei para quem não sabe respeitar as leis de trânsito. Três vivas para a seleção natural.

27.07.05

Passei as últimas noites no escuro porque a lâmpada do meu quarto queimou e esqueci de comprar uma nova, mas mesmo se lembrasse não teria dinheiro. Daí eu peguei a lâmpada queimada, guardei na bolsa e fui no boteco aqui do lado. Pedi para usar o banheiro, tranquei a porta, subi na privada e troquei a minha

lâmpada pela do bar. Guardei a lâmpada boa, puxei descarga para não dar bandeira, saí, agradeci o dono e avisei que a lâmpada do banheiro deve estar queimada porque fiz xixi no escuro. Ele agradeceu o aviso e eu voltei para meu quarto, agora iluminado. Fim.

Lâmpada é uma daquelas coisas que você só descobre que precisa ser comprada depois que sai de casa. Papel higiênico é outra. Nunca me recuperei do choque de descobrir que não existem duendes que renovam seu estoque durante a noite e que um dia ele acaba. Nunca faltou papel higiênico na casa da minha mãe.

Suspiro.

28.07.05

Outro dia a Nadja perguntou como é que eu faço para me comunicar com o meu namorado porque ele não tem e-mail e eu não tenho telefone. Respondi que a gente não se comunica e, levando em consideração que não temos absolutamente nada em comum, isso não é tão ruim assim. Mas temos nossos rituais. Quarta-feira, por exemplo, é dia de assistir futebol e depois jogar uma sinuquinha. Esse era o plano para ontem, só que foi aniversário da sogrona e acabei indo parar na festa, regada a muito vinho quente e quentão. A última vez que tomei porre de quentão foi na época do plano cruzado, quando eu nem sabia que quentão dava grau, então sente o drama.

Daí eu estava lá, super simpática conversando com o tio bêbado (e sempre tem um tio bêbado), quando me perdi dentro da minha cabeça. Provavelmente foi o quentão falando, mas o quentão olhou para os lados e pensou: *Você quer mais o quê? Taí um cara legal, relativamente bonito, com um tio bêbado engraçado, quentão para dar e vender e você nem tchuns.* É, ele é legal mesmo, né? *Claro que é.* E realmente tem um charme. *Numa vibe meio perifa, mas tem sim.* Só que sei lá. *Sei lá o quê?* Não sei. *É, isso você já disse.* Eu queria... *Queria?* Queria não, preciso... *Precisa?* É, preciso. *Precisa de quê, filha?* Não sei. O*k, parou.* Tá, parei. Eu sei que ele

não é perfeito. Quer dizer, que tipo de pessoa ainda usa essas correntes na carteira, né? *É. Mas também acho que você deveria se contentar com um cara bonito, engraçado e que te trata bem, porque é mais do que muita gente consegue.* É, eu deveria mesmo. Mas eu quero alguém que ganhe de mim no meu próprio jogo, sabe? *Não.* Não precisa ser bonito ou ter dinheiro, só precisa dizer alguma coisa que me faça pensar “ei, como é que eu não pensei nisso antes?”, alguém que seja tão engraçado quanto eu - às vezes mais, mas não sempre. alguém que seja tão legal quanto eu. É pedir demais? *É*.

Maldito quentão.

30.07.05

Então eu estou com vesículas pruriginosas. Você sabe, erupções cutâneas. O doutor recomendou uma pomada, mas ela custa muitos cruzeiros e eu tinha planos melhores para esse dinheiro – um Dove Loção Firmadora, por exemplo.

Daí eu tinha decidido comprar o Dove e mandar minha coceira à merda, mas quando estava quase no caixa, pensei com meus botões: Ana Paula, você é uma vendida. Bastou eles colocarem meia dúzia de gordas de calcinha e sutiã na propaganda para você cair como um patinho.

É, é verdade. A firmeza das minhas coxas nunca me preocupou muito, então por que agora? Devolvi a loção e fui procurar a tal pomada para coceira. Nisso me ocorreu que, pelo amor de Deus, se eu quero comprar a loção firmadora é só comprar a loção firmadora, ora bolas. Quem se importa se é só por causa da propaganda, afinal? Nunca é tarde para se preocupar com a firmeza das coxas, certo? Certo. Desencanei da pomada e voltei para a loção, mas chegando no caixa meu cartão não passou.

Moral da história: pobre nasceu para ter coxa flácida.

06.08.05

Ha. Daí faltam doze reais para completar meu aluguel porque eu sou uma imbecil que não sabe fazer contas e gasta dinheiro que não tem. Tenho até quarta-feira para dar um jeito. Vender meus CDs ou algum livro está completamente fora de questão. Fora o valor sentimental, os sebos de Curitiba não prestam para nada e periga eles pagaram dois reais no meu CD da Tori Amos em perfeito estado que custou uma fortuna, então nem fodendo. E se eu não tenho doze reais para o aluguel, imagine os cento e quarenta para os ingressos do show do Weezer. Corro o risco de passar o meu aniversário sentada do lado de fora da pedreira Paulo Leminski, bebendo restos de cerveja deixados na sarjeta, lamentando minha falta de sorte na vida. Comparado ao aniversário do ano passado seria até um upgrade, e isso é o que mais me deprime. Porra, 22 anos, dois patinhos na lagoa, show do Weezer, eu deveria comemorar em grande estilo, mas quem é que eu estou querendo enganar? Vai dar merda. Mas vamos por partes. Primeiro o aluguel, depois o prazer. Para quem quiser me fazer feliz e garantir que eu tenha um feliz aniversário: Caixa Econômica Federal

Agência: 0377

Conta: 2294-5

Porque solidariedade nunca sai de moda.

8.08.05

Daí meu namoradinho passou em um concurso para estudar não sei onde por não sei quanto tempo e hoje foi a festinha de despedida. O certo seria me jogar no chão e começar a cantar *I just don't know what to do with myseeeelf* gritando que meu coração está partido, mas nems. Só lamento que no calor da situação esqueci de garimpar com ele os doze reais que preciso até quarta-feira e agora vou ter que arrumá-los em outra freguesia.

Mas não é só isso que me incomoda, eu também vou sentir falta do tempero do povo que ele trazia com suas maravilhosas expressões tipo "colaí, mano". Se alguém me dissesse que um dia eu diria "colaí" em vez de "apareça, amigo" eu teria gargalhado, mas eis-me

aqui. “Totó” também é boa, o famoso toque. Exemplo: “dá um totó no meu telefone quando estiver pronta que eu passo para te buscar.”

10.08.05

– Cara, ninguém me leva a sério... eu pedi dinheiro pro show do Weezer mas ninguém me oooooouve

– Mas diz pra mim sinceramente: se você lesse o seu blog e não fosse você, você levaria a sério?

– Super levaria. E mesmo porque eu não estou dizendo que preciso de dinheiro para quimioterapia nem nada, eu só quero assistir a um show no meu aniversário, é pedir demais?

– Mas meu, venhamos e convenhamos que não dá pra você viver de doações nem esperar isso das pessoas!!

– Eu seeei, mas é meu aniversário, caralho. Não é a data em que você presenteia aqueles que ama?

– Siiiim, mas os desconhecidos que leem seu blog não necessariamente te amam

– Bom, então acabou o blog.

Eu ia deletar o blog. Deletar de vez, apagar os arquivos e o caralho, mas pensei um pouco e achei melhor deixar ele quieto, por motivo de sanidade mental. O problema é que eu não estou em uma fase lá muito boa, então as coisas vão passar por uma pequena reformulação. Nada muito grave, é como se você fosse assistir um filme do Jim Carrey esperando O Máskara e acabasse vendo Brilho Eterno De Uma Mente Sem Lembranças, sabe? Chega de ser engraçadinha. Isso não significa que eu vou me tornar uma pessoa sem graça, mas acontece que eu não sou feliz. Eu não sou forte. Eu não sou auto-suficiente. Se você achava isso, desculpaí. A Nadja disse que eu preciso mostrar meu lado mais frágil e que determinadas coisas me afetam, porque parece que nada me afeta. Não sei se isso vai mudar alguma coisa. Dizer – ei, pessoas, olha só, eu sou frágil e estou pensando seriamente em me matar – vai

ajudar? Ela diz que vai, que as pessoas vão ver que eu preciso delas também. Mas oras bolas, isso é óbvio. Todo mundo precisa de alguém. Que as coisas me afetam eu também pensei que estivesse claro. Ninguém fica sem ter onde morar porque quer. Ninguém mendiga dinheiro porque acha legal. Ninguém escolhe ser infeliz. Eu não acordei um dia e pensei “ok, vejamos como é esse negócio de ser miserável”, foram erros que se acumularam e agora as coisas não se resolvem mais com um ou dois telefonemas.

Mas ok, estou infeliz. O que me faria mais feliz, realisticamente falando? Não sei. Se soubesse, juro que estaria indo atrás disso em vez de pensar que para dar um tiro na cabeça eu preciso de uma arma, que veneno é meio nojento e que se jogar de um prédio causa comoção demais, além de sair no jornal. Sem contar que eu ainda tenho esperanças de ir ao show do Weezer, pelo menos isso.

.

Eu só queria dizer que se você realmente acha que meu blog é o melhor-do-mundo, que eu sou a pessoa mais engraçada do cone sul, que meu blog merece um Pulitzer – ou melhor, um Nobel – e que minha simples existência já torna sua vida um pouco melhor, que diabos custa depositar três reais na minha conta? Sério. Isso não é uma piada. Por que é tão difícil acreditar que alguém, em algum lugar, realmente não tem dinheiro mas ainda assim consegue usar uma internetizinha banda larga e gostaria de ajuda para comprar seu próprio presente de aniversário? É tão inacreditável assim?

17.08.05

O **Paulinha Esperança** já arrecadou metade do ingresso e conto com sua participação para conseguir o resto, porque esse negócio de ficar deprimida pelos cantos não combina muito comigo. Estou consideravelmente mais animada, cantando Ben Lee e andando pulandinho, mas ainda falta a outra metade, então vamos lá.

Por ora, o drama continua.

Várias pessoas escreveram preocupadas com meu suposto suicídio, mas o Didi é sempre o Didi:

> *“Amiga, você me faria um favor? Se você for se matar, escreve pra mim antes? Pra avisar? Porque ninguém atende o telefone no lugar em que você mora. Ou vale o esqueminha de aparecer em sonho? Quero também uma revoada de borboletas brancas ao meu redor e uma águia pousando no meu ombro. Mas escreva um livro antes, deixe um legado. Você pode ser a nova Anne Frank, lutando contra a injustiça social em um país de terceiro mundo. E por favor deixe os direitos autorais no meu nome. Mas amiga, se for pra foder com a vida, faça o seguinte: vai para a Argentina. Num qué se matar bonitinha? Num qué acabá com a vida miserável? Então Argentina. Você sai no lucro. Mas amiga, pense em mim... eu quero gritar pro mundo ouvir que eu te amo, não faz isso comigo não. Seria um fardo que eu teria que carregar durante toda a minha carreira e quando eu abusasse das drogas, ou me envolvesse em relacionamentos destrutivos e nunca achasse o significado da palavra amor eu colocaria a culpa no seu suicídio e alguma jornalista da People daria um depoimento em um documentário saying he just started to act erratic after she was gone... Você seria a mãe com câncer da minha madonna, o Kurt da minha Courtney...”*

Mas eu não vou me matar. Claro que não. É apenas uma ideia, como virar evangélica ou arrumar um emprego. Uma dessas coisas que você considera no momento de desespero, mas depois percebe que dá trabalho demais e pode ser que nem ajude em nada. Sim, porque se matar não é nada simples. Tentar é fácil, mas como diria o Yoda, do or do not, there’s no try. Achar um método 100% eficiente é complicado. Tá cheio de gente que pulou dez andares e só quebrou a perna, tomou veneno e só deu uma vomitadinha, cortou os pulsos mas não sangrou o suficiente. Não quero passar por esse constrangimento.

19.08.05

Ontem estava saindo um cheiro horrível do quarto de um velhinho lá da pensão e eu levantei a possibilidade dele ter morrido porque estava sumido há dias e o cheiro realmente era péssimo.

Nisso começou um quiriquiqui para apurar se ele estava morto ou não e o dono da pensão achou melhor pegar a chave reserva e abrir o quarto. Acabou que ele não estava morto, só estava com preguiça de sair da cama e fazer coisas como tomar banho e ir ao banheiro. Foi um auê dos diabos, o dono querendo expulsar o velhinho e o pobre velhinho sem um parente no mundo, sem ter para onde ir, chorando e começando a arrumar a malinha dele. De repente me bateu um desespero enorme. Não pelo velhinho, claro que não, mas uma voz dentro de mim dizia “contemple seu futuro, Ana Paula”, porque eu estou indo para o mesmo caminho, não estou? Vou morrer velha, sozinha, sem forças nem para tomar um banhinho e sendo expulsa de mais uma pensão. E quem vai ligar? N-i-n-g-u-é-m. Quem vai cuidar de mim? N-i-n-g-u-é-m. Quem vai pensar “nossa, coitada, expulsa ela não, moço”? N-i-n-g-u-é-m. Foi como ver o fantasma do natal futuro e o problema é que ele se parece muito com o fantasma do natal presente. Quando dei por mim eu estava lavando o lençol do velhinho e armando um barraco com o dono da pensão dizendo que “geeeeeente, esse homem não tem ninguém no mundo, como você vai dormir sabendo que jogou uma pessoa sozinha na rua?” até que ele finalmente cedeu, mas disse que a gente (eu e uma enfermeira que sempre vê novela comigo e me atualiza quando perco algum capítulo) ia ter que limpar o quarto dele.

O futuro, o futuro.

29.08.05

– Amigo, e eu que estou apaixonadinha por um cara da pensão?

– Sério? Por quem? Aquele cara que falou com você quando eu te liguei?

– O próprio. E amigo, é super paixãozinha pré-primário, sabe? Ficar puxando o cabelo e enchendo o outro?

– Adoro paixões pré-primário.

– Fico toda nervosinha esperando ele aparecer – Ti bunitin

– Ele faz pipoquinha pra gente ver os filmes dublados na tv. Ontem a gente viu U-571 A Batalha no Atlântico na Record – Amiga, é gatinho?

– Super, mas tem um pequeno problema... ele chama Naldemar – Vai ver ele é gay. Você se amarra num viado – Amigo, ele chama Naldemar. Gays não chamam Naldemar – Eu quero uma foto dele... qual o sobrenome dele? Naldemar do quê?

– Sei lá, dever ser Silva.

– Naldemar é um nome tão merda que não rola nenhum resultado no images do Google – Amigo, você sabe que seu nome é uma merda quando você procura por ele no Google e o Google sugere outra opção. “Você quis dizer: W*aldemar*?”

(...)

–Amigo, eu te contei da menininha de um ano e pouco da pensão? A bastarda agora deu pra chamar Naldemar, o MEU HOMEM, de pai –Amiga, vou te ensinar algo que a empregada daquela espiã famosa fez com os filhos da espiã –Diga

–Pique bem picadinho alguns fios de cabelo e coloque na comidinha da criança... é morte na certa.

–Você e sua obsessão por cabelo picado... você acha que realmente funcionaria?

–Funcionou com os sete filhos de Mata Hari –Sei lá, eu não acredito. Tem gente que come montes de cabelo e não morre, tem até nome essa doença. Peraí que vou dar um Google.

– Amiga, eu vi na biografia da Mata Hari. A empregada matou os filhos dela e daí ela ficou arrasada e virou uma topless-dancer-espiã de quinta – Tricotilomania

– Amiga, eles não cortam picadinho. Peraí que vou dar um google na história da Mata Hari – Ok

– Cara, não consigo achar...

– Tô te falando...

– Mas que a empregada matou os filhos de Mata Hari com cabelo picadinho na comida, ah isso matou – Cabelo picado não mata nem mosca – Façamos um teste. Dá cabelo picado pra tal menina e vejamos o que acontece – Vou tentar.

6.9.05

Dia 24 de setembro estarei pulando ao som de Weezer com minha tatuagem nova. Mas para você ver como esse mundo nosso é engraçado, hoje me peguei pensando se devo vender meu ingresso e ir ao show da Avril Lavigne, porque, apesar de ser errado, me identifico com as músicas dela.

14.09.05

From: Did

Subject: Can i get a uh uh?

Amiga,

muito me incomoda não ter ganhado um parabéns a você de você... nem um emailzinho, nem um postzinho, nem uma página na folha de são paulo, nem dois minutos no intervalo do jornal nacional.. Ah, mas vai ter volta, ah se vai.

Faith Evans

.

From: Polly

Subject: Forgive me father, for i have sinned Eu sei, eu sei, eu sei. Mas em minha defesa eu gostaria de dizer que 1) seu aniversário caiu em um domingo e eu nunca consigo usar internet aos domingos; 2) um domingo chuvoso, devo acrescentar, o que só piora as coisas; 3) onze de setembro, cara. Você sabe como eu me preocupo com os rumos do mundo moderno, então é natural que eu me sinta um pouco deprimida na data do seu aniversário. Sim, eu sou engraçada. Inclusive, eu estava pensando... o fato de você ter nascido onze de setembro foi um sinal da desgraça que estava por vir mas ninguém prestou atenção. Eu queria tanto que alguém explodisse alguma coisa no dia do meu aniversário também. Vinte e cinco de setembro não tem nada de interessante além do dia do sapateiro. Bom, poderia ser pior, eu poderia ter nascido, sei lá, no dia da árvore. Prefiro sapatos a árvores. Mas amigo, você sabe que eu te amo mais que tudo, e acho que nosso amor não deve se prender a datas. Eu te desejo um feliz dia todos os dias, então o que significa um e-mail de aniversário no grande esquema das coisas, não é mesmo? Em um bom relacionamento as pessoas dão sem pedir, no exato momento da volúpia... I love you, lollipop.

Mas amigo, se nada disso te convenceu, resta dizer que esse ano os astros resolveram inovar e inferno astral agora é coisa do passado, eu estou sofrendo de preguiça astral e a preguiça astral é tão pior. Acredita que eu fiquei três dias – TRÊS DIAS INTEIROS – sem checar meus e-mails uma vezinha só? Amigo, eu não ficava sem ver meus e-mails tanto tempo assim desde 1998. desde 2002 se você contar minha temporada na prisão, mas eu não conto porque foi involuntária. Tudo por pura preguiça. Meu blog está largado às traças e não lembro quando foi a última que passei um pente no cabelo. Preguiça astral, amigo. Preguiça astral.

Te amo do fundo do meu coraçãozinho preguiçoso e sofredor, Foxxy Cleopatra

16.09.05

Quando eu digo que só tem gente louca no mundo ninguém acredita, mas vamos analisar a situação: eu moro em uma pensão. Uma pensão grande, mais ou menos quarenta pessoas. Dessas quarenta, eu conheço e converso com umas dez – as que sempre estão na sala de tv –, e com o resto delas só bom dia/boa tarde na fila do banheiro e olhe lá. Pois bem. Um belo dia eu estava lavando roupa e uma mulher que nunca tinha visto antes passou por mim.

– Oi, Ana Paula. Tudo bem? – perguntou a mulher.

Como você sabe o meu nome e que te importa se eu estou bem?, pensei, enquanto respondia “tudo” com um sorriso meio ressabiado.

Corta para alguns dias depois, agora na sala. Estou assistindo novela e a mesma mulher aparece, dizendo que sonhou comigo.

– Oi?

– É, sonhei que você tinha mudado para o quarto ao lado do meu e fiquei feliz porque ia ter com quem conversar.

– Ah.

–Mas daí eu acordei e vi que tinha sido só um sonho...

–Sei.

Antes de mais nada, por que diabos eu precisaria mudar de quarto para conversar com alguém que mora na mesma casa que eu? Sim, o quarto dela fica no primeiro andar e o meu no terceiro, mas e daí? Dedicar um sonho inteiro para isso me parece um pouco demais. Em segundo lugar, ela é louca, então mesmo que eu mude para *a mesma cama* que ela não vejo nossa amizade florescendo e a conversa fluindo. Mas... você acha que ela é louca só porque te chama pelo nome e sonha com você? Claro. Preciso de mais algum motivo?

Enfim. Depois dessa história do sonho ela passou a me convidar para conversar o tempo todo e eu sempre dei um jeito de escapar, até que ontem a TV da sala pifou e resolvi aceitar o convite para

assistir a novela no quarto do terror. No final das contas nem era tão do terror assim, mais arrumado que o meu (o que não quer dizer muito) e ainda ganhei chá e umas bolachinhas. Chegou o primeiro intervalo e a gente começou a conversa propriamente dita.

–Você tá de olho em alguém da pensão?

–Nems, aqui só tem traste.

Eu sei, eu sei. Amo Naldemar com cada fibra do meu ser, mas não posso sair por aí contando isso para a primeira demente que me leva para o quarto e oferece chá com bolachas. Um passo em falso e minha reputação vai para o ralo.

–É, é mesmo... mas nem achar algum um pouco mais bonito?

–Ah... tem um que acabou de mudar que dá um caldo.

–Quem?

–Sei lá, um meio ruivo.

–O Edson?

–Esse mesmo.

Volta a novela, pausa na conversa. Novo intervalo, ela retoma onde paramos.

–E o Naldy?

–Naldy?

–É, o Naldemar.

Epa!

–É, ele é bonitinho também.

–Você acha?

–Acho. Eu fiquei com ele.

E-PA!

– Hein?

–É, ele me pediu em namoro.

EEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEPA!

–C-como assim?

–Ontem. A gente conversou e ele perguntou se eu queria namorar com ele.

Mas... mas... mas você é louca, eu quis gritar. Você fede! Ela continuou: –Eu disse que só ia namorar se ele mudasse para a minha igreja.

–Você e o Naldemar?

–É.

–O Naldemar e você?

–É... o que tem demais?

–Tem que você é feia como a necessidade, filha.

Ok, essa última parte eu não disse. Seria pesado demais, até para os meus padrões, e inventei uma outra desculpa qualquer para minha expressão de choque e horror. Mas a demente forçadora de amizade que nem sei o nome e o Naldemar? O *meu* Naldemar? Não está certo. Simplesmente não está certo. Desafia a lógica. Outra pessoa poderia até ser, mas não a mais crazy do bairro. Isso é que não.

Resolvi observar ela com cuidado e tirar minhas conclusões antes de chamar Naldemar na chincha. Voltou a novela e a conversa foi colocada novamente em stand-by. No outro intervalo apareceu um anúncio do Big Brother e eu contei que estou pensando em me inscrever para tirar o pé da lama. Ela disse que foi *convidada* para a edição passada, mas acabou não aceitando. Convidada? Para o Big Brother? Sei. Um pouco mais tarde passou um ator da Malhação falando sobre a campanha contra o câncer de mama ou algo do tipo e ela disse que já tinha ficado com ele uma vez. Ficado? com o brotinho da malhação? Sei. E assim foi. Para quem ainda não entendeu, estou tentando insinuar que a Futura Senhora Naldemar é uma mentirosa compulsiva e as chances dele realmente ter pedido ela em namoro são nulas. Podem até ter dado uns pegas, mas pedido de namoro é ruim, mermão.

Ainda vou tirar essa história a limpo com o próprio Naldemar, mas tenho certeza que não procede. Ela é dessas que conta vantagem o tempo todo com coisas que até poderiam ser, mas tá na cara que não são.

Concluindo, digo apenas que sabia que ela era louca desde o primeiro “Oi, Ana Paula”, mas ninguém me ouve.

P.S: Resta saber o que vou fazer agora que Naldemar andou arrastando a asa dele noutra freguesia – ainda por cima feia. Sim, porque dividir homem com uma pessoa bonita é uma coisa, dividir com o cão é outra completamente diferente. Quem pega aquela mulher é capaz de pegar qualquer coisa e eu gostaria de acreditar que não sou qualquer coisa. É o mínimo que posso fazer por mim mesma.

19.09.05

Então eu estava certa, Naldemar não pegou a tal mulher. As palavras exatas foram – abre aspas – *aquela lá? tá me tirando?* – fecha aspas.

Sabe, eu acho que toda grande multinacional deveria me contratar para o serviço de recrutamento e seleção, porque eu simplesmente nunca me engano. Só preciso de cinco minutos de conversa, um perfil do orkut e uma foto de corpo inteiro para analisar uma pessoa com precisão. Às vezes eu me engano um pouco quanto à índole (ver Hernandez;Marília) e uma pessoa que eu considerava legal e confiável na verdade é uma bela bisca, mas qualquer traço psicótico é percebido nos primeiros cinco minutos. Não falha nunca. Quase.

23.09.05

Normalmente eu não era dessas crianças ansiosas e hiperativas que em viagens de carro cutucam os pais a cada segundo perguntando se ainda falta muito para chegar (cinco minutos depois: e agora? ainda falta?), mas uma semana antes do meu aniversário eu me tornava a criança mais insuportável do mundo, completamente embriagada com a sensação de poder que só a

véspera do seu aniversário é capaz de proporcionar. Aquela semana mágica em que tudo é permitido, simplesmente porque ninguém fica de castigo na própria festa (tá na constituição).

Até os dez anos eu tive as melhores festas do colégio. Ok, rolava uma menina milionária que dava Barbies de lembrancinha, mas as melhores festas da categoria classe média com certeza eram as minhas. Acho que eu deveria agradecer à minha madrinha, que além de morar em uma casa com piscina – e o sonho de toda criança é uma madrinha que venha com piscina – sabia organizar um rega-bofe como ninguém. Eu tive festa da Moranguinho, dos Ursinhos Carinhosos, de circo, da Barbie, da Turma da Mônica e uma que não teve tema mas lembro que minha madrinha pintou o rosto de todos meus coleguinhas, tipo Pablo do Qual é a Música. Se não me falha a memória, uns dois dias antes da tal festa dos desenhos no rosto, o filhofofoqueiríssimo da minha madrinha deu com a língua nos dentes e me contou a grande surpresa. É claro que eu fiz uma cena em casa reclamando que minha festa tinha sido estragada agora que eu já sabia o segredo, mas a verdade é que descobrir antecipadamente só aumentou o meu desespero para que a festa chegasse logo. E desde então eu nunca fiquei tão hiperativa e ansiosa quanto hoje.

Weezer amanhã Weezer amanhã Weezer amanhã

A pergunta que todas as crianças descoladas estão se fazendo é: se você fosse Rivers Cuomo e tivesse umas horinhas livres em Curitiba, aonde você iria? Porque eu tenho certeza que ele só precisa encontrar meu olhar para descobrir que fomos feitos um para o outro e sair dessa de meditação e castidade. Mas para você ver como essa vida é engraçada, cá estou eu, pensando em formas de encontrar Rivers Cuomo e quem eu encontro? Zezé di Camargo e Luciano, que também estão vão se apresentar – não no rock festival, obviamente.

25.09.05

“there’s no chance

at all:

we are all trapped

by a singular
fate."

26.09.05

– Amigo, o povo quer saber do Weezer e o povo tem todo direito de saber porque foi o povo que pagou o ingresso, mas rola toda uma vergonha.

– Você não foi?

– Fui, mas saca essa: no lugar errado.

– Amiga...

– No outro lado da cidade.

– E aí, cara?

– E aí que mudaram o lugar do show e nem pra me avisar.

– Cara, eu soube dessa!!!

– Sério?

– Se eu soubesse que você não sabia...

– Certo, só eu não fui avisada então.

– Total, mas e aí?

– Aí que fodeu, porque eu tava com o dinheiro da condução contadinho...

– Ihh, mermão.

– Mas eu ergui a cabeça e fui para o lugar certo, pulando a roleta em todo meu esplendor.

– E aí?

– Aí eu chego no Curitiba Master Hall do demônio após atravessar a cidade inteira e o segurança quer minha identidade, como se uma pessoa que consegue errar o lugar da apresentação fosse sair de casa carregando qualquer tipo de identificação.

– E aí cara, entrou ou não?

– O segurança não queria liberar e eu fiz o que qualquer pessoa madura faria: chorei.

– Eu total teria chorado também...

– Juro que eu nunca chorei tanto na vida... amigo, eu tava soluçando.

– E daí?

– Daí o segurança cantarolou *stop your sobbing now yeah, stop it stop it gotta stop your sobbing now* e me deixou entrar.

– E depois?

– Lá dentro tava delícia, mas era a maior concentração All Star/m² do mundo.

– Eu ouvi que foi super pau molão.

– Amigo, foi tudo.

– Sério, cara?

– E eu assumi uma postura "estou passando meu aniversário sozinha, então vou aproveitar"

– É por isso que eu te amo.

– Me afastei da multidão, Rivers ao longe, cantando suas doces palavras... eu ouvia as musiquinhas, batia palminha. O melhor show que eu já vi.

– Sério?

– Sério, eu super sóbria, super vivendo o momento. Foi lindo.

28.09.05

Às vezes eu tenho a nítida impressão de que sou a última pessoa normal do mundo. Ontem apareceu um rato na sala e enquanto eu saí gritando por socorro o resto do povo continuou sentado, discutindo se era um rato ou um camundongo. Existe alguma diferença, meu deus? Ok, camundongos usam luvinhas brancas e cantarolam músicas infantis e ratazanas vivem no esgoto e transformam tartarugas mutantes em justiceiras, mas quem se

importa? Em um mundo normal, em um mundo *sadio*, você não fica sentado no sofá como se nada estivesse acontecendo. Você corre pela sua vida. O foda é que agora eu nunca mais vou conseguir assistir televisão em paz, o medo de um novo rato vai ficar para sempre. E sei lá, acho que não é a ideia de dividir a casa com um rato que me incomoda, mas ele andando pela sala enquanto eu vejo a novela. Eu posso viver com milhares de ratos, desde que eles não apareçam na minha frente. Coexistência pacífica, sabe?

29.09.05

Eu ia mudar de pensão – você sabe, por causa do rato – mas me deu preguiça e a preguiça sempre vence o nojo. Sem contar que ir atrás de pensão é a pior atividade do mundo. Se é verdade aquela história de que o inferno é personalizado para cada um, eu vou passar a eternidade com um jornalzinho de imóveis na mão, indo de espelunca em espelunca. Mas devo admitir que com o passar dos anos eu estou me aprimorando e aprendi algumas regras básicas.

Regra #1: O banheiro.

Preste muita atenção no banheiro, teste o chuveiro, faça perguntas e analise a força da descarga, porque depois não adianta chorar e pedir dinheiro de volta. Minha primeira pensão tinha um timer no chuveiro que só permitia sete minutos de banho e fui descobrir isso apenas depois de feita a mudança. Teve também a Dona Nena, que não dava limite de tempo, mas tinha hora certa e não podia trancar a porta. Você lá, ensaboando o cabelo, e entrava alguém para dar uma cagadinha. Por isso que eu sempre digo: banheiro. Descubra tudo sobre o banheiro antes de se mudar. O banheiro errado pode transformar sua vida em um inferno.

A regra #2 também é muito importante: O dono.

Analise muito bem o dono da pensão, seus hábitos e crenças, para não se arrepender mais tarde. O dono ideal não mora na pensão, tem vida própria, é católico não praticante e saudavelmente indiferente. Fuja – FUJA! – de senhoras viúvas que alugam quartos na própria casa. Se for gorda, pior ainda. Ok, eu sei que isso não é

muito gentil da minha parte, principalmente porque eu sou gorda e tals, mas ano passado eu aluguei um quarto em São Paulo e a dona da casa me fazia amarrar os sapatos dela e abotoar seu sutiã quase todo dia. Eu abotoava, coitada, mas ela não parava por aí. Controlava minha alimentação (miojo de novo?), meus horários (saiu mais cedo?) e minhas roupas (sandália com esse frio?). Nada muito grave, mas enche um pouco o saco. Dona boa era a dona da pensão em Uberlândia, que até deixava a gente dar umas festinhas e emprestava a churrasqueira. Ah, outra coisa importante é optar sempre por pensões mistas, porque esse negócio de só mulher ou só homem sempre dá merda. Não é cientificamente comprovado nem nada disso, mas eu sei do que estou falando.

3.10.05

Naldemar já era. Arrumou um fiador e mudou para um apartamento no centro. Deixou saudade, mas a vida continua e ontem surgiu um novo rapaz para fisgar meu coração. Sentou para assistir Domingão do Faustão comigo e tudo ia bem até que começaram as videocassetadas e ele riu. Tá, todo mundo já riu com uma gorda escorregando ou um pai desavisado levando uma bolada do filho sapeca, mas o cara riu de verdade. Riu com gosto. A risada dele dava impressão de que as videocassetadas são o ponto alto da semana dele. Que aos domingos ele acorda pensando “puxa, que legal, hoje é dia de videocassetadas do Faustão”. Não deu. Não vai dar. Gostar das videocassetadas vai além do que eu posso suportar.

Volta, Naldemar.

10.10.05

Uma coisa deve ser dita sobre a vida em pensionatos, principalmente os baratos: tem sempre alguma coisa acontecendo.

Sexta-feira, por exemplo, o circo pegou fogo. Dois caras foram tomar uma cervejinha no boteco da esquina e lá pelas tantas um deles já estava no grau e quebrou uma garrafa no chão. Nisso o dono do bar já estava indo limpar a bagunça quando o outro cara

disse que quem sujou que limpe e deu o rodo para o cara que quebrou a garrafa. O cara limpou direitinho, mas quando terminou o serviço foi até o sujeito que tinha mandado ele limpar e falou que agora ele podia enfiar o rodinho no cu.

VIXE.

Foram no empurra-empurra até a pensão e chegando lá conseguiram arrancar a porta de uma das geladeiras fora. Quando apartaram os dois, o que tinha mandado enfiar o rodo no cu foi dar uma volta para “esfriar a cabeça” e voltou duas horas da manhã, mais arrebentado do que antes da briga. Dizem que a polícia pegou ele perto da arena e “deu um corretivo”. Desnecessário dizer que hoje os dois foram expulsos da pensão. Suspiro. Vão deixar saudades.

19.10.05

Se eu tivesse uma agenda, anotaria nela que dia 28 a numeróloga irmã do Gugu, Aparecida Liberato, estará na Livraria Curitiba para o lançamento do livro A Energia Que Vem do Seu Nome. E isso, senhoras e senhores, é o acontecimento mais interessante marcado para os próximos dias.

25.10.05

Eu queria tanto ser uma pessoa boa, dessas que se emocionam com trabalho social, mas a única coisa que passou pela minha cabeça quando descobri que minha mãe agora é voluntária em um asilo foi que ela realmente deve estar entediada para fazer uma coisa dessas. Sem contar que também fiquei um pouco puta, porque se for para fazer caridade olha nóis aqui na fila do sopão. Mas não deixa de ser um pouco triste - Você trabalha a vida inteira sonhando com o dia da aposentadoria e quando ela chega você não consegue pensar em nada mais divertido que o Lar dos Velhinhos.

[Acabei de pensar em uma coisa: adoção pode ser considerada uma ação social? Porque se for, eu não passo de um grande projeto de caridade que deu errado.]

31.10.05

To: Didi

Amigo, antes de mais nada, você me ligou sábado? Disseram que foi um rapaz e deus sabe que você é o único rapaz na minha vida. Em segundo lugar, cadê a justiça do mundo? Por que você não estava comigo na sessão de autógrafos da Aparecida Liberato para segurar minha mão? Mas não importa, Aparecida é luz. Cinco minutos de conversa com ela e sua vida começa a fazer sentido. Tudo se encaixa, amigo. Eu sou um número 1 ambulante. A energia do nascimento é um, do nome é um, de alma é um, do destino é um... e você sabe qual a energia do número um? Das pessoas independentes, que querem fazer tudo sozinhas, que devem aprender a controlar o egoísmo e deixar de lado a preguiça. Is Ana Paula in da house? Pessoas presunçosas e arrogantes que não gostam de receber ordens... uh, alguém me chamou? Amigo, Aparecida Liberato usou as seguintes palavras: pessoas com a energia 1 tão forte como a sua costumam sair cedo de casa para desbravar o mundo. Amigo, nessa hora eu quase levantei e comecei a cantar *minha vida é andar por esse país, pra ver se um dia eu descanso feliz...* Numerologia é uma ciência exata. É tão reconfortante saber que existe uma explicação científica para o meu comportamento.

9.11.05

– Cara, tenho uma ótima pra te contar em primeira mão.

– Diga

– Ontem uma vizinha minha disse que precisava conversar comigo...

– Quem? A louca que “ficou” com o Naldemar?

– Não, outra. Enfim, eu digo “fala” e ela diz “sabe o cara do quarto ao lado do seu?” e eu “quem, o viadinho de cabelo enrolado que ouve Celine Dion a noite inteira?” e ela responde “não, do outro

lado, o que tá sempre de boné” e eu “ah, sei. que tem ele?” e ela “ele mandou perguntar se você quer ficar com ele”.

– Quantos anos ele tem, 12?

– Foi exatamente isso que eu respondi, “quantos anos ele tem, 12?” e ela “não, 23” e eu “então tá então” e ela “o que eu falo pra ele?” e eu “fala que a gente se encontra na hora do recreio atrás da cantina...”

–Hahaha

–E ela “hein?”

–Não deve ter entendido a piada.

–Óbvio. E eu “meu, fala pra ele crescer e vir falar comigo...” e ela “ah, tá” e tipos, tá preparada para o melhor da história?

–Ainda tem algo melhor??

–Claro, adivinha o nome do meu admirador.

–Sei lá...

–CLODOALDO. Obrigada e volte sempre.

E agora você me pergunta se Clodoaldo, apesar de chamar Clodoaldo e ter 12 anos, é pegável e eu respondo: nems. Quer dizer, ele é tipo camarão, joga a cabeça fora e aproveita o resto, mas chamando Clodoaldo e mandando recadinho ele podia ser o David Beckham que eu não pegava. Chega um dia em que a gente precisa estabelecer alguns limites. Clodoaldo. Sempre de boné. Não, não dá. Limites, Ana Paula. Limites.

22.11.05

Estava vendo uma reportagem sobre brasileiros que driblaram as dificuldades e eu adoro esse tipo de coisa. Pessoas que trabalhavam na roça e hoje ganham milhões me fascinam e eu fico sonhando com o grande dia em que eu vou largar a miséria e construir um império. O problema é que se você prestar bastante atenção no que esses vencedores têm a dizer, você percebe que eles trabalharam um bocado para chegar até aqui e trabalhar não é

muito a minha praia. Eu queria algo um pouco mais rápido, um pouco mais prático. Vencer na vida vendendo Avon, por exemplo. Em vez de passar anos vendendo creminho para as amigas, juntar uma grana e abrir uma fábrica de cosméticos multimilionária, eu adoraria bater na porta de alguém logo no primeiro dia de trabalho e a pessoa dizer: rápido, qual o seu nome? eu estou morrendo, preciso acabar meu testamento e não tenho ninguém para deixar minha fortuna.

Soletro b-a-r-b-i, herdo os milhões e pronto! Fiz fortuna vendendo Avon. Mas não, a vida não funciona assim.

2.12.05

Vão me chamar de mentirosa mas eu juro que é verdade e na pensão não se fala em outra coisa: quase ninguém sabia que a menina do quarto 8 estava grávida, até que ontem ela tomou um remédio para abortar e foi um deus-nos-acuda. Não sei se você já viu alguém abortando, mas sai um bocado de sangue. Além do sangue também sai a criança, e como ela estava grávida de cinco meses o bebê saiu vivo da silva. Quer dizer, mais ou menos, porque com cinco meses o feto ainda não está completamente formado e é incrivelmente pequeno, mas mesmo assim. Tá chorando, tá vivo. Nisso a mãe estava quase morrendo e a gente estudando como ia fazer para descer com ela pela escadinha minúscula do corredor quando alguém pediu uma tesoura. Corri para pegar a minha e quando vi estavam cortando o cordão umbilical com ela. Confesso que se eu soubesse que era para isso que eles queriam não teria emprestado, mas agora já foi. Enrolaram a criança em um edredom, a mulher em outro e chamaram uma ambulância. O caminho do quarto dela até a rua tá que é só sangue e a pensão está em polvorosa. Uns com pena da mãe, outros com pena da criança e alguns – eu – sem opinião formada. Eu nunca tinha parado para pensar muito sobre aborto, cada um com o seu cada um, mas depois do que eu vi ontem fica meio difícil continuar indiferente. É assustador.

5.12.05

Durante o final de semana só se falou no aborto e se a criança vai sobreviver ou não. Até sábado parecia que sim, agora já parece que não. Os médicos disseram que não existe risco de sequela neurológica, mas o problema é que o pulmão não está funcionando direito. Eu não sou exatamente o que as pessoas chamariam de sensível, mas é de partir o coração aqueles bracinhos da grossura do meu dedo e ver a costelinha subindo e descendo o tempo todo fazendo força para respirar. A mãe já voltou para a pensão e ostracismo é a palavra. Tinha até um grupinho agitando um linchamento, mas não deu certo. O pessoal da assistência social apareceu por lá para fazer umas perguntas e tentar descobrir se alguém ajudou ela a tomar o citotec porque aborto é crime e vão abrir inquérito para apurar responsabilidades. Sem contar que ela perdeu qualquer direito sobre a criança, que, saindo do hospital, vai direto para um abrigo. Já rola uma penca de gente querendo adotar a menina – inclusive a dona da pensão – mas burocracia é um problema. Isso também me parte o coração porque, veja bem, eu sou adotada. Eu poderia ter sido abortada. Eu poderia ter os bracinhos da grossura de um dedo e sequelas neurológicas, mas não gosto de pensar nisso. Nunca acaba bem.

6.12.05

Fui pedir um cartão novo no banco mas não consegui porque meu saldo é de quarenta centavos e a segunda via do cartão custa quinze reais. Mas moça, eu preciso de um novo cartão – disse eu. Por quê? – perguntou a gerente. Como assim por quê? – respondi. Por que uma pessoa que só tem quarenta centavos precisa de um cartão? – disse ela.

Excelente pergunta.

8.12.05

Ontem a criança morreu e a mãe só se deu ao trabalho de dizer *e eu com isso?* E ela está certa, né? Isso tudo só aconteceu porque

ela queria que a criança morresse, então por que ela deveria se importar agora que finalmente aconteceu?

14.12.05

– Poodle

– Gata

– Cara, me ouve

– Falae

– Liguei para mamãe e ela teve a PACHORRA de dizer que estava atrasada para ir trabalhar no asilo – Hahahahaha

– E ainda teve a AUDÁCIA de dizer que a vida dos pobres velhinhos é muito triste, que eles são muito carentes, que a família largou eles lá e não quer nem saber...

– Hahaha

– E eu, nossa, onde já ouvi essa história antes? Ela toda preocupada em entreter um bando de velhinhos com artrite e nem pra perguntar se eu vou ter um panetone nesse natal – Amiga, eu nunca sinto falta do panetone. Panetone é a pior comida já inventada...

– Eu também detesto, mas é pelo princípio da coisa. Panetone no natal é tipo um direito cívico, é o termômetro da situação social do cidadão – Verdade, mas eu ainda prefiro comer meu próprio vômito do que frutas cristalizadas – Total

16.12.05

Dizem que ler horóscopo antigo dá azar, mas esse ano já foi tão ruim mesmo que eu decidi comparar as previsões astrológicas com a realidade e avaliar a precisão dos astros.

Janeiro – Fevereiro: Previsão: Use suas habilidades diplomáticas a seu favor, libriano. Seu charme e sua inteligência podem persuadir até mesmo as personalidades mais difíceis.

O que realmente aconteceu: Fiquei sem-teto em Uberlândia e peguei piolho no abrigo. A situação só melhorou após uma operação de guerra para convencer minha mãe a me ajudar, mas acho que o lance de “personalidades mais difíceis” era sobre os piolhos mesmo.

Avaliação Geral: Nota 7, faltou especificar quem foi persuadido.

Março – Abril: Previsão: Criatividade em alta, ótima fase para resolver assuntos domésticos. Coração em alta com a chegada de um novo amor.

O que realmente aconteceu: Um temporal alagou meu quarto e estragou metade dos meus CDs. Resolvi esse assunto doméstico mudando para uma pensão administrada por uma travesti chamada Brenda. O novo papa foi eleito mas meu coração não ficou em festa com isso.

Avaliação Geral: Nota 3, minha criatividade realmente estava em alta.

Maio – Junho Previsão: Amplie seus horizontes mas mantenha a cautela. Alguém do seu círculo social vai mexer com as suas emoções. Sintonia com os amigos.

O que realmente aconteceu: Desencanei de Uberlândia e vim para Curitiba de carona = falta de cautela. Fui passada para trás pela dona da pensão e dormi três dias na rua = emoções mexidas. Doações de amigos salvaram minha vida = sintonia.

Avaliação Geral: nota 10, Nostradamus não faria melhor.

Julho – Agosto: Previsão: Início de uma nova etapa, não lhe faltará energia física e mental. Aproveite sua coragem mas diminua a possessividade no namoro.

O que realmente aconteceu: Que energia? Que coragem? QUE NAMORO, meu Deus?

Avaliação Geral: nota zero, pura balela.

Setembro – Outubro: Previsão: Alta energética e renovação no período do aniversário. Expansão no âmbito prático, sucesso na paquera.

O que realmente aconteceu: não entendi essa de expansão no âmbito prático mas meu aniversário no show do Weezer foi altamente energético e eu posso jurar que Rivers Cuomo deu uma piscadinha para mim, o que decididamente é um sucesso na paquera.

Avaliação Geral: Nota 8, mané expansão e renovação.

Novembro – Dezembro: Previsão: Aceite as propostas e convites feitos pela pessoa amada. Quem está só pode conhecer gente de qualidade ou pessoas ligadas às leis.

O que realmente aconteceu: Gente de qualidade? Pessoas ligadas às leis? Só se as pessoas ligadas às leis aparecerem para me prender por causa da gente de qualidade. Daí eu corro.

Avaliação Geral: Ainda não acabou mas, a não ser que Benjamin Scott Folds apareça na minha porta na noite de natal, Dezembro tem tudo para ser uma bosta bem grande.

19.12.05

O Didi acha que não devo sair por aí espalhando a notícia porque tem gente que quer ver o meu mal custe o que custar e não tem fitinha vermelha da cabala que vá me proteger da queda do cavalo, mas eu conto mesmo assim: em Janeiro eu vou me mudar para Salvador. Vou me jogar no acarajé e um dia você vai ler na Caras: *A vida não parecia fácil para Ana Paula Barbi em sua mocidade. "Comi o pão que o diabo amassou, até conhecer a Bahia." Sábia decisão. Mãe Paula do Afoxé, como atualmente é conhecida por essas bandas, é dona de três grandes resorts e é quem manda e desmanda no turismo da região. "Ela é o Don Corleone do agreste!", revela João Ubaldo Ribeiro, amigo íntimo.*

Suspiro. Mas até isso acontecer vai levar tempo e, nesse caso, tempo realmente é dinheiro. Nos últimos meses eu consegui poupar apenas cinquenta reais e não estou numas de começar o ano pegando carona e virando sem-teto de novo. É aí que entra a fraternidade, a mensagem de Jesus e você.

Pausa para que você diga “oh não, ela não vai ficar mendigando no blog outra vez” porque, oh sim, eu vou. Mas veja bem: é nataaaaal. Ninguém me ama. Pegar carona é perigoso, eu quase morri e fui violentada na última vez. Não é legal. E pensa comigo: você nunca teve vontade de largar tudo? Então. Eu faço isso por todos nós.

E para provar que a fraternidade realmente está no ar e que giving is the new taking, foi criado o **Paulinha Aid**. No Live Aid, músicos do mundo todo se juntaram pela África; no Paulinha Aid, pessoas vão se unir por um ideal maior: minha mudança para Salvador. Nada de grandes fortunas, apenas uma graninha para a passagem, uma mochila nova e essas coisas. De amanhã em diante os posts desse blog serão escritos apenas por pessoas envolvidas nesse lindo projeto, começando pelo Didi.

você também pode ajudar enviando qualquer quantia para: Caixa Econômica Federal

Agência: 0377

Conta: 2294-5

20.12.05.

Feed Polly – Let her know it’s christmas time by Didi F.

A Polly comeu o pão que o diabo amassou com o cu esse ano. E eu sempre acredito que depois da tempestade vem o arco-íris, então demorou que 2006 vai ser puro arco-íris. E quer local mais colorido que a Bahia??? Ô povinho colorido viu. Olha, eu nunca fui na Bahia, quer dizer até fui, quando eu tinha uns cinco anos de idade, e com cinco anos você toma Toddynho e o Toddynho da Bahia é outro. Se bem que... Eu já conferi o Toddynho da Bahia antes e cara, que Toddynho. Eu estava em Portugal no verão de 2003 e nisso tinha

um baiano que era salva-vidas e rolava toda uma cumplicidade entre nós e... Enfim, aquele Toddynho foi o suficiente para me causar uma boa impressão da Bahia. Toda cor tem, sim, uma luz uma certa magia.

Mas para ir para a Bahia e deleitar vocês, leitores, com posts regados no tempero de dendê, a Polly precisa de dinheiro e sabe, ela não tá matando, não tá roubando, ela só quer uma ajudinha, um capital inicial, depois de tanto sofrer e manter a dignidade, o bom humor e a maquiagem.

A Bahia tem o maior índice de desemprego do país??? Até aí Curitiba é cidade modelo e São Paulo oferece emprego até para imigrantes ilegais da Colômbia e pergunta no que isso adiantou. A Polly precisa é ir para um lugar onde ela esteja na mesma frequência cósmica do local. E cara, quer pessoa com maior índice de desemprego do que a Polly? Cara, Bahia + Polly = Tudo a ver.

.

Paulinha Aid by Randall Neto Paulinha Aid, porque melhorando seu jardim, você não está ajudando o mundo, está virando veado e não percebeu. ok, você é veado, legal para você, mas jardim? Gérberas, bromélias e begônias, assim como as rosas do Cartola, não falam. Nem bebem, vão na FunHouse, esculacham pessoas sem carisma, trocam Yodas por cervejas, ou perguntam para o Rafa da MTV se ele acha que o que faz é certo.

Polly faz isso! Agora ela quer a Bahia, e eu não posso evitar, apenas ajudar como eu posso. Posso também contribuir com uma mochila nova, aí só faltam mesmo os 17 dólares dos Sonhos de Bunker Hill para quando ela descer do bumba na capital do acarajé. Ofereci uma recompensa de um milhão de dólares para ela matar o Carlito Marón e a Ivete, mas apesar de toda a fúria contida que nem dez Uma Thurmans conseguiriam personificar, ela não faria mal a uma mosca.

Tudo o que eu queria é que ela me achasse fofinho. Ela disse que eu não sou, eu disse que perguntaria isso no blog e ela disse que as pessoas diriam que eu sou por educação e polidez, mas eu não era,

de jeito nenhum. E que me resolvesse com isso! O que gera uma certa contradição com a vez em que ela sonhou comigo e eu estava extremamente comível, mas só por cinco minutos. Depois esclareceu que foram realmente só cinco minutos, que eu superasse. Era para falar dela e eu falo de mim, isso sou eu, megalomaníaco, comível por cinco minutos (mas durante os cinco minutos, extremamente comível) e, definitivamente, não-fofinho.

Algumas coisas ela tinha razão, como a Irlanda e Rent. Outras eu acho que não tinha, só não me lembro agora dos exemplos.

Quando foi para a terra dos São BemTanços, quis gritar “Randaaaaaall” quando parou na rodoviária de Sorocaba. Fez o Hakka com uns Kiwis num Pub de Buenos Aires, mas nessa hora não acho que lembrou de mim... e agora vai para a Bahia, de todos os santos, quebrar o pau oco de um por um e fundar sua própria seita, cujo ato mais simbólico será a Lavagem dos Sapatos de Polly do Afoxé de Oxossi do Kabuletê.

.

Paulinha Aid. Quem ganha o presente é você.

by Ale Siedschlag Seguinte. Provavelmente você está na mesma situação que eu, caro leitor. É bem possível que você leia os textos de Polly há mais de um ano. Também acredito que adore e volte sempre aqui. Agora, provável provável meeesmo é que você nunca a tenha visto, assim, em carne e osso – como eu jamais a vi.

Acho que chegou a nossa chance. Ajudar a campanha Paulinha Aid é muito mais um ato egoísta do que altruísta. Sim, eu PRECISO saber se a Polly é de verdade, cara.

Sei que indo à Bahia, tal qual Zé Carioca, ela vai passar por aqui, São Paulo, e também pelo Rio de Janeiro. Ou seja, leitores do Sudeste poderão ver Polly pessoalmente.

Depois, será a vez da Bahia. Leitores do estado acarejístico e adjacências terão sua vez de atestar a veracidade da dona deste blog.

Juro, não sei vocês, mas não perco essa chance por nada deste mundo.

Paulinha Aid – não é aniversário das Casas Bahia, mas quem ganha presente é você!

.

Por que ajudar a Polly?

by Nadja Grecov Por que ajudar a Polly? Porque se você está lendo isso é porque você lê o blog dela. E se você lê o blog dela é porque gosta. E se você gosta é porque você se dá conta da genialidade desta meninota.

Apesar de tão genial, por essas coisas da vida Polly provavelmente não comerá panetone neste natal. Sim, sabemos que um dia ela comerá panetone e peru e rabanada e caviar e tudo por seus próprios méritos, mas esse momento ainda não chegou e, por isso, poderíamos aproveitar o espírito natalino e fazer uma doação ao Paulinha Aid. É fácil, rápido, barato e com certeza o papai do céu vai ver este lindo ato, o que aumenta suas chances de ir para o céu depois que partir desta para melhor.

Vamos deixar a avareza de lado, minha gente.

.

I'm looking for something to believe by Marina Remy Quando eu recebi o convite para participar do Paulinha Aid eu realmente me senti privilegiada por poder ajudar tão boa causa. Mas aí eu pensei que arrecadando dinheiro para a passagem ela deixaria de contar as melhores histórias do mundo sobre como é divertido pegar carona com caminhoneiros cheios de rebite e amor para dar. Então, na verdade, meu plano era para ser um boicote.

O problema é que é véspera de Natal, a festa cristã do velho e do novo, e a dona desse blog já sobreviveu pegando carona uma vez, com certeza o raio não vai cair novamente no mesmo lugar, e em vez de nós termos posts hilários sobre o dia a dia dos caminhoneiros, não teremos mais nada. A não ser que algum leitor desse blog seja parente do Chico Xavier.

Agora, pensem comigo: se Polly chegar à Bahia ela não estará somente em mais um estado brasileiro, ela estará no berço do Olodum. Cara, se o Olodum foi bom para o Michael Jackson, pense só a benção que será para a dona desse blog. Eu dou meu braço se em menos de um mês ela não vira madrinha de bateria do Olodum.

E a Polly poderia aceitar a proposta milionária da UOL e vender esse blog, e vocês só iriam ler isso aqui com senha. E pirata, porque ninguém de bom-senso assina UOL. Mas não, ela é uma artista de vanguarda, que não está pedindo muito, só uns trocados para não ser esfaqueada em qualquer BR por aí.

Então, vamos lá, abram seus corações e a carteira, e contribuam. Pedir não é vergonha. E quem dá aos pobres empresta a Deus.

.

Paulinha Aid by Kako Pensei muito no que escrever, li os textos do resto do pessoal e, bah, nem chance de algo próximo. Resolvi então falar de uma coisa que muita gente não acredita: sim, a Polly é real. Sim, ela é assim mesmo.

Conheci ela quando ela chegou aqui em Curitiba – contrariando meus conselhos, pois eu sabia que ela ia odiar esse lugar. Acompanhei os primeiros dias aqui pelo blog, me sentindo meio culpado por não dar uma força com ela aqui tão perto; mas eram tempos difíceis, eu estava tentando consertar umas coisas que não tinham conserto mesmo, e fiquei na minha. Mas quando li que ela não tinha uns míseros trocos para tirar as malas da rodoviária, e não trocava de roupas fazia dias, não teve jeito. Combinei por e-mail e fui resgatar ela lá na biblioteca.

Então, desmentido de “lenda” nº 1: ela não exagera no que escreve aqui.

Como ela é? Eu esperava uma menina meio revoltada, bradando contra o mundo, e me deparei com uma figura com voz doce, a maior cara de boazinha. Pensei que ela tinha mandado alguma conhecida no lugar dela, só para me sacanear. Mas bastou uma frase com suas famosas “quem-eu-jogaria-de-um-precipício”, além de ela falar exatamente como escreve aqui, para matar a dúvida.

Resgatamos as malas na rodoviária e fomos almoçar, pois ela andava vivendo com bolachas do Carrefour. Não pagas, por sinal. Para piorar o choque cultural, levei ela no Shopping Muller, quando provavelmente ela queria mesmo era um rango no Bife Sujo. Ficamos conversando um tempo, depois levei ela para o abrigo onde estava.

E nunca mais nos falamos, a não ser por e-mail. Mesmo estando na mesma cidade. Shame on me.

Sempre achei incrível ela ler o que eu escrevo, ou mesmo me considerar um amigo. Temos muito pouco, ou nada, a ver, desde a vida em geral até o talento para escrever. Mas não dá para não ficar lisonjeado com o apreço de alguém que devia estar no lugar do Mainardi na Veja. Apreço de neurônios privilegiados.

Portanto, colaborem.

Ajudem ela a ir para algum lugar onde exista sol, gente simpática, e amigos de verdade, que deem a atenção que Polly merece. Afastem ela de gente como eu, que merecia uma daquelas figurinhas de carteira de cigarro. Eu vou dar a minha contribuição – além do prêmio de visitante nº 10.000 do meu blog, que é dela. E espero ter que mandar o prêmio para Salvador.

21.12.05

Agora eu sei como o Bob Geldof deve ter se sentido quando acordou depois do Live Aid e percebeu que, ei, as crianças na África ainda estão com fome. Minha conta bancária continua na casa dos centavos, mas tudo bem. De verdade. Porque veja só: o que está em jogo aqui é minha ida para Salvador e mesmo que isso tudo seja um fracasso e eu não consiga um tostão sequer, Salvador aqui vou eu! Falta de dinheiro nunca me impediu de fazer alguma coisa, não é agora que vai começar. Para tudo dá-se um jeito. Nem sempre um jeito honesto, mas ainda assim um jeito. Na pior das hipóteses eu coloco meus trapinhos numa sacola de supermercado, pego uma carona na BR-116 e vou com Deus, ao som de Roberta Miranda no aconchego de um caminhão qualquer. Tá certo que eu quase morri

a última vez que fiz isso, mas vamos deixar esse detalher de lado e responder a coleção das perguntas feitas com mais frequência para ver se a coisa deslancha.

Paulinha Aid – FAQ (frequently asked questions) 1. Como eu faço para ajudar?

É só depositar um trocadinho na minha poupança – sem trocadilho.

2. Porra, pegar fila de banco?

Geeeente, imagina! Fila para fazer depósito é coisa do passado, a moda agora é depositar pelado... é só ir no caixa eletrônico, pegar um envelopinho, botar cinco reaizinhos, fechar, apertar meia dúzia de teclas e voilá! Nem dá tempo de fazer um miojo, em menos de três minutos tá feito o depósito. Sem contar que nem no banco você precisa ir, a Caixa é banco de pobre então também dá para depositar em qualquer lotérica.

3. Mas você só aceita ajuda financeira?

Claro que não, uma palavra amiga é sempre bem recebida. Inclusive, se alguém quiser me ligar para desejar feliz natal eu agradeço. É só me pedir o número por e-mail. Mas cinco reais não matam ninguém, eu tô pedindo, não tô roubando. O décimo terceiro salário foi criado justamente para ajudar na caixinha dos menos favorecidos. Vai dar um troquinho para o porteiro do prédio que te ajudou com os pacotes o ano todo? Não custa nada também ajudar quem proporcionou um *blog dessa qualidade* o ano todo.

4. Mas... por que você fica se aventurando por aí?

Permita-me responder com um trecho de Ardil 22, meu livro favorito:

> –Para onde você vai? – indagou o Major Danby, apreensivo, assim que o capelão saiu do quarto. – o que pretende fazer?
>
> –Vou escapar – anunciou Yossarian, esfuziante, começando a desabotoar o paletó do pijama.
>
> –Oh, não! – gemeu o Major Danby, começando a passar as duas mãos pelo rosto suado. – Você não pode escapar. Para onde poderia ir?

–Para a Suécia.

–Para a Suécia? – repetiu o Major Danby, atônito. – Não, Yossarian, não vá. Você nunca chegaria lá. não tem condições de escapar para a Suécia. Não sabe nem remar!

–Mas posso chegar até Roma se você ficar de boca fechada enquanto eu sair daqui e me der uma chance de arrumar uma carona. Fará isso por mim?

–Mas eles o encontrarão e o trarão de volta, punindo-o ainda mais severamente.– argumentou o Major Danby, desesperado.

–Desta vez eles terão de dar tudo para me apanhar.

–E eles darão tudo para encontrá-lo! E mesmo que não consigam, Yossarian, que espécie de vida você irá levar? Estará sempre sozinho. Nunca terá ninguém a seu lado e está sempre correndo o risco de uma traição.

–É exatamente assim que eu vivo agora.

–Mas você não pode virar as costas a todas as suas responsabilidades e fugir delas – insistiu o Major Danby. – É uma atitude negativa. É escapismo.

Yossarian riu alegremente e sacudiu a cabeça.

–Não estou correndo das minhas responsabilidades e sim ao encontro delas. Não há nada de negativo em escapar para salvar a minha vida.

E se Ardil 22 não te convenceu, nada mais convence.

São Paulo

21.12.05

O problema é que eu não sou uma boa pessoa, então em vez de agradecer que escapei de um natal abandonada eu prefiro tirar sarro de velhinhos que vão passar a ceia brindando com seus amigos imaginários. Na verdade, eu estou elaborando uma teoria sobre a influência da noite de natal no resto do ano. Quer dizer, não é bem uma teoria, mas lembrei que o natal do ano retrasado eu passei com minha mãe em Santos, convencendo ela a pagar meu "*curso de espanhol*" em Buenos Aires. Daí ano passado eu estava em Goiânia com a Marina, contando sobre meu sonho de *"passar no vestibular de medicina"*. Esse ano eu vou tentar um natal honesto e quem sabe os anjos do senhor resolvem me recompensar. Comecei o dia assistindo Sarah Jessica Parker no Actor's Studio, então vai ver esse lance de não mentir durante o natal até que vale a pena.

28.12.05

Eu não sou besta de dizer que odeio internet porque cuspir no prato que comeu é muito feio e se você sumir com meu e-mail e meu msn eu provavelmente pego uma faquinha de manteiga e me mato, mas a web é o celeiro dos mal-entendidos, então é melhor tentar explicar meus últimos dias antes de contar sobre meu novo cabelo e o dia surreal que levou até ele ou todo mundo vai pensar que o Paulinha Aid foi uma farsa e isso não é bom porque eu ainda preciso do dinheirinho da passagem. Aos que já colaboraram, obrigada. Aos preguiçosos, a campanha será prolongada para sua maior comodidade.

Enfim. Eu já tinha aceitado a ideia de passar o natal sozinha, quando começou a tocar "Someday I'll be Saturday Night" no rádio e eu pensei, você sabe de uma coisa? Bon Jovi tá certo, yeah I'm down but I know I'll get by, então piroca na solidão que eu vou é para São Paulo.

(Eu só queria abrir um parênteses e dizer que piroca é o novo de cu é rola. Ex.: solidão de cu é rola = piroca na solidão.) Mas voltando à vaca fria, você deve estar pensando – e foi para São Paulo como, piranha? E eu digo que todas minhas despesas foram pagas pela Alessandra, autora do terceiro post do Paulinha Aid – aquela que queria saber se eu era de verdade mesmo ou não. E, para a tristeza dela, eu sou e custo caro, então estou na casa dela desde sexta-feira, chupinhando e desossando, porque além de ser ótima ela também tem amigos ótimos, do tipo que resolve tatuar os outros no almoço de natal.

Nisso geral decidiu que eu precisava de um extreme makeover e fomos para o dia de princesa no Jacques Janine. Convidado especial: Didi, que veio apenas para o evento mágico. E cara, foi realmente muito mágico mesmo, porque não é todo dia que a maior perua do mundo resolve contar histórias do terraço Daslu enquanto você faz uma escova progressiva e pinta o cabelo de vermelho. E quando eu digo perua você pensa que entende, mas não. Ela mandou comprarem champanhe e chocolate. Tipo, ela estalou o dedinho à la Karen Walker e pediu para uma das manicures ir comprar Chandon. E como eu e Didi somos a definição de chupim, matamos mais da metade da garrafa sozinhos e fomos embora melhores amigos da perua, dando beijinho, tirando foto e desejando boas entradas.

Depois disso a gente foi dar uma cantadinha no karaokê, com direito a surtada minha deixando o palco em protesto durante Daughter, e no final paramos para a saideira num botequinho fuleiro. No tal boteco viramos Laura e Larissa e conversamos com um geógrafo bem totosinho e um poeta marginal que conheceu Raul Seixas, Elis Regina e, apesar de não ter conhecido Jesus, era amigo pessoal de Mateus e Maria Madalena. A saideira acabou se estendendo e quando o bar fechou o dono disse que a gente podia tomar a saideira da saideira nos fundos do lugar. Opa, maravilha, pega copo aqui, garrafa ali e... Hein? Um cassino clandestino? Yeah, um cassino clandestino. Então veja bem, eu, Lele, um poeta marginal e um geógrafo sentados no cassino clandestino tomando a última

cerveja da noite quando o poeta tira um livro do bolso e pede para que Alessandra faça uma leitura dramática. Nisso eu começo a beijar o geógrafo para abafar o riso e ele me convida para a casa dele com a frase “eu moro com meu pai mas tenho meu próprio quarto”. Nossa, garanhão. Uau! Seu próprio quarto? Eu realmente sou uma garota de sorte. Alessandra devolve o livro com a frase “nossa, eu queria ter escrito isso...” e a gente vai embora antes que a polícia federal apareça para fechar o lugar.

Fim.

Então sabe, eu estou me divertindo um bocado, mas o ano-novo ainda é um mistério. Preciso voltar para Curitiba, mas não quero passar o réveillon lá. Preciso de dinheiro para Salvador, preciso esperar três dias para lavar o cabelo por causa da escova progressiva.

Preciso de tanta coisa.

31.12.05

Então chegou o último dia do ano, o último post do ano. Que seja feliz quem souber o que é o bem. Meu horóscopo para hoje diz que se eu tivesse pedido ao Olimpo, não teria um dia tão perfeito e que os deuses conspiram para que todos os níveis de concretizações saiam do papel e se tornem bem reais. Eu ia fazer uma lista de resoluções para o ano vindouro, mas quem é que eu estou querendo enganar? Então boas entradas para todo mundo, que eu vou ali passar o rodo geral porque esse meu novo visual tá imbatível.

2.01.06

Eu estou sentindo que 2006 vai cozinhar gostoso. Essa é a primeira coisa que você precisa saber: *tempera o meu cozido* é o novo *desossa*. Os bons tempos estão de volta. Aliás, eu estou me divertindo tanto por aqui que Salvador não parece mais uma ideia tão boa assim. É óbvio que tem dedo do Didi nessa história, mas ele tá certo. Agora eu só preciso ver se vou voltar para Curitiba ou não,

porque no tengo dinero mas preciso buscar o resto das minhas coisas. Não é muito, mas rola a certidão de nascimento e meu cachecol de estimação. Confesso que o cachecol me preocupa mais que a certidão, mas veremos. Se mais alguém quiser colaborar com o Paulinha Aid eu agradeço, porque as três doações recebidas foram gastas com o réveillon – muito bem gastas, por sinal – e a miséria tá dominando geral. Mas como eu já disse: veremos.

O mais engraçado disso tudo é que minha resolução ano passado foi ouvir menos o Didi e esse ano já começou a dar bosta por causa dos conselhos dele. Eu nunca aprendo.

8.01.06

Então eu estou doente. Com febre e a garganta completamente estourada, mas o que realmente me preocupa são as dores misteriosas espalhadas pelo corpo. Misteriosas porque sexta-feira eu fui no ensaio da Gaviões da Fiel e acordei cheia de hematomas, sem a menor ideia do que pode ter acontecido. Das duas uma: ou eu caí e não lembro, ou alguém me espancou e também não lembro. Motivos para uma boa surra não faltariam, porque eu sou o tipo de pessoa que grita “São Paulo tricampeão mundial” no meio da maior concentração de corinthianos/m² do brasil. E ainda danço com três dedinhos para cima. Mas o ponto alto da noite foi quando um inglês que eu tava pegando virou para mim e disse “later”, como quem diz “olha só, depois eu te pego, agora eu tô ocupado...”. I beg your pardon? Eu fui criada por pais desinteressados e não lido muito bem com gente me deixando de escanteio não.

Bom, de volta à minha saúde, não posso dizer que estou surpresa com meu estado lastimável, visto que na última semana eu devo ter dormido mais ou menos umas oito horas ao todo e bebido aproximadamente um barril de cerveja e vodca barata. Sem contar que passei o rodo gostoso, australianos, israelenses, ingleses e até um tcheco, mas agora chega dessa folia. Preciso tomar vergonha na cara e ver o que vou fazer da vida. A lista de prioridades no momento é:

– dar um jeito de resgatar minhas coisas em Curitiba, especialmente minha certidão de nascimento

– fazer uma identidade nova

– deixar de ser sem-teto

– arrumar um emprego

O resgate das coisas eu acho que já está resolvido, só preciso mandar minha chave por sedex 10 pra lá. A sem-tetice está interligada ao emprego, e o emprego à identidade nova porque ninguém contrata indigente, então o mais importante mesmo é refazer meus documentos. O resto depois a gente vê.

9.01.06

Eu só atraio gente demente.

O dono da pensão, por exemplo. Semana passada ele foi um bocado grosso comigo e disse que se eu não aparecesse logo para devolver a chave ele ia trocar a fechadura e jogar minhas coisas na rua. Ok. Hoje eu liguei de novo para avisar que um amigo vai passar lá para pegar minhas coisas e o que ele diz? Que tudo bem, não precisa ter pressa para entregar a chave porque ele tem uma cópia, é só desocupar o quarto até o dia do vencimento e tudo certo, quando der eu mando minha chave para ele. Suspiro. E ainda perguntam por que eu não tenho fé na humanidade.

10.01.06

Pop Quiz: quem arrumou um emprego?

a) Vera Loyola

b) Paris Hilton

c) Narcisa Tamborindeguy d) Ana Paula Barbi

Oh yeah baby, quinta e sexta rola um treinamento, sábado eu começo. Apenas um probleminha: traje social. Eu lá tenho cara de quem trabalha usando traje social? Eu lá tenho cara de quem *possui* algum traje social? Mas dá-se um jeito, dá-se um jeito. Minha

certidão de nascimento já está no correio, então agora só falta procurar um lugar para morar, coisa que eu vou fazer amanhã. Ah, e arrumar um namorado, porque o horóscopo da Contigo disse que eu preciso me estabilizar no campo amoroso.

Você eu não sei, mas eu diria que 2006 até agora está sendo um ano um pouco bom.

12.01.06

Ontem foi aniversário da minha irmã.

Não me pergunte quantos anos porque eu não tenho a menor ideia, mas algo na casa dos trinta, talvez trinta e um. Normalmente eu deixaria a data passar em branco, mas pessoas têm sido tão legais comigo, me abrigando, alimentando, dando remedinho quando eu fico doente, arrumando empregos e dando celulares que eu pensei: vai machucar desejar uma feliz aniversário para uma pobre alma que compartilha o mesmo sangue imaginário que você? Não, claro que não. Na verdade, uma das minhas resoluções de ano-novo foi acertar os ponteiros com o bebê de Rosemary, mas... como você faz as pazes com alguém que nunca fez nada de errado? Quer dizer, ser débil mental é uma falha, mas não chega a ser um crime, certo? O grande crime dela é a falta aguda de inteligência. Mas enfim. Um dia eu faço as pazes com ela, porque se minha mãe morrer eu gostaria de dividir os bens sem precisar entrar na justiça ou ir ao programa do Ratinho.

15.01.06

Houston, we have a problem: eu estou me acostumando com as coisas boas da vida.

Porque agora eu acordo e em vez de levar o jornal para a cagadinha matinal eu levo o notebook e leio meus e-mails. Porque agora eu sou uma pessoa fina que vai trabalhar usando roupas finas doadas por amigos finos. Porque agora eu chego do trabalho e meu happy hour é feito com champanhe. Acabou o champanhe? Desce o prosecco então, camarada. Mas algumas coisas nunca mudam,

então é óbvio que eu roubei o balde de gelo do bar. Portanto parem de me chamar de vendida, porque eu posso estar vivendo como uma Kennedy, mas no fundo eu sou a mesma favelada de sempre.

18.01.06

Eu recebi o e-mail mais engraçado do mundo, me acusando de vendida e de traidora do movimento só porque, para variar um pouquinho, as coisas estão dando certo, arrumei um trampo legal e não estou passando fome ou morando na rua. Isso é trair o movimento? Que movimento? Das pessoas que só tomam no cu? Ou o movimento palhaço carequinha, onde você se fode para os outros se divertirem à sua custa? É realmente tão difícil assim ficar feliz porque eu estou feliz? Será que eu só sou engraçadinha e valho alguma coisa quando estou na merda? Deve ser. Felicidade não dá ibope. O povo quer draaaaama, o povo quer emoção, o povo quer miséééria. Então o povo vai precisar de um novo blog porque o movimento pela banalização do champanhe continua e só ontem eu ganhei quatrocentos reais de comissão.

31.01.06

– E aí, Polly, o que anda acontecendo na sua vida?

– Comprei um jornalzinho de imóveis e vi uma linda quitinete na Augusta por trezentos reais, mas quando liguei para o dono a primeira pergunta dele foi se eu pretendia receber os clientes ali.

Tirem suas próprias conclusões.

3.02.06

Ontem o Didi veio para São Paulo porque hoje ele tem uma entrevista de emprego e para completar um amigo nosso de Buenos Aires está na cidade. O problema é que eles queriam ir no Vegas mas eu já tinha prometido para a minha gerente que ia no Omalley's com ela e promessa para gerente não se quebra. Principalmente

para uma gerente que logo no primeiro dia de trabalho já diz que adora fazer boquete e chupa até as bolas.

Didi acabou indo para o Vegas com os gringos e eu fui para o Omalley's com a gerente boqueteira. E cara, não é à toa que ela é gerente e eu sou uma reles consultora, porque ela tem amigos em todos os lugares do mundo, tomei um milhão de cervejas no Omalley's e paguei no máximo duas. Daí quando o Omalley's miou ela disse que a gente ia para a Love. Ok, a gerente falou, tá falado. E eu achando que a gente ia para a Lov.e, saca? Só quando a gente chegou eu me liguei que a Love dela é Love Story, a balada das garotas de programa.

O melhor de tudo é que antes de sair de casa a filha da Alessandra quis me maquiar e eu saí parecendo uma garota do Fantástico, com sombra azul até no queixo, e no final da noite o visual super encaixou no contexto. Chiara é uma garota à frente do seu tempo, com um senso estético impecável.

Agora eu vou dormir. Tchau.

14.02.06

É isso aí, criançada. Fodeu. Eu juro pela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que eu não entendo por que nada na minha vida pode ser fácil. Detesto esse povo que bota a culpa de tudo no olho gordo alheio mas, na boa, só pode ser. Então vamos esperar até sábado para ver se a empresa vai falir ou não e decidir se vou ter dinheiro para me mudar ou não. Enquanto isso, de volta ao conforto do champanhe no atacado.

Aceito ofertas de emprego.

15.02.06

Se alguma coisa aconteceu de ontem para hoje foi que a situação no escritório piorou. Quer dizer, alguns diriam que melhorou porque talvez eu receba uma parte do salário hoje, mas não é um dinheiro, digamos, limpo. E é nisso que as coisas pioraram, porque eu

descobri que a empresa é uma farsa e agora, como diria Dumbledore, “we must choose between what’s right and what’s easy”. Porque seria bem fácil mandar tudo para o espaço, pegar meu dinheirinho e ficar quieta, mas isso não é certo. Então o certo é botar a boca no trombone, ligar para o Celso Russomano e processar geral? Sei lá. Processar os outros dá trabalho. Eu só quero o que é meu, porra.

Suspiro. Juro que eu não vou atrás desse tipo de coisa, os problemas é que me acham.

17.02.06

A empresa faliu. E como tudo comigo tem que ser em grande estilo, a gente queria saquear o escritório para compensar os salários não recebidos (ideia minha, confesso). Nisso apareceu um oficial de justiça mandando contar os móveis enquanto o dono da empresa fugia de volta para Portugal dando uma banana para o Brasil. Sim, isso acontece na vida real. Exceto a parte da banana, acho.

Resumo da história: trabalhei um mês, eles me devem R$1.800,00 (HUM MIL E OITOCENTOS REAIS) e nunca mais vou ver esse dinheiro porque nesses casos primeiro eles vão pagar os milhões que devem para o governo (se pagarem) daí com o que sobrar (se sobrar) eles pagam os funcionários que tinham carteira registrada e com o resto (que resto?) pagariam a pobre coitada aqui. Mas enfim. Falemos de coisas felizes: terça-feira eu já começo um emprego novo, então bola pra frente.

7.03.06

Vocês queriam drama, ação e trapalhadas num clima de muita azaração com essa turminha do barulho? Pois bem. Noite passada fiquei DUAS HORAS E MEIA esperando ônibus na Paulista porque o sindicato acha que é uma boa começar a greve justo na madrugada que eu resolvo precisar do primeiro ônibus. E o legal é que meu namoradinho israelense tinha se oferecido para pagar meu táxi. Não, imagina, não precisa, meu ônibus já tá vindo, gato. Aham.

Só esqueceram de me avisar da greve. O final perfeito para um dia perfeito, porque ontem eu comecei meu emprego novo. E emprego é apenas uma força de expressão, porque em cinco minutos de palestra (novamente, apenas um termo solto) eu percebi que consegui entrar em uma roubada maior que a anterior. E daí eu chorei. Chorei de soluçar em plena Praça Ramos e neguinho parar para perguntar se eu precisava de alguma coisa e oferecer um real. Até que cansei de chorar – e na verdade nem era tanto pelo emprego, mas pelo fato de que absolutamente tudo na minha vida dá errado e eu sou incapaz e incompetente e daqui a pouco a Alessandra vai me expulsar do castelo de caras e eu vou virar sem-teto de novo e eu nunca vou ter dinheiro e nunca vou conseguir fazer nada decente e blá blá...

Daí resolvi dar uma passadinha no albergue e acabei conhecendo o israelense, que salvou o dia - provando que deus fecha uma porta mas sempre abre uma janela. No caso a porta é um emprego e a janela uma piroca judia.

8.03.06

O meu seriado deve estar com um problema sério de verba para atores, porque não é possível as pessoas simplesmente reaparecerem do nada, meu mundo tem quinze pessoas pessoas que se revezam.

Ontem eu estava no BH e quando saio do banheiro esbarro com quem? Juliana Kataoka. Um momento cheio de muita emoção, nossa-não-acredito e puxa-como-você-tá-bem, até que ela resolveu dizer que eu estou tão bem, mas tão bem, que deixou escapar que me achava baranga na Argentina. obrigada e volte sempre.

> – Amiga, como foi o Vegas ontem?
>
> – Brunão pegou uma irlandesa. Juliana Kataoka causou. Daí eu resolvi causar também e comecei a pegar uísque do copo dos outros. No final da noite o israelense ficou se alternando entre eu e a loirona canadense aniversariante, jurando que ninguém tava sacando.

– Que promíscuo, judeus não podem ser assim!

– Hahah, pois é, judeus também não são mão-aberta e esse é, super pagando breja pra geral e me dando dinheiro pro ônibus. E eu que era baranga na argentina?

– Você ainda não superou esse comentário, né?

– Não.

11.03.06

Bom, agora que o israelense gostoso se fue para Ilha Grande eu posso voltar para minha broxante realidade. Vamos checar as prioridades: emprego, dinheiro e casa – não necessariamente nessa ordem.

13.03.06

A coisa mais deprimente do mundo é fazer um currículo. Eu não tenho problema nenhum em pegar no batente, em algum nível obscuro eu devo até gostar de trabalhar, mas o que fode é ter que fazer currículos, entrevistas e dinâmicas de grupo. É melhor passar fome do que ser obrigada a colocar meus sonhos e pretensões salariais num pedaço de papel. Sem contar que como eu sempre minto nas minhas qualificações, acabo tendo que anotar os empregos imaginários que já tive para não me confundir na hora da entrevista. Faço todo um esquema cronológico para não me contradizer na experiência profissional, tipo dizer que eu dava aula de inglês em Campinas enquanto morava na Irlanda. Dá tanto trabalho inventar um currículo de qualidade que me pergunto se a fila do sopão não seria mais fácil.

28.03.06

O que nunca deixa de me surpreender é a forma como as coisas acontecem. Poderiam ter me avisado hoje de manhã, ontem ou semana passada, mas nãão. Vamos esperar a Polly ficar toda

animadinha e perfumadinha para o segundo dia de trabalho para avisar que ela não se encaixa no perfil da empresa.

É isso. Eu não me encaixo. Eu não inspiro confiança. Eu tenho cara de novinha. Eles precisam de alguém que pareça mais experiente. Quer dizer, foda-se se você é experiente ou não, o que importa é a aparência.

E eu estou tão cansada, tão suada e tão de saco cheio que não sobra nem espaço para ficar puta. Deve ter alguma coisa muito errada comigo, porque não é possível as coisas sempre darem errado desse jeito. Não é possível uma pessoa de 22 anos não conseguir arrumar um emprego e tocar a vida para a frente como qualquer um consegue.

Não.

É.

Possível.

E se eu não consigo nem arrumar um emprego e uma casa, como vou conseguir qualquer outra coisa? Não é melhor desistir de vez? Mas daí eu vou fazer o quê? Me matar? Ir morar no minhocão?

Alguém me ajuda, por favor.

7.04.06

Eu simplesmente não consigo um emprego e estou pegando raiva de dinâmicas de grupo. As pessoas realmente acham que é possível avaliar uma pessoa dessa forma? Segure um barbante, fale sobre você, passe o barbante para outra pessoa, jogue um pouco de bolinha, brinque de Lego e já sabemos se você serve para trabalhar aqui ou não? Faça-me o favor. Aliás, eu culpo a pessoa que inventou dinâmicas de grupo pela quantidade de gente incompetente no mercado de trabalho. Acho que até é possível avaliar uma pessoa pela forma como ela brinca de Lego, mas só se ela não souber que está sendo observada. Sugiro uma nova forma de recrutamento: contrate todo mundo por uma semana. Faça as pessoas acreditarem que já estão com o emprego garantido, se

possível adiante o primeiro salário, e veja como elas se comportam. Porque antes de garantir a vaga todo mundo é pontual, educado e responsável, mas com o bolso cheio a máscara cai.

Caso esse método não dê certo, sugiro uma avaliação detalhada do perfil no Orkut. Não falha nunca.

8.04.06

> – Hoje fui no cartório ser testemunha do casamento da Alessandra e chorei horrores
>
> – Adoro quem chora em casamentos...
>
> – Mas amigo, eu chorei porque a mulher perguntou meu estado civil e eu sou solteira. Perguntou minha profissão e eu sou desempregada. Perguntou onde eu moro e eu sou sem-teto... daí eu comecei a chorar porque minha vida é patética.

Nisso me ligaram da Livraria Cultura por causa de um currículo que eu mandei e... a ligação caiu.

Fim.

13.04.06

Prezada Ana Paula, Nós da Juan Uribe Language Acquisition gostaríamos de agradecê-la por participar de nosso processo de seleção. Neste processo tivemos a oportunidade de maior contato e conhecimento mútuo. No momento estamos buscando um profissional com um perfil diferente. Desejamos a você sorte e sucesso em sua carreira.

Cordialmente, Juan Uribe Language Acquisition .

Prezada Juan Uribe Language Acquisition, então vai tomar no cu.

Cordialmente,

Ana Paula

20.04.06

Oi, meu nome é Ana Paula e eu tenho um emprego.

3.05.06

Ontem foi meu primeiro dia de aula e tudo saiu melhor do que eu esperava, mas deve ser porque eu sempre espero o pior. Aliás, esta é minha nova filosofia: me preparar para a merda. Eu descobri que se você não deixa margem para as coisas darem errado – veja só – elas não dão.

Por exemplo: eu estou procurando um lugar para morar e encasquetei que quero mudar para a casa em cima do açougue da esquina (pelo simples prazer de dizer que moro em cima de um açougue, obviamente), mas vai dar merda. A casa é muito cara (merda provável: eu não recebo meu salário ou descobrem que sou uma fraude e sou mandada embora) e muito grande, então eu precisaria arrumar alguém para dividir comigo (merda provável: não arrumo ninguém e acabo não conseguindo pagar o aluguel ou arrumo uma pessoa completamente psicótica que transforma minha vida em um inferno).

A Polly antiga e inconsequente ignoraria os sinais, seguiria a vontade de dizer que mora em um açougue e acabaria se fodendo – para deleite da geral. Já a nova Polly, sofrida e castigada pela vida, pensa um pouco e vê que se pá é melhor alugar um quartinho mixuruca até as coisas se estabilizarem, para evitar o risco.

Mas ia ser tão legal morar no açougue...

31.05.06

– Fígado, é?

– Pois é...

– Porra Polly, você foi no médico?

– Fui

– E ele diagnosticou?

– Mais ou menos, SUS é foda. Foi tipo: o que você sente? Vontade de vomitar e caganeira, doutor. Febre? Dores pelo corpo? Não senhor, doutor. Anda bebendo? Um pouco, doutor. Ah, então é fígado. Toma dois epocler e para de beber.

– Aí você tomou? E melhorou?

– Tomei e melhorei.

6.06.06

Oi, meu nome é Ana Paula e acabei de receber um salário digno pela primeira vez em dois anos.

10.06.06

Mais ou menos um ano atrás eu estava um bocado fodida. Para quem não se lembra, a dona da pensão onde eu morava achou que eu tinha roubado um ferro e me trancou para fora de casa. Eu fui na polícia para eles me ajudarem a pelo menos pegar minhas coisas de volta e numa dessas fiquei três dias morando na rua por falta de dinheiro.

A história acabou bem porque, sendo a desclassificada que eu sou, resolvi mendigar no blog e tudo se acertou. Foi assim que eu conheci a Alessandra, ela que me mandou os rios de dinheiro que eu precisava para não virar sem-teto. Isso tudo foi na época do aniversário dela e quando vi as fotos da festa eu pensei que seria legal ter uns amigos assim. Logo depois eu achei melhor desencanar dessas ideias porque já estava velha demais para fazer amigos de verdade. Eu achava que amigos de verdade você faz na segunda série e pronto, eles que te acompanham para o resto da vida.

Agora um ano passou e apesar de continuar meio fodida de grana e ter vinte reais que precisam durar até o dia cinco, eu estou feliz.

Feliz porque mesmo com alguns problemas, minha vida nunca esteve tão boa. Eu realmente gosto do meu trabalho, do lugar que moro, adoro as pessoas que moram comigo e amo meus amigos – aqueles que eu achei que estava velha demais para fazer.

Ontem eu parei um pouquinho para pensar na vida vendo aquele bando de gente sem nível se acabando de dançar e agradeci bem baixinho. Ninguém ouviu, mas eu falei um obrigada. Para ninguém em particular, mas para minha vida, por ter deixado de ser tão escrota e ter colocado pessoas que eu amo tanto para tomar conta de mim e me fazer feliz como eu não era há um bom tempo.

E lógico, obrigada para a Alessandra. Que pode não ter nível, mas tem o maior coração do mundo. se não fosse ela eu estaria morando na rodoviária até agora.

6.07.06

Como eu moro com pessoas classudas, ontem passei a noite bebendo baianinha de amendoim e ouvindo José Augusto fazendo dueto com Roberta Miranda. Como resultado, hoje de manhã eu consegui passar uma hora apertando o soneca e quando percebi estava super atrasada para o trabalho e acabei indo de táxi. Gente, eu sou uma pessoa que vai trabalhar de táxi. Eu. Ana Paula Barbi. Para você ver como a vida pode ser gozada.

14.07.06

Minha vida está boa. não faz sentido escrever aqui.

25.07.06

–Posso contar? Pooosssso contaaaar?

–Conta

–Estávamos jogando uma tranquinha em casa eu Bruno e o imigrante ilegal e no nosso quarto tem uns panfletinhos explicativos sobre DSTs e camisinhas pras visitas levarem. Nisso o imigrante ilegal começou a ler os panfletinhos, virou pra mim e fez que ia

perguntar uma coisa mas parou. E eu: que foi? E ele: nada. Deixei quieto porque o Bruno voltou do banheiro. Mais tarde quando ele estava indo embora eu falei: o que você ia perguntar pra mim aquela hora? E ele vira e me pergunta se eu tenho alguma DST. Até aí tudo bem, mas a coisa piora porque italianos simplesmente não sabem a hora de calar a boca. Ele: porque sabe, eu só tenho ficado com você e com a outra vagabunda (ok, ele não chamou de vagabunda mas é a vaca por quem ele diz que está apaixonado) e sabe, eu fico preocupado porque É FODA PASSAR ALGUMA DOENÇA PRA PESSOA QUE VOCÊ AMA.

– QUÊ?

– Traduzindo: eu sei que você é vagabunda e eu fico preocupado por causa da mulher que eu amo, que, por acaso, não é você.

– Pará. Ele não disse isso.

– Mas calma que a história piora. Daí ele vira e me pergunta se eu ando trepando com alguém sem camisinha. E eu: não, ué. E ele: não, pode falar pra mim. Como quem diz tudo bem, eu sei você é vagaba, pode falar.

– Puta que me pariuuuuuuuuuuu – E eu falei: já disse que não, caralho. E toquei ele pra fora de casa. Tá certo que ele já tava de saída, mas mesmo assim.

– Quem é a vagabunda? Tá no Orkut dele?

– Sei lá, acho que não. É tão chinela que nem orkut tem. E eu te contei de sábado né?

– Contou.

– A gente se pegando e ele “ai, acho que eu vou embora porque estou apaixonado por outra pessoa” daí no domingo vai no churrasco na sua casa, come da sua comida, afaga os seus cachorros, volta comigo pra casa, dorme na minha cama e na segunda-feira dá uma dessas.

– Gente, tem que levar uma boa, esse italiano. Liga pra ele agora e diz que você acabou de pegar seu elisa no laboratório e deu positivo e que ele tava em 68º lugar na tua lista de contatos.

– Será?

26.07.06

Eu oficialmente não me respeito e ontem fiz as pazes com o italiano. Mas veja bem, ele pediu desculpas.

04.08.06

Oi, meu nome é Ana Paula e eu tenho um fogão.

Cara, eu comprei um fogão. FOGÃO. Virei gente.

17.08.06

– Gente.

– Conta

– Estávamos eu, Bruno, Ana e Enrico assistindo à final da libertadores no bar de sempre. Nisso o bar de sempre fechou e eu e Bruno fomos embora, mas o boteco na esquina de casa ainda tava aberto e paramos pra uma última cerveja. Três são paulinos estavam RINDO na porta do bar, eu viro pra eles e digo: tão rindo do quê? E começamos a conversar. Resolvi pegar o mais gostosinho e mandei Bruno pra casa. Nisso eu tava lá, me agarrando com o são paulino e ele solta a pérola: “vamos fazer amor gostoso pra esquecer a derrota?”

– Ai, fazer amor gostoso já não rola mais – Né? 2006. Quem faz amor gostoso nos dias de hoje? Mas enfim. Como eu não tava fazendo nada ele também, falei então tá, bora fazer amor gostoso. Até então eu tava achando que a gente ia pra casa dele, mas assim que atravessamos a rua descobri que o lance ia ser em casa mesmo. Com Bruno dormindo no nosso quartinho de pensão com apenas um colchão de casal no chão e um banheiro pequeno demais pra duas pessoas. Mas a essa altura eu já tava super numas de amor gostoso e pensei: dane-se, bora pro quartinho.

– Juventude perdida

– Chego em casa e Bruno está largado na nossa cama, DORMINDO ABRAÇADO COM UMA REVISTA CONTA MAIS (que ele provavelmente estava usando para se abanar porque nosso quarto é a coisa mais abafada do mundo) e a gente foi pro banheiro, fez amor gostoso e ele foi embora. Fim.

– Trocaram telefones?

– E EU LÁ TENHO TELEFONE?

8.09.06

A Alessandra foi viajar e eu fiquei para tomar conta dos cachorros e gatos, mas essa vida de caseira é muito solitária e ontem, no auge do tédio, resolvi me jogar no... bate-papo do uol. Em minha defesa, só posso dizer que eu não entrava numa sala de bate-papo há anos e era feriado e estava frio e eu estava sozinha.

Enfim.

Mais alguém se sente completamente ridículo quando lê “quer tc”? Ou só eu que caio na risada quando alguém pergunta se você está a fim de algo real? E te fala quantos centímetros tem o pau? Só eu? Então tá. Continuando. Quer tc vai, quer tc vem, acabei conversando horas com um cara no msn. Para mim ia ficar só nisso, porque veja bem, eu posso ser vadia, mas ainda não cheguei ao ponto de ficar marcando encontro com gente no bate-papo do uol. Mas... mas aí o Bruno chegou, viu a foto do cara e me incentivou a sair com ele. Era feriado. Estava frio. Eu estava sozinha. Bruno disse que ia comigo num boteco aqui perto e o cara que encontrasse com a gente lá. Então tá. Tudo certo. Fomos para o bar e nada do cara aparecer. Foda-se. Quem liga pra gente de bate-papo uol, né? Fomos para a padaria, comer alguma coisa antes de dormir. E enquanto comíamos nossos churrasquinhos com queijo e bacon eu falava para o Bruno “não é por ele não ter aparecido, é que hoje eu estou muito gostosa, acho um desperdício voltar para casa sem pegar ninguém...” e Bruno concordando com a cabeça entre uma mordida e outra porque eu realmente estava um estouro. Eis que passa um gatinho na rua e olha para mim. Eu olho para ele.

O cara continua olhando e andando. Já estava indo embora, voltou, viu que eu ainda estava olhando e apontou para o Bruno, perguntando se não era meu namorado. Ha. Respondi com aquela cara de *imagina, mó bichona* e o gatinho entrou na padoca para falar comigo. Sentou na mesa, esperou a gente acabar de comer. E quando Bruno foi pagar a conta a gente começou a se pegar. Olha, eu sei que é fim de carreira ficar se pegando com passantes na padaria, mas: 1) eu estava um estouro

2) ele era bem gatinho.

Pegou meu telefone, que agora eu tenho, e ficou de ligar hoje.

Na verdade eu só estou contando tudo isso porque em uma conversa recente eu decidi que preciso divulgar mais meu número. Meu problema é que eu pego a negada e não dou um telefone para contatos futuros. Mas agora minha política mudou – quem quiser, liga ae. Me cadastrei na promoção “cliente vivo pré recebe ligações e fala mais” e qualquer ligação é bem-vinda e vira bônus. Até ligação de passantes que você pega na padaria.

9.09.06

Minha nova mania é encher a cara com o italiano e decidir que a gente vai morar junto. A gente se abraça, diz que se considera pra caramba e cada um vai para a sua casa. Daí eu durmo, acordo e percebo que não quero dividir um apartamento com ele não. Então a gente toma um novo porre e decide que é melhor cada um procurar o seu lugar mesmo. Nos abraçamos. Seguimos nossos caminhos. Outro dia, outro porre e que se dane, bora morar todo mundo junto! Hoje vamos sair de novo, então é bem provável que no porre de hoje seja decidido que melhor não. Cada um no seu canto mesmo.

Impressionante como algumas cervejas mudam tudo.

10.09.06

Sabe, procurar casa deveria ser divertido, não esse inferno que é. Porque quando você acha um lugar legal e já começa a imaginar

onde vai colocar a cama, de que cor vai pintar as paredes, se vai caber uma mesa na cozinha na cozinha ou não, a imobiliária liga e resolve inventar algum problema. Qualquer problema. Eles devem ter o manual internacional dos problemas. Estou esperando o dia em que vão ligar dizendo que o proprietário não aceitou a documentação porque a foto do meu RG não está favorecendo muito. Eu tenho emprego. Eu tenho dinheiro. Eu tenho fiador. Então por que eu não consigo alugar uma porra de apartamento, caralho?

16.09.06

Como presente de aniversário eu queria ser um pouquinho – mas só um pouquinho – menos desequilibrada. Porque sabe, um dia eu estou aqui, toda animada pensando na festa e convidando pessoas. Cinco minutos depois eu deprimo e resolvo desistir da comemoração. Fazer aniversário dá muito trabalho.

E acho que isso acontece porque durante a infância acreditamos que quanto mais gente na festa, melhor. Gente = presente. Daí você cresce e continua achando que seu aniversário precisa ser cheio de amigos e glamour, o Grande Dia. Mas depois dos 18 anos nunca é assim. Os presentes param de vir, os amiguinhos começam a arrumar outros compromissos, você bebe demais e faz merda... sem contar o parto que é conseguir convidar as pessoas. Geeente, na terceira série as pessoas se estapeavam pelos meus convitinhos dos Ursinhos Carinhosos, hoje nem respondem meus e-mails. Então sabe, às vezes eu desanimo. Mas no final das contas eu sei que vai ser legal e eu sei quem vai estar lá e sei as pessoas que serão expulsas do bar comigo quando o dono estiver lavando o chão e mandando a gente pelo amor de deus ir embora para casa dormir.

Mas mudando um pouco de assunto, ninguém vale nada e ontem eu tive que escutar o pior desaforo até hoje, mas de alguma forma é reconfortante renomear a pessoa no celular de Edu para Babaca e acordar com seu telefone avisando que rolam cinco chamadas não atendidas de Babaca.

18.09.06

Em 2003 eu comemorei meus vinte anos na Funhouse, bebi horrores e acabei me pegando com o Lima no final da noite.

Nota: 8/10.

Em 2004 eu vendia planos de saúde em Porto Alegre e morava no abrigo municipal da prefeitura. Não houve comemoração, o pior aniversário da história.

Nota: 0/10.

Já em 2005, eu vendia planos funerários em Curitiba e mendigando no blog descolei um ingresso para o show do Weezer, o melhor presente da história, apesar de ter passado a noite sozinha.

Nota: 10/10.

Vejamos a nota que 2006 recebe.

21.09.06

Olha, eu não sei explicar muito bem como isso aconteceu, mas hoje eu entrei na Marabraz só para dar uma olhadinha no preço das camas e de repente estava preenchendo a proposta do crediário.

Oi, meu nome é Ana Paula, faço 23 anos segunda-feira e tenho um carnê da Marabraz.

Agora eu entendo melhor como funciona a inadimplência. A cama será entregue na próxima semana, mas a primeira parcela ficou para o final de outubro. Até lá a cama já não vai mais ser novidade, aquele carnê vai me deprimir, vou acabar não pagando, meu nome será protestado com MARABRAZ em letras garrafais e nunca mais conseguirei abrir um crediário.

13.10.06

Não consegui pregar o olho a noite inteira só porque tenho um almoço com minha mãe hoje. Além das preocupações óbvias – não vejo ela há mais de um ano, ela é um dementador, blá blá – passei a madrugada toda me preocupando com os silêncios. Porque vai ser o

almoço mais silencioso da história. Eu não tenho absolutamente nada para conversar com ela. E minha tia também estará presente, o que só piora as coisas. Não faz sentido. Simplesmente não faz sentido. Por que eu concordei com isso? Tá, é minha mãe. Saudades? Não. Eu sei, eu sei, isso é horrível. Mas quem eu vou enganar se disser que morro de saudades da minha família? Morro nada. Morro de saudades de não me preocupar com dinheiro e roupa limpa, mas acaba aí. Faria mais sentido chamar, sei lá, o cobrador de ônibus para almoçar. Pelo menos eu teria assunto. Coisas para perguntar. Interesse.

(Haha, ela acabou de ligar, perguntando se não rola me encontrar em um lugar mais fácil, que dispense baldeação no metrô. Cara, eu não valho nem uma baldeação. Me sinto tão amada.) ok, vou tomar banho e me preparar para uma tarde agradável. Em um universo paralelo.

15.10.06

Para variar eu exagerei um pouco e o tal almoço não foi tão terrível quanto eu esperava, graças ao alzheimer da minha tia. Foi meio que um almoço em loop, porque a cada cinco minutos a conversa se repetia. O nome do restaurante foi repetido umas cinco vezes; o lugar onde eu trabalho, oito; fora os quinze parabéns atrasados.

8.11.06

Estou surtando. Acompanhe: Hoje eu vou mudar para um apartamento na Consolação. Legalzinho, fechei com o cara duas semanas atrás e levei algumas coisas para ir adiantando a mudança, mas mudo oficialmente hoje. Quer dizer, acho que mudo. Porque eu liguei ontem e o cara não estava. Outra pessoa atendeu, deixei recado, pedi para retornar a ligação. Não retornou. Ok, não entre em pânico.

Liguei de novo agora de manhã. Chama chama chama até o telefone cansar e ninguém atende. Ok, entre em pânico.

Gente, eu já sofri muito nessa vida. Eu sei que ninguém vale um peido. Pra mim esse cara pegou minhas coisas e meu dinheiro e se mandou daqui. Ou então pegou minhas coisas e meu dinheiro e vai fingir que, sei lá, eu nunca existi. Que nunca dei dinheiro nenhum. Daí eu vou lá com a polícia e ele vai dizer que “eu hein, nunca vi essa mulher na vida” ou então “eu hein, prova que deixou alguma coisa aqui em casa”.

Obviamente eu estou sendo paranoica e irracional, provavelmente ninguém atende o telefone porque estão todos no trabalho, mas mesmo assim. Até alguém atender o telefone e aparecer uma cópia da chave na minha mão, estarei aqui. Panicando.

24.11.05

Arrumei um bico para o final do ano porque vida de professor é difícil e dezembro é um tal de cancelar aula na última hora que nem te conto e minhas crianças poderiam ficar sem panetone. Uma amiga de um amigo estava precisando de alguém para o bar dela e ontem eu fui lá conhecer o lugar e conversar com ela. Tudo lindo, vários reais por noite, algumas noite por semana. Porém.

Porém estamos falando de mim, então é óbvio que é um bar de Reggae na zona leste. Bob Marley no telão, velas, música ao vivo, uma galerinha super do bem, sabe?

Acontece que eu não sou super do bem, então vai dar merda. Eu não uso rasteirinha, não sei cantar “no woman no cry” e – principalmente – detesto maconha. Malz ae, nada contra, mas comigo não rola. Drogas químicas são mais limpinhas, não curto mato.

Mas pense nas crianças, Ana Paula. Tudo pelas crianças.

Então, pensando nas crianças, Bob Marley aqui vamos nós. Só espero não deixar meu salário todo no bar, porque rola uma pinguinha de banana que é jesus em forma líquida. Já enchi a cara ontem e pendurei. “Depois a gente acerta”, disse a dona. Super do bem ela.

29.11.06

Gente. Gen-te. O natal está se aproximando e pela primeira vez em muito tempo eu não estou surtando ou reclamando que é apenas uma festa capitalista, a vida é mais que uma fatia de panetone, vamos todos morrer mesmo e blá blá blá...

Nisso eu e a Alessandra estávamos morrendo de rir imaginando como os cachorros dela percebem o natal (deixa só eu abrir um parênteses para contar que meu telefone acabou de tocar e eu fui toda babada atender e era mais um spam da vivo. “você já sabe enviar torpedos SMS?” Sim, vivo. Eu sei. Obrigada por perguntar) e eu lembrei que agora em Dezembro vai fazer um ano que a gente se conhece, o que significa que um ano atrás eu estava arrecadando dinheiro para me mudar para a Bahia. Eu poderia fazer uma bonita retrospectiva desse ano que passou, mas não consigo parar de pensar na bizarrice disso tudo. Isso tudo = minha vida.

Como assim eu ia me mudar para a Bahia, gente? Por que diabos eu achava que Salvador era uma boa ideia e agora isso me parece ridículo? E por que ter dois empregos me parecia ridículo mas agora é perfeitamente aceitável? Eu tô me segurando para não citar Raul Seixas porque aí já seria demais, mas você sabe o que eu citaria então vamos fingir que eu citei porque só deus sabe como as coisas estarão ano que vem.

E sim, eu prefiro ser assim.

11.12.06

Gente, eu estava tão ocupada reclamando do bar (reclamar é meu carro-chefe) que esqueci de contar que rolou uma festa fechada lá e um dos meus Grandes Sonhos se realizou, fui bouncer por uma noite e fiquei na porta barrando pessoas. Só não apanhei por sorte.

Exemplo:

–Eu sou amigo da dona.

–Sei. Qual o seu nome?

–Cuzão-Sem-Convite.

–Lamento muito, Cuzão-Sem-Convite, seu nome não está na lista. Próximo!

–Mas eu sou amigo da dona!

–E eu sou funcionária da dona. Próximo!

–Mas eu sou amigo da dona!

–Se fosse tão amigo seu nome estaria na lista. Pró-xi-mo!

15.12.06

Quando eu acho que estou virando uma pessoa equilibrada acontece alguma coisa e I lose it aaah aaaah ah ah ah just lose it aaaah ah ah ah go crazy aaaah ah ah ah oh baby...

Essa semana fui buscar meu pagamento no bar, perdi completamente a noção e comprei uma televisão. E um aparelho de som. Sim, até aí nada demais, oras bolas, qual o problema em comprar eletroeletrônicos? Nenhum, desde que você tenha dinheiro para isso. Resultado: um real e dez centavos até dia cinco de janeiro.

Boas festas, pessoal!

23.12.06

Eu sou completamente incapaz de lembrar o que comi ontem no almoço, mas sempre que alguma coisa importante está para acontecer, alguma coisa que eu sei que vai marcar a minha vida, me esforço para guardar cada detalhe. Não sei se essas coisas acabam sendo importantes por causa do meu esforço para guardá-las ou não, mas não importa. Um ano atrás, quando saí de Curitiba para passar o natal com a Alessandra, eu prestei atenção em tudo, tentando gravar o máximo possível porque eu sabia que não ia durar. Eu sabia que quando as festas acabassem eu iria voltar para minha vidinha infeliz e miserável de pobre menina órfã abandonada. Eu simplesmente sabia.

Ainda bem que eu não sei bosta nenhuma e ainda estou aqui, tomando no cu como sempre, mas mais feliz do que nunca. Amo todos vocês e a única coisa que eu quero nesse natal é poder passar o próximo natal com vocês também, e o próximo, e o próximo, ad infinitum.

31.12.06

Avaliação Anual da Precisão Astrológica Janeiro – Fevereiro: Previsão: Sua vida passará a ter mais valor para você. Não se trata de "valor de mercado", valor social segundo alguma aferição da civilização sobre nós, mas um significado de valor colocado por nós em nossa vida. Não se trata de sermos transferidos para uma existência mais glamourosa, mas de a existência que temos (a única que temos) ser preenchida com valores vitais e ser assim transformada.

O que realmente aconteceu: Não entendi muito bem, mas essa de "valores vitais" deve ser alguma coisa como "o trabalho dignifica o homem" e nesse período eu arrumei emprego e virei uma pessoa de bem, então faz algum sentido.

Avaliação: Nota 7. Apesar de encaixar com os fatos, a previsão não foi muito clara. Sermos transferidos para uma existência mais glamourosa? Existência que temos ser preenchida com valores vitais? Ai gente, palavras pequenas, por favor.

Março – Abril Previsão: Você estará vivendo uma relação eletrizante, com direito a muitas emoções. A sua realização no plano amoroso só depende de você.

O que realmente aconteceu: Risos.

Avaliação: Nota zero. Pega aqui na minha relação eletrizante, pega.

Maio – Junho Previsão: Os meses que se seguem são excelentes para seu casamento, ou o convívio com seu amor e pessoas mais queridas. É bom lembrar que é importante encontrar tempo para curtir os momentos de intimidade com quem lhe é caro. O libriano

tem ênfase na vida amorosa nestes meses e pode viver intensamente esta área de sua vida.

O que realmente aconteceu: Realmente houve um casamento. Mas faltou dizer que foi o da Alessandra. E a ênfase na vida amorosa deve ter sido os pegas que dei com Alex na festa. Mas faltou dizer que ele é gay.

Avaliação: Nota 2, só porque rolou a palavra casamento na previsão. (Se bem que maio é mês das noivas e todas as previsões encaixam casamento em algum lugar.) Julho – Agosto Previsão: Você já passou pela fase mais difícil e pode até descansar um pouco. Novas propostas estarão logo aparecendo e você estará ativa e dedicada a estabilizar as conquistas realizadas. Apenas não espere dos outros aquilo que é tarefa sua e não tema olhar-se no espelho.

O que realmente aconteceu: Até meados de julho a fase difícil realmente tinha passado e até descansei um pouco, mas daí a coisa desandou.

Avaliação: Nota 5, final de agosto desestabilizou minhas conquistas realizadas.

Setembro – Outubro Previsão: A energia libriana direciona-se agora para o desenvolvimento da fraternidade,da amizade,da liberdade e da renovação. Momento em que você se sente inclinado a participar mais ativamente do contexto social, pois percebe que todos estão interligados, independentemente de credo, cultura ou conhecimentos. Todos fazem parte de uma mesma família e aqui estão para evoluir.

O que realmente aconteceu: Meu aniversário, todos juntos no Fazenda Laranjo, independente de credo, cultura ou conhecimentos. Gente que escreve quiser com z e revisoras fazendo parte de uma mesma família. Clima super fraterno, ganhei bolinho de aniversário surpresa e tudo mais.

Avaliação: Nota 10.

Novembro – Dezembro Previsão: A ênfase neste período está em estudos e viagens, principalmente se tem relação com a vida profissional. Aliás, é um momento interessante para evoluir na carreira, para alçar novos voos e seguir com confiança o seu caminho. Encare novas metas e desafios, e cresça com otimismo, libriana. Entretanto, evite exageros que comprometam sua energia positiva.

O que realmente aconteceu: Estudos e viagens minha bunda, mas arrumei um bico num bar = evolução na carreira. O bar era de reggae = desafio. 937 pessoas me pedindo para descer uma Skol ao mesmo tempo = comprometimento da energia positiva.

Avaliação: Nota 10. Ciência exata.

1.01.07

Primeiro de janeiro de dois mil e sete, meia-noite e quinze minutos: Eu e Alessandra em um jantar mega chique, com a nata da sociedade paulistana e pessoas de vestido longo branco. Mas também pessoas com shortinho branco. E macacãozinho branco. E sapato branco. Pego a taça de champanhe número 4.856.325 e bora pro banheiro. Mais pessoas de branco. Decido que 2007 vai ser o ano da camaradagem e resolvo dar um conselho para minhas companheiras de toalete enquanto espero Alessandra.

– Gente, ninguém avisou pra vocês que usar branco no ano-novo dá zica?

silêncio

–Sério, gente. ziiiiiiica.

SILÊNCIO

–Se vocês quiserem a gente pode combinar de se encontrar aqui ano que vem e daí eu aponto para vocês e digo que avisei.

S-I-L-Ê-N-C-I-O

Não sei como descrever esse silêncio, porque foi o silêncio mais silencioso da história dos silêncios em toda silenciolândia. Se fosse

um desenho animado daria para ouvir o cri cri dos grilos. A coisa tava tão quieta e todo mundo olhando para mim com uma cara tão de cu que quando uma mulher veio para cima de mim eu pensei que ia levar uns tabefes. No final ela só me deu um tapinha no ombro e disse “ou pode ser que não, né?” e eu “não, gente, eu sei o que estou falando... dá zica. experiência própria”.

Feliz ano-novo.

13.04.07

Sabe qual é a maior mentira do mundo moderno?

– Você me mandou um e-mail? Ai, não chegou. Manda de novo?

Gente, e-mails chegam. Não existe essa de não chegou. Ou chegou e você apagou. Ou chegou e foi para a pasta de lixo eletrônico. Ou chegou e você não quis ler. Ou chegou e você enfiou no cu. Sei lá. mas que chegou, chegou.

E eu só estou falando isso porque rola uma preguiiiiiça de ir para uma reunião daqui a pouco e ainda por cima vai passar Bebês em Ação na Sessão da Tarde, então prioridades, né? Será que meu chefe sabe que e-mails sempre chegam? Eu posso falar que não recebi a mensagem com o horário da reunião. Será que ele cai nessa?

17.04.07

Eu estava lá na Vila Olímpia e um rapaz chegou perto de mim com um papelzinho na mão. Oi, você sabe onde fica esse hotel? Olhei o nome. Cinza Parque. Cinza Parque? Onde será que fica? Ai, moço, não sei não, desculpa, nunca ouvi falar nesse Cinza Par... ah, tá. O Caesar Park fica ali na rua de trás, ó.

23.04.07

Meu final de semana:

Sexta – Fazenda Laranjo, cerveja, porre, merda. Das grandes. Merda tipo levar garçom para casa.

Sábado – Ressaca, jogo do São Paulo, merda. Das grandes. Merda tipo ir para o Morumbi com o garçom da noite passada.

11.07.07

Me bateu UM BODE essa semana que você não imagina. E o pior? Sem motivo nenhum. Tá, eu estou fodida. Tá, eu não tenho dinheiro. Tá, ninguém me ama... Mas nada disso chega a ser novidade. Eu nunca *não* estive fodida ou ninguém nunca *não* não me amou antes, então sei lá. Eu ando com a sensação de que quando minha vida era beeeem mais fodida (e eu estou falando bem mais fodida mesmo, pegando-comida-do-lixo fodida) eu era mais feliz. Óbvio que isso é só um ataque de demência, ninguém é mais feliz sem dinheiro para comer ou onde dormir ou... ai, vou parar de listar porque só lembrar o que passei já me deprime. O problema é que quando você está completamente largado as coisas são mais fáceis. Ok, demência de novo. Lógico que não são mais fáceis. Mas sei lá, as preocupações são outras, você se sente mais livre e pelo menos existe aquela ideia de que qualquer coisa pode acontecer. Eu posso arrumar um emprego e mudar de vida. Ou mudar de cidade e mudar de vida. Ou me matar e desistir desse negócio de vida de uma vez por todas. Hoje eu não tenho mais isso. Eu não posso arrumar um emprego e mudar de vida porque eu já tenho um emprego. Não posso mudar para, sei lá, Aparecida de Goiânia porque ninguém muda de cidade assim, de uma hora para outra. E nem me matar eu posso mais porque seria sacanagem com um monte de gente. Não que minha vida seja tão importante assim, mas se eu morresse de uma hora para outra seria meio inconveniente para algumas pessoas. Então sabe. Apesar de já ter passado por coisas bem piores eu estou me sentindo uma bosta. Uma vez me contaram que um cara surtou no meio da faculdade. Eles estavam no laboratório pingando gotinhas com pipeta e tals até que o cara gritou CHEEEEEGA, jogou a pipeta longe e nunca mais apareceu. Eu

estou nesse ponto. Daqui a pouco eu jogo a pipeta longe, grito CHEGA e nunca mais apareço. Eu costumava ser assim.

Não sei o que aconteceu.

12.07.07

Hoje eu finalmente assinei o contrato do apartamento novo, depois de 84.937 tentativas porque reconhecer firma em cartório é uma bosta que leva a vida toda. E eu deveria estar feliz, né? Estou subindo na vida, vou morar na Vila Olímpia num lugar bem foda... mas será que eu quero subir na vida? Ou ter crediário de sofá?

Isso só prova que eu poderia ganhar na loteria e ainda assim arrumar alguma coisa para reclamar, tipo: ai gente, tenho que *ir até o banco* buscar meus milhões? Não podiam fazer um doc?

Uns tempos atrás eu reclamava que nunca iria conseguir morar em um lugar decente porque não tenho fiador nem grana para depósito e poxa vida, como eu sofro. Como minha vida é difícil. Daí agora que arrumei um lugar maravilhoso fico reclamando.

Nem eu me entendo.

2.11.07

Essa semana eu fui para Curitiba e me deu vontade de voltar a escrever aqui. O problema é que isso foi na quarta-feira e a vontade meio que já passou, mas vou dar uma chance.

Enfim. Curitiba. Se fosse boa não começava com cu (risos) mas valeu a pena, de vez em quando eu acerto a mão nas minhas decisões de merda. E de vez em quando minhas decisões de merda dão certo.

Começou no domingo aqui em São Paulo. Sem um real no bolso eu decidi ir ouvir The Killers do lado de fora e obriguei a Lívia a ir comigo. Lívia, uma pessoa sensata e de bom coração, viu que ia ser furada, socou cinquenta reais na minha mão e me mandou ir sozinha. Deu certo. Consegui entrar, consegui chorar, consegui pular, mas sei lá... gente obsessiva nunca está satisfeita então eu

mexi meus pauzinhos (i.e apelei para amigos mais uma vez) e fui para Curitiba ver The Killers de novo.

Daí sim.

Nem comparação com o show de São Paulo. Tá certo que eu estava morta de sono porque peguei o ônibus das sete da manhã e uma mulher não calou a boca a viagem inteira, mas o clima foi outro. Primeiro que na pedreira o som dá de dez no Anhembi – onde bate um ventinho e você não ouve nem seu celular tocar – e não teve os zilhões de horas de atraso. Voltei aos meus 13 anos, só faltou escrever The Killers na cara com batom – THE numa bochecha, KILLERS na outra – e levar um cartaz de cartolina com borda de glitter e papel crepom. Por mim eu estaria em um ônibus indo atrás dos caras em Buenos Aires, mas a gente precisa saber a hora de parar.

3.11.07

Ainda sobre a minha viagem para Curitiba, se a cidade fosse boa não começava com... oi? já fiz essa piada?? Beleza. Mas sei lá. Foi meio estranho. Eu morei lá durante seis meses e agora que voltei descobri que a cidade não me diz absolutamente nada.

Eu sei o nome das ruas e onde fica o mercado mais próximo, mas não tenho nenhuma lembrança de lá. É como quando você vê uma pessoa, sabe que conhece ela de algum lugar, mas não consegue lembrar os detalhes. Eu vejo Curitiba, vejo a rua onde eu morei, e só. Eu sei que alguma coisa em algum momento aconteceu ali mas não lembro o quê. Ou por quê.

A mesma coisa acontece com Campinas, mas em vez de seis meses foram... 18 anos?

19.11.07

Eu ia dar uma de adolescente emo e postar uma letra de música, mas consegui me controlar. O problema é que eu sempre tento descobrir onde começou o problema e nesse caso o problema foi ter

ido para Curitiba. Estou estranha desde que voltei, ando meio... sufocada?

Eu sei, eu sei. Mas cara, definitivamente eu não nasci para essa vida. Durante um bom tempo eu quis exatamente isso e agora que eu consegui... caguei. Tá certo que voltar a morar em quartinhos fedidos com velhas loucas ou maníacos punheteiros não é bem o que eu quero, mas sei lá. A melhor sensação do mundo é chegar sozinha em qualquer lugar desconhecido e me virar, sabe? No começo eu achava que fazia isso por necessidade ou falta de opção ou qualquer merda dessas, mas estou começando a aceitar que eu gosto dessa vida. Estou em São Paulo brincando de gente grande há quase dois anos, deu já. Está na hora de voltar a fazer merda e assumir que meu destino é esse mesmo. Eu gosto da vida bandida. Paciência.

11.12.07

Para falar a verdade, me impressiona um pouco o tempo que demorou para eu voltar a fazer merda mas, alegrem-se, o dia finalmente chegou: I'm back, baby.

Passagem comprada, milhões de coisas deixadas para trás e... pânico?

Vai dar merda.

Ou vai dar merda mas no final vai dar certo.

Veremos.

Pipa

14.12.07

Após a viagem do inferno até Pipa, jurei que minha caixa postal estaria lotada de e-mails desesperados com todos perguntando onde eu estou, me implorando para voltar... e nada.

Ninguém nem se tocou ainda que eu saí. Tá certo que deixei metade das minhas coisas para trás, mas ninguém percebeu que eu não durmo em casa há três dias? Confesso que esperava uma comoção maior. Mas isso é bom, melhor do que a comoção com cartazes de “procura-se viva ou morta” espalhados pelo país que eu estava esperando.

Agora que eu cheguei bateu aquele sentimento inevitável de “fiz merda”. Eu quero minha cama king size. Eu quero meu sofá com chaise longue. Eu não quero voltar a dormir em beliches...

Ou será que quero?

15.12.07

Fui dar uma espiada no orkut e tá rolando uma comoção sim. Parece até que vão começar a procurar nos hospitais. Será que o Sr. Barriga ainda não foi cobrar o aluguel? E se foi, será que eles não se tocaram que eu fui embora com a grana? E se não se tocaram, não perceberam pelo menos que sumiu uma mala também? É só somar dinheiro + mala + Senhor Barriga cobrando o aluguel = fui.

Mas sabe que até me deixou feliz essa comoção? Porque né, gente? Significa que eles acham que eu sou uma pessoa incapaz de fazer esse tipo de coisa. O que mostra que eles realmente não me conhecem, mas fica para outra hora...

Ou não. fica para agora mesmo senão eu esqueço: O fato deles estarem preocupados comigo e querendo ir em hospitais mostra que eu mereço um Oscar. Um Globo de Ouro. Um Urso do Festival de Berlim. Será que eu consigo me imitar tão bem assim ou as pessoas se contentam com a versão que recebem? Eles só conheceram uma

parte minha, a parte legal e boazinha e trabalhadora, porque eu pensei que essa outra parte – a escrota, inconsequente e egoísta – tivesse ido embora para sempre. Mas não, ela está aqui ainda. Ela sempre vai estar aqui. E acho que é isso que eu estou fazendo agora – parando de lutar contra a minha natureza. Minha vida é andar por aí, pulando de cidade em cidade, tendo os melhores dias da minha vida seguidos pelos piores meses.

Londres

19.02.13

Meu primeiro frasco de antidepressivos está quase no fim e sinceramente não tenho a menor ideia se está fazendo algum efeito ou não. Quero morrer um pouco menos do que queria mês passado, mas ainda quero morrer. Queria saber se o que me fez conseguir tirar o pijama e sair de casa hoje de manhã (recorde sem botar o pé na rua: 12 dias) foi a serotonina extra ou só eu me forçando a fingir que tá tudo bem.

De qualquer forma, sigo não-suicidada.

20.02.13

Comecei a escrever umas coisas no meu caderninho da Grifinória que ganhei da Chiara e precisei me controlar muito para não arrancar a primeira página e passar tudo a limpo com uma letra melhorzinha. Não fiz isso porque percebi que minha letra é essa há 30 anos, posso arrancar quantas páginas quiser que tudo vai continuar igual.

Que belíssima metáfora para minha vida, amigos.

Começo algo, acho que está meio torto e poderia ficar melhor, jogo tudo fora, começo de novo, acho que ficou pior ainda, rasgo de novo e de novo, até o dia em que morrer sem nunca ter passado da primeira página.

25.02.13

Pesei a mão no vinho na sexta e fiz merda. Fica todo mundo preocupado com tequila e uísque, mas ignoram o estrago que vinho branco faz no código de conduta de uma pessoa. Depois de três garrafas achei que era o caso de sair por aí mandando e-mails para as pessoas pedindo satisfações de coisas que aconteceram pelo menos seis meses atrás.

A única resposta que recebi foi do cara que tinha me chamado para ir ao cinema e quando eu perguntei qual filme ele respondeu "ok, bom final de semana" e encerrou o papo. Na outra semana veio

falar comigo como se nada tivesse acontecido e nunca mais respondi. Sempre quis saber qual era o problema dessa pessoa e que momento melhor para perguntar do que com 22% de álcool no sangue, né?

Ele respondeu com o clássico *it's not you, it's me* e explicou que na época estava sofrendo com crises de pânico e... panicou. Disse que ficou muito mal quando parei de responder as mensagens dele e precisou aumentar a dose da medicação. Ooops.

5.03.13

Hoje foi aniversário da Mariana, de presente comprei passagens pra gente passar o dia em Brighton. Impressionante a diferença que meia horinha no sol na beira da praia fazem. Passei a viagem de volta toda pensando que realmente tá chegando a hora de ir embora. Sinto muita falta do Rio e da praia e da sensação de que você pode estar completamente na merda, mas se passar quinze minutos olhando para o mar nada será tão ruim assim.

6.03.13

No dia em que pesei a mão no vinho e saí mandando e-mails pra geral também escrevi para um cara que saí uma vez ano passado e nunca mais vi. Não chamei na chincha na mensagem nem nada, foi só um e aí como você tá, faz ânus que não te vejo, *etc.*

Ele respondeu uns dias depois, desde então a gente tem se falando todo dia e agora ele me chamou para sair.

O que está me confundindo é que eu não lembro quem começou a ignorar quem da última vez. Jurava que ele tinha desencanado de me responder, mas ele parece tão animado por eu ter reaparecido que estou achando que esse é mais um caso para ser arquivado na pasta *Gente que me magou por ter me ignorado mas na verdade eu que ignorei e não lembro.*

09.03.13

Após o vexame da última visita, finalmente criamos coragem para voltar ao karaokê. Não sei nem porque a gente se preocupa com esse tipo de coisa, sempre rola alguém uns três níveis acima. Ontem, por exemplo, tinha um sósia do Elvis que após muito dançar veio descansar do meu lado e enquanto cochilava derrubou a dentadura no chão. Peguei antes que alguém pisasse nela e cutuquei meu amigo para avisar que seus dentes tinham caído. Ele botou de volta na boca e continuou seu cochilo, indignado por ter sido acordado. Nem me agradeceu.

E ainda dizem que a Inglaterra é um país de gente educada.

12.03.13

Kevin me escreveu de novo. A última vez foi quando me chamou pra sair umas semanas atrás e eu não respondi. Escreveu dizendo "nossa, quanto tempo, eu tava de férias em Paris e Amsterdam, vamos sair na quinta?"

Não respondi de novo e nem vou responder, mas me bate uma certa culpa. Não sei se é culpa por estar fazendo com ele algo que detesto que façam comigo ou se porque eu acho que não tenho *o direito* de simplesmente não querer sair com alguém. Como se eu devesse algo para a pessoa pelo simples fato dela ter demonstrado interesse em mim.

De qualquer forma, quero não.

14.03.13

Hoje dividi o banco do metrô com um Lulu da Pomerânia. Na verdade, dividi com uma mulher segurando um lulu, mas quem consegue prestar atenção em humanos quando rola um lulu na área, né?

Fiquei pensando em como seria lindo ter um lulu e levar ele para passear na praia. Mas daí eu pensei que vai encher o coitado de areia. E quando eu quiser viajar? Com quem ele vai ficar? Mudar de país com cachorro então, nem pensar. Choro só de pensar na

burocracia. E quando ele ficar doente, com que dinheiro vou pagar o veterinário?

Só pra ver se deu pra entender: eu estou ali, do lado de um cachorro fofo, e em vez de pensar em coisas fofas prefiro pensar em como vou conseguir um empréstimo para pagar a quimioterapia do meu cachorro imaginário.

Essa sou eu.

16.03.13

Acho que está na hora de dar um tempo de beber. Não ando achando mais a menor graça em encher a cara e tomar decisões equivocadas. Ontem trouxe um gatinho do karaokê pra casa e bateu um arrependimento porque tenho certeza que nunca mais vou ver na vida. Ele até pegou meu telefone, mas duvido muito que vá ligar. Obviamente eu não quero nada com alguém que não quer nada comigo só porque sou uma bêbada que sai levando os outros pra casa, mas bateu aquela sensação de que se estivesse sóbria não teria feito isso. Sem contar que *lembrar* das coisas deve ser maneiro também.

Tudo que eu queria era ficar em casa enrolada no meu cobertor sendo um burrito deprimido, mas preciso ir encontrar o Thom mais tarde. Outra coisa que também não estaria acontecendo se eu não tivesse equivocadamente mandado um e-mail bêbada pra ele. Poderia desmarcar, mas vou nesse encontro só para me punir por ser um ser humano tão ridículo e ver se aprendo a deixar de ser babaca.

18.03.13

Dando continuidade ao Final de Semana das Decisões Equivocadas, celebrei o St. Patrick's Day em grande estilo.

Grande estilo: tomei uma garrafa de gin, meia dúzia de pints de Guinness e trouxe o cara da barraca de cachorro quente de Camden pra casa.

Tava tudo indo bem (tão bem quanto levar um estranho pra sua casa pode ir) até que ele pediu pra usar o telefone porque precisava falar com um amigo. Deixei. Falou uns cinco minutos em uma língua que não consegui identificar (acho que ele era da Argélia?), desligou e começou a ligar para outra pessoa. Perguntei para quem ele estava ligando. “Quero ver se consigo comprar haxixe”.

Risos.

Arranquei o celular da mão dele e disse que meu telefone não era orelhão de morro pra ficar fazendo correria nele. O cara ficou puto e simplesmente foi embora sem me dizer uma palavra.

Hoje achei uma cueca embaixo da minha cama. Pessoa tava com tanta raiva que nem lembrou de botar a cueca. Não digo nada se mais tarde eu achar uma calça jeans atrás do sofá e descobrir que ele foi embora pelado.

19.03.13

Os pais da Mariana chegaram e estão ficando aqui em casa. Fui com eles até Stratford e no metrô me deu uma vontade enorme de chorar vendo ela abraçadinha com a mãe. Queria que minha mãe viesse me afofar também. Às vezes me bate essa saudade e vontade de chorar que *quero binha bãããe,* mas daí eu penso: “peraí, qual mãe?”. Nunca tive essa mãe que abraça e afofa e diz que ama. Sentir saudades desse amor de mãe é o mesmo que sentir saudades de ter um milhão na conta: nunca tive nem nunca vou ter.

20.03.13

Estava super ansiosa pelo episódio de ontem de Pretty Little Liars e me decepcionei lindamente. E isso me fez pensar: tudo na vida um dia acaba te desapontando, né? Não importa o quanto você ame. O importante é decidir se você quer lidar com esse desapontamento e continuar em frente ou simplesmente desistir. Normalmente eu desisto, mas adoraria ser um pouco mais tolerante.

Não, eu não estou mais falando de um seriado.

23.03.13

Como se não bastasse Adnan me infernizando diariamente simplesmente por existir, agora Michael resolveu botar as manguinhas de fora também. Meu gatinho passou a noite aqui e hoje de manhã quando estava indo embora o Michael estava na cozinha. Eles se cumprimentaram e assim que o gatinho foi embora ele perguntou “você nunca pega o mesmo cara mais de uma vez não?” Dei um risinho amarelo e respondi que esse era o mesmo cara da semana passada, mas poderia ter dado várias outras respostas.

- Você nunca pega o mesmo cara mais de uma vez não?
- Alguém precisa trepar nessa casa, né.

- Você nunca pega o mesmo cara mais de uma vez não?
- Não.

- Você nunca pega o mesmo cara mais de uma vez não?
arranca a faca da mão dele e o esfaqueia até a morte

Preciso mudar dessa casa urgentemente.

29.03.13

Impressionante a diferença que alguns dias fazem. Na segunda estava obcecada com o gatinho pensando se ele ia me ligar ou não. Na terça acordei com amidalite e mandei mensagem perguntando se estava tudo ok, porque no sábado ele não parou de tossir na minha cara e agora eu estava doente. Só me respondeu de madrugada, quando eu já estava dormindo. Quando acordei minhas amídalas já estavam tão fodidas que problemas sentimentais eram a última preocupação da minha lista. Passei a quarta com febre, gastei setenta libras no médico para pegar receita de antibiótico e fui assistir Book of Mormon me arrastando porque comprei o ingresso

antes de saber que essa seria a semana da minha morte. Só na quinta eu fui perceber que ele ainda não tinha respondido minha última mensagem. E também percebi que caguei. Não tenho a menor vocação pra gostar de quem não gosta de mim. Inclusive, acho que esse é o item mais importante para me fazer gostar de alguém: ser recíproco.

30.03.13

Após muita luta mental finalmente comprei a câmera que sempre quis. Trezentas libras. Metade do aluguel. Não vai fazer falta alguma esse dinheiro, ainda mais agora que cancelei a viagem pra Brighton por causa da amidalite e estou sem beber por um tempo por causa dos antibióticos, mas comprar qualquer coisa acima de dois dígitos sempre me enche de culpa e pânico. Não importa quanto dinheiro eu ganhe, acho que nunca vou perder esse medo de que a qualquer momento eu posso voltar a morar na rua e precisar vender tudo que tenho. Gato escaldado, *etc.*

31.03.13

Queria ter ido assistir a corrida dos bodes hoje.
Não fui.

Tinha que ir ao mercado.
Não fui.

Baixei um tutorial para aprender a mexer na câmera nova.
Não assisti.

Banho?
Não.

Tirar o pijama?
Não.

Sair da cama?
Risos.

Mais um excelente domingo de páscoa.

9.04.13
Dez dias do mais puro nada.
Quanto menos eu faço, menos eu tenho vontade de fazer. Aquela sensação de que meu único talento é ficar deitada em silêncio olhando para o nada pensando em todos os erros que eu já cometi. Nesses momentos eu penso em voltar para o Brasil. Entre em ser um zumbi deprimido aqui e ser um zumbi deprimido no nordeste, acho mais vantagem o nordeste, pelo menos dá pra tomar um solzinho e olhar pro nada na praia.

29.04.13
Primeiro dia que acordo sem febre e consigo sair da cama em quase três semanas.
Comecei a me sentir mal dia dez e nunca mais parei. Dia dezesseis, quando já estava com febre e dificuldade para respirar há dias, finalmente fui para o hospital. Passei a noite toda fazendo exames – sangue, raio-X, eletro, tomografia – para no final decidirem que era gripe e me mandarem pra casa com uma caixa de paracetamol.
Ok.
Três dias depois fiquei ainda pior, febre na casa dos quarenta e cada vez mais dificuldade para respirar. Volto para o hospital e após passar a noite internada tomando soro decidem que é pneumonia e me mandam pra casa com uma pilha de antibióticos.
Até aí a história tá bem chata, quem nunca ouviu que sua pneumonia era gripe, né? Errar é humano, blá blá.
O plot twist começa quando resolveram olhar melhor meus exames e na tomografia acharam um tumor no seio. O resultado da biópsia

sai amanhã.

PROMOÇÃO MALUCA: CONTRAINDO UMA PNEUMONIA LEVE ABSOLUTAMENTE GRÁTIS UM CÂNCER. APROVEITE QUE É POR TEMPO LIMITADO.

30.04.13

A arte da positividade: o médico diz que tudo indica que o tumor benigno e por causa disso o resultado da biópsia só vai ficar pronto daqui duas semanas. A única coisa que eu escuto é que o resultado só fica pronto em duas semanas.

1.5.13

Daí minha mãe ligou para saber como eu estava. Ela só sabia da pneumonia e resolvi contar do tumor também. Poderia ter resolvido contar sobre o novo sanduíche do Mcdonald's que a reação seria a mesma. Tá certo que sensibilidade nunca foi o forte da família Barbi, mas confesso que esperava um pouquinho mais de emoção ao contar que posso estar com câncer aos 29 anos. No final ela disse "Vai dar tudo certo. Como o seu pai dizia, *já deu* certo".

Pensei em lembrá-la que meu pai morreu de câncer mas seria insensibilidade demais. Até para uma Barbi.

9.05.13

Call me fresca, mas acho que estou sofrendo de stress pós traumático. Ando completamente apavorada de ficar doente de novo. Virei a louca do álcool gel e qualquer coisinha um pouco fora do normal eu já acho que é sintoma de alguma coisa mortal. Primeira coisa que fiz hoje foi dar um google em urina+clara+demais. Semana passada eu estava buscando urina+escura+demais. Não tenho como sobreviver. Se tá muito escura é falência renal. Se tá muito clara é câncer. O pior é que eu nem faço tanta questão assim de viver (se cair dura no chão por favor não tentem me reanimar, tô sussa, já vivi o suficiente) mas não

quero ficar doente. Morrer tá tudo bem, *ficar morrendo* eu não quero.

Ligaram do hospital marcando consulta com um hematologista (leucemia?) e ainda estou esperando me avisarem quando o resultado da biopsia ficar pronto. Enquanto isso, tento descobrir na internet quanto tempo de vida ainda me resta.

12.05.13

Amanhã tenho outra consulta e só de pensar em ter que voltar naquele hospital quero morrer. O que não deixa de ser irônico, visto que eles só querer me fazer viver mais.

13.05.13

O Médico Pontual – The Musical A emocionante história de um médico que sonhava em ser pontual e teve que lutar contra toda a classe médica para quebrar o juramento que fez de nunca atender ninguém no horário marcado.

14.05.13

Após muito esperar, e muito tentar decifrar o sotaque da médica russa, descobrir que minha pneumonia na verdade era mononucleose. Recapitulando: Primeiro dizem que é gripe e me mandam voltar pra casa tomar paracetamol.

Depois decidem que é pneumonia e me entopem de antibióticos.

Daí resolvem que era mononucleose, nem precisava ter tomado remédio.

E nada do resultado da biópsia.

Saudades SUS.

São Paulo

12.06.13

Diria que ter voltado para o Brasil foi uma completa perda de tempo, mas pelo menos serviu para me fazer refletir sobre as minhas escolhas e como elas foram completamente equivocadas até hoje.

Amanhã eu vejo o que eu faço.

Epílogo

Não era câncer.